

**JORDÃO:
20 MIL CONTOS
PARA VER
A FAMÍLIA**



Um grupo de jogadores angolanos partiu esta tarde para Angola, onde vão participar numa série de jogos a favor das vítimas dos recentes acontecimentos registados naquela ex-colónia. A iniciativa tem o patrocínio do M.P.L.A. e como nota discordante do espírito da embaixada, a exigência que o Benfica faz no sentido dos seus atletas serem seguros em quantias avultadas. Assim, Jordão vale 20 mil contos só para ir ver a família...

(Ler na pag. 16)

AGRAVAMENTO DA SITUAÇÃO EM ANGOLA

EXÉRCITO PORTUGUÊS AMEAÇA INTERVIR

LUANDA, 30 (Especial para o «DL») — Os incidentes que se registaram nos últimos dias na área do Cachito podem perturbar a anunciada cimeira entre os três movimentos de libertação angolanos — disse ontem o Alto Comissário da República Portuguesa em Angola, general Silva Cardoso, ao ler um comunicado da Comissão Nacional de Defesa, em que se imputam todas as responsabilidades da eclosão da violência ao M.P.L.A.

O comunicado do Alto Comissário anuncia ainda, para se tentar pôr fim aos incidentes, prevê-se, em caso de necessidade, o emprego de forças especiais, que podem incluir paraquedistas e meios aéreos. Está prevista para hoje a deslocação às áreas afectadas de delegações especiais para deliberarem nos locais com as forças em presença sobre o termo das hostilidades. Ontem foram também lidos pela rádio dois comunicados dos estados maiores das F.A.P.L.A. e E.L.N.A. em que se fazem apelos ao cessar fogo, à colaboração com as Forças Armadas Portuguesas e ao levantamento das barragens nas estradas.

Esses incidentes, que causaram pelo menos 18 mortos e 36 feridos até ontem — números fornecidos pelo Hospital de S. Paulo, em Luanda — começaram na madrugada do dia 28 na área do Cachito, importante localidade a 50 quilómetros de Luanda, tendo alastrado rapidamente por toda a fa-

ixa que margina as importantes estradas que saem da capital para Malanje e Carmona. Ao mesmo tempo, também a vila do Dondo, um importante nó rodoviário que constitui o acesso principal ao Sul e Leste de Angola, foi afectada pelos acontecimentos o que pode fazer perigar o abastecimento de géneros à cidade de Luanda. O fornecimento de água e luz podem igualmente vir a ser afectados uma vez que se regista forte tensão nas Mabubas e na barragem de Cambambe.

De realçar, entretanto, que Jonas Savimbi regressou ontem de Kinshasa, onde se deslocou por duas vezes em 48 horas e onde conferenciou, por três vezes, com Holden Roberto. A sua chegada ao aeroporto, Savimbi declarou igualmente ter-se avistado com Mobutu, que se teria mostrado muito interessado na resolução dos problemas angolanos. Savimbi não se demorou em Luanda partindo pouco depois para a Lunda, a fim de se avistar com Agostinho Neto, que se encontra de visita aquela região. O presidente da UNITA declarou ainda estar «farto de ser caixeiro viajante», afirmando que apenas o fazia por considerar que a sua acção pode ser importante.

Quanto à cimeira não há dados concretos, mas corre com insistência que se realizará em meados do próximo mês numa capital africana, provavelmente Nairobi.

Continua na pag. 4



LINHA DO VALE DO VOUGA PROTESTOS POPULARES, VITÓRIA POPULAR

A linha do Vale do Vouga, encerrada em pleno regime fascista a pretexto do grande incêndio que na região eclodiu em 1972, vai reabrir oficialmente dentro de dias. Pode considerar-se uma grande vitória das massas populares beiroas, que de imediato lutaram contra a decisão arbitrária, sendo es-

sa uma das grandes manifestações de massa ao lado da luta contra a usurpação dos baldios. A linha férrea vai reabrir, como «via piloto», sem as velhas locomotivas a carvão e mais racionalizada. Mas nessa racionalização reside o problema: muitas estações foram fechadas, prejudicando realmen-

te núcleos de trabalhadores que não se conformam. Há forças reaccionárias que aproveitam o descontentamento, mas situações de injustiça devem ser remediadas e discutidas.

Por isso, a nossa reportagem na pag. 9, com trabalhadores de Riomeão

VASCO GONÇALVES DISCURSA NA N.A.T.O.

Bruxelas, 30 — Vasco Gonçalves deverá intervir hoje na reunião cimeira da N. A. T. O. Embora não tenha divulgado o texto da sua intervenção pensa-se que o Primeiro-Ministro português exporá a posição portuguesa relativamente à política de coexistência, incluindo possivelmente referências significativas à Conferência de Segurança Europeia, à qual Portugal atribui a máxima importância.

Entretanto a capacidade política e a franqueza de Vasco Gonçalves têm impressionado favoravelmente, quer os muitos dezenas de jornalistas presentes na cimeira, quer os próprios interlocutores do Primeiro-Ministro português. E a expectativa criada à sua volta (ontem à tarde havia já cerca de trinta pedidos de entrevistas) tem sido de tal ordem que Vasco Gonçalves deverá conceder ainda hoje uma conferência de Imprensa.

Ontem, a agenda de trabalhos da delegação portuguesa foi «dura». Assim, logo às 10 horas, Vasco Gonçalves recebeu o primeiro-ministro do Luxemburgo, Gaston Thorn, com

quem discutiu problemas relativos à emigração naquele país, onde a colónia portuguesa representa dez por cento da população. Mais tarde, ainda no hotel, o chefe do Governo reuniu-se com os primeiros-ministros da Dinamarca e da Holanda. Antes, Vasco Gonçalves tivera um rápido encontro com o primeiro-ministro belga Tin-demans.

Vasco Gonçalves diria, mais tarde, que em todos estes encontros apresentara uma informação sobre Portugal, baseada em quatro pontos: «A nossa posição na Europa, a nossa posição dentro da N. A. T. O., a nossa posição em relação aos países que Portugal colonizava e, finalmente, os problemas decorrentes e a atitude a ter perante a necessidade de um desanuviamento internacional.»

Continua na pag. 20



O Primeiro-Ministro português, general Vasco Gonçalves e o chanceler da Alemanha Federal, Helmut Schmidt, fotografados durante o encontro que tiveram esta manhã em Bruxelas. (Telefoto UPI-Telimprensa).

M.D.P. DESMENTE CISÃO

Está reunida desde as 11 da manhã, na sede da Rua Antilharia 1, a Comissão Central do M.D.P./C.D.E., em sessão (que se prevê possa alargar-se até tarde fora) presidida por Lino de Carvalho. Na agenda desta ca-se um ponto classificado como «clarificação política interna».

Fontes próximas do partido desmentiram que houvesse ali qualquer cisão na sequência de «conhecidas divergências» referidas hoje pelo semanário «O Jornal». Sabe-se entretanto, que dois membros da Comissão Central, Ana Maria Alves e Manso Pinheiro, apresentaram uma proposta tendente à dissolução do M.D.P. como partido e sua transformação numa Frente Unitária Revolucionária. A proposta foi recusada.

Amanhã a Comissão Central reúne-se em Aveiro, sendo os trabalhos de ontem e de hoje considerados preparatórios desse encontro. No próximo mês de Setembro será reeleita uma nova Comissão Central — confirmaram também aquelas fontes.

Nacional

I CONGRESSO DAS AUTARQUIAS LOCAIS

QUANDO, ONDE, E PORQUÊ

Como já foi tornado público, vai efectuar-se, em Coimbra, nos dias 27, 28 e 29 de Junho, o I Congresso Nacional das Autarquias Locais.

Ora o que é o Congresso das Autarquias? O Congresso das Autarquias é um amplo movimento de todas as unidades básicas de associação das populações: Comissões de Moradores, de Lugar, Aldeia e Bairro; Juntas de Freguesia; Municípios; Comissões de Trabalhadores das Autarquias; etc..

Trata-se de um Congresso em que os participantes estão empenhados na democratização da vida cívica e na criação de formas de intervenção efectivas, na realização das aspirações e na resolução

dos problemas comunitários.

Pode desde já afirmar-se que as populações estão a demonstrar que querem uma verdadeira transferência, para si, dos poderes de decisão e de gestão da vida local e regional.

Assim, o Congresso tem em vista fazer ressaltar fundamentalmente o que as populações pensam e sentem sobre: as formas de escolha e participação nos órgãos administrativos das autarquias locais a todos os níveis; os ajustamentos que há que fazer nas unidades administrativas (autarquias dema-

siadamente grandes ou com dimensões inadequadas à vida económica da região ou às funções que lhes deverão competir exercer) e muito especialmente ao papel a desempenhar pelas unidades básicas onde primariamente se associam (as comissões de moradores, de aldeia, etc.); o âmbito das competências dos órgãos locais e regionais aos vários escalões, em todos os apelos políticos, sociais, económicos, técnicos e financeiros. Assim, aguardam-se propostas para um aumento efectivo da capacidade

e da autonomia financeira das autarquias, sem as quais a descentralização das competências não é possível; os problemas de capacidade técnica para o exercício das futuras responsabilidades das autarquias locais. A criação e controlo de órgãos técnicos de apoio local para a elaboração dos projectos de infra-estruturas regionais (transportes, saneamento básico, equipamentos colectivos, etc.) para o estudo e as reformas dos circuitos económicos da região (o escoamento dos produtos agrícolas, por exemplo) para assistência técnica à produção local (as reformas agrárias ou a recuperação das indústrias tradicionais), para a construção ou recuperação das zonas de habitação, etc., torna-se imperativo, se não se quer continuar à espera da resposta e do interesse dos Ministérios de Lisboa; a participação das populações na gestão adequada dos serviços sociais (centros de saúde e assistência, creches, equipamentos culturais, desportivos, etc.) e na promoção do desenvolvimento sociocultural da região; a estruturação de coordenação a nível local e regional, já criadas ou a criar (as Rim's, as Rij's, as Ric's, os órgãos de planeamento regional, as assembleias nacionais dos municípios, etc.) e a forma como garantirão a informação e a audição das populações e dos trabalhadores da função pública, na preparação dos planos regionais e nacionais.

Preende-se, assim, que o Congresso das Autarquias Locais contribua para que as aldeias, as vilas e as cidades sejam apropriadamente reconquistadas por quem nelas trabalha e habita.

TEMÁTICA DO CONGRESSO

A temática do Congresso é a seguinte:

1. Divisão Administrativa do País: Objectivos, âmbito, competência da Administração Regional e Local; 2. Estruturação da Orgânica política Local e Regional: Estatuto político do poder local e regional para substituir o Código Administra-

tivo, Coordenação dos vários órgãos do poder local, reforço da capacidade de intervenção das autarquias locais, política geral do planeamento urbano, urbanismo, habitação e meio ambiente; 3. Estruturação da Orgânica Administrativa Local e Regional: Órgãos de apoio aos serviços de administração local e papel dos trabalhadores da função pública e a sua participação; 4. Fontes de Financiamento nas Autarquias Locais: Autonomia financeira e as políticas fiscais e a sua contribuição na redução das assimetrias locais e regionais; 5. As autarquias locais face aos problemas económicos: Intervenção nalguns circuitos económicos para defesa dos interesses do consumidor e do produtor e apoio às actividades económicas das populações; 6. As autarquias locais face aos problemas socioculturais: Cultura, recreio e desporto e assistência médico-social.

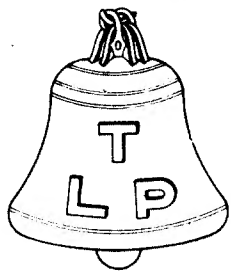
QUEM PARTICIPA

Quem participa e quem apresenta teses no I Congresso das Autarquias Locais?

As Câmaras Municipais, as Juntas de Freguesia, as Comissões de Moradores e de Lugar e as Comissões de Trabalhadores das Autarquias Locais.

As teses a apresentar serão colectivas e deverão obedecer aos seguintes requisitos: não limitação de páginas (acompanhadas de uma síntese a 3 páginas a 2 espaços), uma proposta facultativa (uma página) e nome e morada dos representantes da comunidade que apresentou a tese.

Finalmente: as teses têm de ser enviadas até 12 de Junho à Comissão Executiva do Congresso Nacional das Autarquias Locais — Praça do Município, Câmara Municipal de Lisboa.



TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

Com a entrada em vigor da Lista Telefónica n.º 94 do Grupo de Redes de Lisboa, na noite de 30 para 31 de Maio proceder-se-á:

1.º — À alteração dos prefixos numéricos dos telefones dos Assinantes das Centrais Automáticas seguintes

Centrais	De	Para
Algés	21	211
	270	2750
Almada	271	2751
	278	2768
	279	2769
Cascais	284	2864
Montijo	230	2310
	231	2311

EM CONVERSACÕES PARA ESTAS ÁREAS MARQUE SEMPRE O NÚMERO COMPLETO

2.º — À alteração dos prefixos numéricos dos telefones dos Assinantes das Centrais Manuais seguintes:

Centrais	De	Para
Abóboda	2479	2440
Malveira	242	2562
Palmela	235	2350
Sesimbra	229	2233

3.º — À automatização da Central de Santana (números iniciados por 2231) devendo ser marcado sempre o número completo para sua ligação.

4.º — À alteração de números de P. P. C. nas Centrais de Areeiro, Belém, Norte, Pedrouços e Poço do Bispo.

5.º — E ainda que os Assinantes da Central do Barreiro passam a ter acesso à rede interurbana (IU).

LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES

CONSULTE A NOVA LISTA N.º 94

O secretário de Estado do Trabalho visita o Porto

PORTO, 30 — O secretário de Estado do Trabalho, Carlos Carvalhas, desloca-se amanhã ao Porto, em visita de trabalho. Acompanham-no representantes do Ministério da Indústria e do Instituto de Auxílio às Pequenas e Médias Empresas.

Na agenda do secretário de

Estado, estão incluídas reuniões com o Secretariado Permanente da União dos Sindicatos do Porto e com representantes das União dos Sindicatos do Norte.

À tarde, Carlos Carvalhas visitará as instalações da C. I. F. A., em Sobrado (Valongo).

ZEP — AGÊNCIA DE VIAGENS

No relatório que ontem publicamos da Zep — Agência de Viagens e Turismo, S.A.R.L. indicávamos como técnico de contas o sr. José Luis Colaço e como membro do Conselho

de Administração o sr. Gastão Porto de Almeida Júnior, quando os seus verdadeiros nomes são, respectivamente, José Reis Colaço e Gastão Porto de Almeida Santos Júnior.

COMPANHIAS REUNIDAS GÁS E ELECTRICIDADE

AVISO AOS CONSUMIDORES

Trabalhos inadiáveis para a boa conservação das redes obrigam-nos a interromper, durante algumas horas, o fornecimento de energia eléctrica no próximo domingo, nos seguintes Sectores e Zonas:

1.º Sector — **Concelho de Lisboa:** Rua da Junqueira, 182 a 200. (Das 8 às 12 horas).
4.º Sector — R. Mina Marques Pereira (das 8 às 12 horas).
5.º Sector — Cd.º Eng.º Miguel Pais, 34 a 58, Beco do Colégio dos Nobres. (Das 8 às 12 horas).
6.º Sector — C.º do Moinho de Vento. (Das 8 às 12 horas).
8.º Sector, Rua Actor Vale, 16-B a 20, 26-A a 34-B, 35-E a 21-A e Escola Primária. (Das 8 às 12 horas).

1.ª Zona — **Concelho de Oeiras** — ALGÉS: Rua José Duarte Pedroso, Rua Vitor Duarte Pedroso, Est. das Romeiras, Cd.º do Rio, Rua Luis de Camões, Av.º Combatentes da Grande Guerra, Rua Filipe Duarte Pedroso; Av.º da República e imediações. (Das 8 às 14 horas). LINDA-A-VELHA: Rua Fontes Pereira de Melo, Rua de Malvar, Rua das Biscoiteiras, Impasse de St.º Antonio, Est.º da Rocha e imediações. (Das 8 às 14 horas).

2.ª Zona — **Concelho de Cascais-RANA:** Rua Palmira Bastos, Rua dos

Comboios e imediações. (Das 8 às 14 horas).

Manique de Baixo, Carrascal de Manique. (Das 8 às 14 horas).

3.ª Zona — **Concelho de Sintra:** Cortegaca, Coutim Afonso. (Das 8 às 14 horas).

4.ª Zona — **Concelho de Mafra:** Vila Pouca, Enxara do Bispo, S. Sebastião, Enxara dos Cavaleiros. (Das 8 às 15 horas).

5.ª Zona — **Concelho de Vila Franca:** Casal do Brejo, Rua do Brejo (Das 8 às 14 horas).

6.ª Zona — **Concelho de Alenquer:** Paredes de Alenquer. (Das 8 às 14 horas).

7.ª Zona — **Concelho de Torres Vedras:** Outeiro da Cabeça. (Das 8 às 14 horas). Ramalhal. (Das 8 às 14 horas).

Torres Vedras (Das 8 às 14 horas).

post scriptum

Socialismo para todos

Disseram num programa do M.F.A., na TV, que não devemos ter medo de falar. Para dizermos a verdade temos medo de o fazer visto que, somos abusivamente acusados de reaccionários e oportunistas também por elementos do M.F.A. na Rádio. Isto porque reivindicamos justamente melhores condições de vida.

Claro que reagimos ao vermos a desigualdade que paira entre trabalhadores do Estado.

Nós por exemplo para exercermos a nossa função ao serviço do Estado precisamos de transporte, mas não nos fornecem viaturas. O automóvel é impossível pagar-se num só ano. A gasolina enquanto para outros camaradas — mui justamente — é a 850 para passearem, para nós é a 1250 para trabalhar para o Estado. Nos comboios não beneficiamos dos 75 por cento de desconto. O nosso trabalho também nos exige esforço físico, no entanto, não beneficiamos dos 36 anos para a reforma. Somos vítimas do desgaste de uma comissão nas colónias, mas não temos acréscimo de vencimento, à semelhança dos militares de carreira.

É este o caminho para a sociedade socialista que o M.F.A. quer implantar?

E os sacrifícios, por quê pedi-los só a nós?

Ainda noutro programa do M.F.A. disseram que determinado trabalhador agrícola estava a ser revolucionário quando reclamava melhores condições de vida. Porquê então essa má vontade contra nós?

Temos consciência que o Estado não tem dinheiro. Não compreendemos é que haja dinheiro para todos menos para os civis da Função Pública.

Ou não somos Povo?

Já fomos das Forças Armadas e desempenhámos os nossos postos tão bem como os que hoje são do M.F.A., com a diferença de termos sido comandados por eles.

As Forças Armadas não são mais democráticas que outras, que só não tinham as armas para derrubar a ditadura. Ainda as Forças Armadas estavam integradas dentro do espírito colonialista e já nós protestávamos. Com isto não pretendemos ensombrar o glorioso Movimento do 25 de Abril e o espírito revolucionário dos oficiais que o fizeram.

Camaradas do M.F.A. as nossas reivindicações são tão justas como as que aos Senhores serviram de trampolim para derrubar o fascismo.

Não está certo que uns tenham todos os privilégios e outros nada, numa sociedade democrática a caminho do socialismo.

O antigo regime para justificar os péssimos vencimentos e a ausência de regalias sociais acusava-nos de pouco fazermos. Há que desfazer esse mito como tantos outros criados por conveniência do fascismo.

Por exemplo, a Caixa Geral de Depósitos era do Estado, pois os seus funcionários eram vítimas dessas acusações e tinham fracos vencimentos.

Depois passou a empresa pública melhorando substancialmente vencimentos e regalias sociais. Será que só agora trabalham, depois de deixar a função pública?

Conhecemos o caso de um engenheiro agrônomo ganhando nove mil escudos no Estado. A filha, com dois anos de banco e sétimo ano incompleto, ganha onze contos. São apenas dois exemplos. Não é por acaso que a Polícia Judiciária e os bancários não querem ser simples funcionários públicos!

O dinheiro das empresas nacionalizadas não dará para nos pagarem decentemente? Nós temos esperado desde o tempo do Salazar e esperamos mesmo mais, no entanto pedimos vencimentos actualizados e regalias sociais como os outros. Não queremos greve, já o dissemos e assim procedemos, mas também somos seres humanos.

Não pretendemos diminuir seja o que for aos nossos camaradas, com fardas ou outros, mas apenas lembrar e comparar desigualdades tremendas, já que nos acusam e marginalizam injustamente de todos os outros trabalhadores.

Temos sempre acatado as mais diversas explicações dos vários governos, como cordeiros. Não como nos acusam certos partidos, e mesmo elementos do M.F.A., de sermos contra-revolucionários.

O Povo está com o M.F.A. e este deve estar com o Povo também.

Aqui fica o nosso desabafo que graças ao 25 de Abril de 1974 nos é permitido.

Isidro Tanganho — regente agrícola — Lisboa

Afinal assim é que é

Acabo de assistir a uma emissão da rubrica «Afinal como é?» e confesso que senti uma alegria extraordinária, não só pelo programa em si, pois foi mais uma demonstração inequívoca de que a vontade das massas populares progressistas do nosso país pode fazer pelos seus semelhantes, como pela parte final, em que uma mulher simples do nosso tão sacrificado povo, que se confessou analfabeta (não por sua culpa, claro está), nos mostrou a sua extraordinária força de vontade e nos fez ver também como todos nós, independentemente da cultura, da idade e das ideologias políticas, podemos dar a nossa contribuição para o avanço célere do processo revolucionário que estamos vivendo. (...) São espectáculos como este a que acabo de assistir que nos enchem de orgulho e nos motivam.

Orlando Marçal (o resto do nome indecifrável) — Lisboa

INOVAÇÃO ROMÂNTICA — CONVENÇÃO DINÂMICA PARADIGMA OU FATALIDADE

Por TOMÁS TAVEIRA

Não será admissível que hoje se pense, e entre as diferentes ideias e sistemas mentais não se encontrem interpretações de regras, que conduzam a que haja um certo sentido a uma equivalência entre os mesmos significados os seus respectivos significados, (tal como são definidos hierarquizados e explicitados no quadro do seu território científico específico), em diferentes territórios da preocupação mental do homem. Efectivamente parece ter sido uma constante da cultura o estabelecimento em cada época histórica, para além dos seus símbolos mais ou menos estáveis como os religiosos por exemplo, de um certo número de convenções e regras com a ajuda das quais os homens estabeleciam as suas bases de leitura do Mundo, de leitura de todo o Universo de sinais, quer estes se relacionem com o ser individual ou com o ser integrado num espaço colectivo. E por maioria de razão, o estabelecimento dessas regras ou convenções pode ocorrer dentro dos limites históricos da sua própria época, isto é, dentro de um quadro restrito de tempo e de acontecimentos, (dentro do quadro) da dinâmica histórica de cada momento humano, e susceptíveis de serem utilizados portanto pelos seus próprios inventores.

Há assim, um percurso geral para o entendimento mais ou menos uniforme de certas ideias dentro dos mesmos espaços culturais; quer sejam espaços considerados ao nível de uma classe social, de grupos sócio-profissionais, de uma região de um país, ou um sentido físico mais largo ao nível de uma parte de um continente, e dentro de certas dimensões de tempo, que acabem por vezes por atingir os séculos. Isto pode justificar, de igual modo, que em múltiplas circunstâncias, os homens encontrem soluções idênticas para os seus problemas, derivadas que são, do acto de elegerem como fundamentais objectivos semelhantes ou mesmo iguais.

Poder-se-á assim, como é natural, justificar também uma certa homogeneidade da estrutura mental do homem, do modo como ele adquire conhecimentos, elabora conceitos, ou estabelece análises, desde que sob a influência cultural do mesmo espaço antropológico. Deste modo, dir-se-ia que o modo mental, que mais fortemente, pode vir a sofrer a influência de «regras» ou «convenções» é o mundo das ideias que se estruturam em ordem à conceptualização; mundo esse que diz respeito à arte e à política.

A primeira, porque tem como preocupação fundamental a unidade e a coerência das vivências humanas, apesar da

rotura que se «consume» quando ela atinge o processo da sua Expressão. Isto porque o processo artístico envolve uma dualidade, para muitos entendida como a essência da própria arte, mas que não será mais do que um reflexo ou ela própria a estrutura da acção do espírito quando nesse exercício.

Essa dualidade será precisamente a Simultaneidade do elemento racional com o irracional, a diferença entre o sujeito e o objecto da sua experiência, o pensamento e a sua corporificação.

Também a política, na sua pureza, é afectada pela estrutura de dualidade do pensamento e da acção esforçando-se na praxis para que haja um máximo de consonância entre ambos os modos do ser e do espírito, consonância essa que se consubstancia pelo atingir um objectivo final, pelo atingir de uma certa expressão real, como seja, por exemplo, o progresso do povo. Daqui, que a partir da ideia de que existe de facto um processo mental semelhante, se possa, até certo ponto, admitir que há uma «proximidade» flagrante entre os dois tipos de imaginação. A imaginação poética referente à arte, e a imaginação da acção (em si uma forma de poética) referente à

política, carecendo tanto uma como a outra da confirmação da expressão, que lhe é conferida pela realidade física do fazer e do intervir, do conjunto das acções e das respectivas reacções do mundo em que elas se vão inscrever.

Assim, se pensarmos nas diferentes e necessárias operações mentais a que obrigam uma e outra ordem de profissões e exercícios de viver, e nos diferentes modos de fazer actuar a infra-estrutura de conhecimento, em ordem à conquista de um modelo, cuja explicitação poderá ser original, poder-se-á verificar que não é admissível, que se faça tábua rasa do mundo anterior (regra ou convenção, conhecimento científico ou sentimental, racional ou irracional) nem ao contrário, esse mundo anterior pode ser eleito como a única fonte de conhecimento possível.

Dentro deste quadro de aproximação haverá que dotar a alma de uma regra e de uma norma para a definição do que representa em cada momento histórico a inovação e a convenção, o que representa como valor espiritual e activo a ideia de originalidade e permanência tendo em vista os objectivos claramente definidos a atingir.

Vimos que desde a Idade

Continua na pág. 18

CRESCIMENTO ECONÓMICO E IDEOLOGIA

Por PIERRE PASCALON

Desde 1945, que no palco desse teatro vivo que é a vida dos homens, as populações de todos os nossos países aprendem continuamente a representar a peça do crescimento. Peça nova? Nem por isso. Peça pelo menos bicentenária. Sem ir mais longe no tempo, basta com efeito lembrar o lugar que o conceito de crescimento económico já tinha antes e durante a revolução industrial, como reflexo do sistema de valores do capitalismo nascente. Mas por mais ampla e antiga que seja a ideia de crescimento, nunca a palavra em si própria conseguiu inculcar-se, dotar-se de uma vida própria como depois da Segunda Guerra Mundial.

Com efeito, é bem certo que depois de 1945 o crescimento económico conseguiu fazer-se aceitar como um objectivo supremo, uma finalidade em si. Foi só nestes últimos anos que se descobriu claramente, para além dessa ideologia do crescimento, a máscara dos sistemas neocolectivista e neocapitalista actuais. Mas se a contestação do crescimento nos permitiu compreender melhor que não há crescimento em si próprio, mas apenas crescimento num sistema, ela leva-nos a reflectir nos traços daquilo que deverá ser, amanhã, um novo modelo de crescimento.

Crescimento pelo crescimento, crescimento num sistema, crescimento num novo sistema, são estas as três etapas que a história das nossas nações — tanto a Este como a Leste — traz consigo, desde o fim do segundo grande drama mundial.

A IDEOLOGIA

Depois de 1945, o evangelho do crescimento pelo crescimento, impôs-se em todos os países. Nem mesmo lhe escapou a União Soviética que, na sua preocupação de alcançar as nações da O.C.D.E. — em especial os Estados Unidos — mobilizou o ardor do seu povo no desenvolvimento da produção nacional por habitante e na taxa de crescimento a realizar, mais do que no conteúdo dos planos a pôr em acção. Assim, foi na U.R.S.S. que mais fortemente se impôs o imperativo do crescimento pelo crescimento, a lamentável confusão entre o progresso da colectividade e a produção do aco.

Propomo-nos, no entanto, ver, apenas como nasceu nos nossos países essa quase religião do crescimento. Ao sair da Segunda Guerra Mundial chega-se — paradoxo — a fortalecer na consciência popular a ficção do crescimento apresentada como significando um estágio novo, radicalmente diferente do passado, liberto do sistema capitalista mundial, escolha de sistema que já não permite reflectir em termos de capitalismo ou colectivismo.

A manipulação ideológica, largamente facilitada pela recordação difícil do cortejo de desempregados da grande depressão, fez-se graças à repetição de uma dupla equivalência, incansavelmente martelada:

- 1) O progresso social é função do progresso económico;
- 2) O progresso económico é função da taxa de crescimento. Serão necessárias provas?

Mas se é certo, como o fazem crer as relações precedentes, que a insuficiência da taxa de crescimento significa uma perda de bem-estar, um abrandamento do progresso, compreende-se melhor que o imperativo do crescimento, a necessidade imperiosa de aumentar o potencial produtivo, tenham podido conseguir até aos últimos anos a unanimidade nas sociedades ocidentais.

Em França, tanto os que detêm o poder como também, em certa medida os partidários do Programa Comum (socialistas e comunistas) tenham podido encontrar-se nesta mística do crescimento. Também não é de espantar o facto de esta assimilação abusiva do progresso e do crescimento económico serem acompanhadas por uma preocupação obsessiva com a taxa do crescimento e com o produto nacional.

Com efeito, é certo que esse indicador se tornou o símbolo dos nossos anos do pós-guerra, o seu novo ídolo. Melhor, talvez não seja descabido falar, nos anos 60, de um verdadeiro fetichismo do produto nacional.

Não há «crescimento pelo crescimento», o crescimento como «tal» é uma simples abstracção. Com efeito, o crescimento é um fenómeno humano total, isto é, não só económico mas também social, cultural, político. Como tal, o crescimento não se concebe fora de um sistema que determina a vida quotidiana de cada um sob todos os seus aspectos. Segundo a terminologia de Raymon Berre há por um lado um «crescimento liberal, es-

pontâneo», e por outro um «crescimento planificado». Ambos esses crescimentos põem na verdade em causa todo o sistema social que o põe em acção, que o convém.

A realidade concreta do crescimento depende do sistema económico que constitui o quadro da sua existência. É o que nos últimos anos é afirmado pela descoberta da ambivalência de cada tipo de desenvolvimento realizado nos diferentes sistemas. Com efeito, em primeiro lugar mede-se melhor a ambiguidade do desenvolvimento planificado, isto é, o custo individual de um crescimento que se inscreve num sistema teórico — o sistema colectivista e neocolectivista — que dá demasiada prioridade à indústria pesada.

As finalidades actuais do crescimento ocidental? O nosso actual neocapitalismo marca o triunfo da concepção materialista quantitativa e individualista do bem-estar. É um modelo materialista e quantitativo na medida em que visa essencialmente a acumulação dos bens materiais, supondo implicitamente que a qualidade da vida humana cresce com o fluxo de objectos atirados para o quadro vazio do consumidor. É, de resto, um modelo individualista na medida em que, guiado muito exclusivamente pelo lucro, este sistema favorece os consumos individuais em prejuízo das preocupações de solidariedade e de justiça social.

É este quadro contagioso e desmobilizador, são estes valores duvidosos que devemos re-

© («Le Monde»)

Ferreira de Castro: a última viagem

«Nunca pedi nada à minha Pátria, nunca pedi e jamais recebi qualquer favor ou amparo oficial. Hoje, porém, faço-lhe uma solicitação, ao mesmo tempo a primeira e a última: é um pedido lírico, sentimental, e morrerei com a esperança de que me não será negado. Peço às autoridades de Lisboa e de Sintra, das quais a anuidade dependa, peço às entidades existentes no momento da minha morte, ou às que lhe sucedam, se aquelas não me derem deferimento, que autorizem a realização de derradeira vontade que expresse aqui. (...) Desejaria ficar sepultado à beira duma dessas poéticas veredas que dão acesso ao Castelo dos Mouros, sob as velhas árvores românticas que ali residem e tantas vezes contemplei com esta ideia no espírito.»

Esta «primeira e última» solicitação, este «pedido lírico, sentimental» do grande escritor, vai ser amanhã satisfeito. Apresentado ao Ministério da Administração Interna há tempos, teve despocho favorável do então major e ministro, Costa Brás, no dia 20 de Março deste ano.

Agora, decorridos dois meses sobre essa data, o corpo de Ferreira de Castro vai repousar, finalmente, onde ele sempre o quis, «à beira duma dessas poéticas veredas que dão acesso ao Castelo dos Mouros».

Amanhã, às 14 e 30, partirá o cortejo que conduz os restos mortais de Ferreira de Castro, desde o cemitério dos Ingleses, à Estrela, até à serra de Sintra onde, pelas 15 e 30, será cumprida a vontade do escritor.

CURSOS NOCTURNOS DE NORTE A SUL DE MOÇAMBIQUE

LOURENÇO MARQUES, 30 — Deixando encostadas as suas carabinas automáticas Kalashnikov contra a mesa, um grupo de soldados nacionalistas debruça-se sobre livros de ensino.

A professora é uma mulher branca, e muitos dos alunos pertencem à Frelimo.

Os soldados passaram grande parte da vida a combater nos matos de Moçambique. Havia pouco tempo para ler e escrever. A maioria dos soldados é analfabeta, como acontece com 90 por cento dos nove milhões de habitantes de Moçambique.

As escolas que existiam em Moçambique sob Governo português eram multirraciais, mas como a maior parte dos africanos não tinha dinheiro suficiente para comprar livros para os filhos, as crianças ficavam em casa.

Nas aldeias de palhotas não era muito importante que as pessoas soubessem ler e escrever. Na verdade, os indígenas pouco lucravam com isso.

A Frelimo, que assume inteiramente o Governo de Moçambique, em 25 de Junho, tem a educação como a sua prioridade máxima. Foram lançadas numerosas palavras de ordem como «Produzir é aprender» e «Os livros são os nossos melhores amigos».

A medida que se aproxima o dia da independência aumentam os cursos diurnos e nocturnos, nas escolas de todo o país.

Os livros ensinam que o objectivo da Frelimo é uma sociedade socialista, explicando que são necessários trabalho duro e sacrifícios. Existe também uma disciplina de História Política, em que são enaltecidas datas como 25 de Junho de 1962, o dia em que a Frelimo foi fundada, e 25 de Setembro de 1964, quando os primeiros tiros da guerra de guerrilha foram disparados.

A Frelimo, envia militantes políticos às escolas para explicarem a sua ideologia, deixando o ensino rotineiro a um exército de voluntários, na maioria brancos, que não sendo formados, mostram grande vontade de cooperar na campanha de alfabetização.

Donas de casa dos subúrbios param nos aquartelamentos para levarem um grupo de soldados da Frelimo tomar chá e, seguidamente, vão dar aulas dos cursos nocturnos.

«Faço-o porque é a única forma que temos para pôr de pé Moçambique», observou uma professora branca.

Em frente dela, sentava-se uma classe de 30 alunos, incluindo não só soldados, mas mulheres negras, ainda jovens, trazendo os filhos às costas.

Um dos alunos, Saimoni Xavier, de 25 anos, não vê a na morada e a filha há seis anos desde que se alistou na Frelimo, na província de Tete.

«A Frelimo veio à minha aldeia e pediu para me alistar», revelou Xavier, que ignora quando se tornará civil. Contudo, foram-lhe prometidos dois meses de licença para visitar os seus.

Xavier fez a instrução primária na Rodésia, para onde foi levado quando os pais moçambicanos foram trabalhar para uma família branca.

Sabe ler e escrever e fala português e inglês. Acerca da razão por que frequenta a escola, diz: «Quero aprender tudo o que possa».

Luisa Antónia, uma mulher negra, de 53 anos, frequenta a escola, pela primeira vez. «Desejo aprender», afirma simplesmente.

Quatrocentos alunos frequentam os cursos nocturnos de uma escola suburbana de Lourenço Marques, que, há um ano, se achava sempre vazia, após o anoitecer.

A tentativa da Frelimo de unir o povo está patente nos livros de ensino: todos são escritos em Português, uma língua que apenas falava uma pequena minoria.

VIAGEM APOTEÓICA DE SAMORA MACHEL

BEIRA, 30 — Ao chegar à província do Niassa, Samora Machel, presidente da Frelimo, foi saudado entusiasticamente por cerca de 50.000 pessoas.

Machel, que, segundo se espera, deverá ser o primeiro presidente de Moçambique, está a realizar a sua primeira visita oficial pelo país.

Falando à multidão, o presidente da Frelimo disse que o dia 25 de Junho marcará o início da enorme tarefa de reconstrução do país.

A chegada de Machel ao Niassa, província que tem fronteiras com a Tanzânia, e Malawi, coincide com a inauguração de um Seminário Nacional sobre Agricultura em Marurapa, o principal centro da província.

De ontem para hoje Acordo luso-polaco de construção naval

O eng.º João Cravinho, ministro da Indústria e Tecnologia, deverá deslocar-se brevemente à Polónia, para assinar com o Governo de Varsóvia um acordo no sector da indústria de construção e reparação naval — confirmou ontem o seu directo colaborador eng.º João Martins Pereira, secretário de Estado da mesma pasta, ao regressar daquele país.

O acordo será «bastante concreto» — acrescentou o eng.º Martins Pereira — e lançará as bases para «acordos subsequentes que, portanto, não ficarão já incluídos no primeiro protocolo, sobretudo no campo das indústrias mecânicas em vários domínios das indústrias pesadas».

No capítulo da reparação naval assume especial importância o complexo da Lisnave, como em tempo adiantámos e o secretário de Estado agora referiu. Aliás, um documento elaborado recentemente por um grupo de trabalhadores dos estaleiros apontava para a hipótese de procurar novos mercados, nomeadamente nos países de Leste.

BOLETIM DO M.F.A.

APOIAR ANGOLA INDEPENDENTE É SALVAR PORTUGAL DEMOCRÁTICO

Dar ao povo português uma informação correcta sobre o que se passa em Angola e sobre a importância que para o povo português assumem todos os eventos naquela ex-colónia, à beira da independência, constitui o objectivo do último número do boletim «Movimento», do M.F.A., totalmente dedicado ao assunto.

A carência de uma informação correcta e analítica sobre problema tão grave e decisivo para o nosso próprio processo de libertação, motivou a iniciativa, uma vez que «o que se passa em Angola não é uma realidade que nos seja exterior — e a informação como a política, não pode abdicar da inteligência».

Do prestigiado «Boletim» fazem parte o artigo «A situação em Angola e as nossas tarefas», a posição do Conselho da Revolução sobre o problema, um outro artigo sobre o papel dos militares portugueses em Angola, o texto dos acordos do Alvor e uma análise dos problemas graves levantados pelo êxodo dos colonos portugueses daquele rico território africano, além de um texto de Amílcar Cabral e referências estatísticas sobre a realidade socio-económica angolana.

O PAPEL DAS F.A.P.

«Ao contrário do que muita gente pensa, descolonizar não é só entregar o poder a um movimento de libertação que lutou de armas na mão pelos seus objectivos, mas principalmente, permitir, embora com as necessárias readaptações, que subsista a economia, a educação, a saúde e a justiça no novo país independente. É também a resolução do contencioso entre Portugal e a nova nação, o encontro de garantias para a fixação de quadros necessários ao desenvolvimento, a criação de Forças Armadas Nacionais num momento em que o País é mais vulnerável, a definição de nacionalidade, etc. No caso concreto de Angola, «além da existência de três movimentos de libertação ideologicamente diferentes, outras forças existem que igualmente procuram interferir no processo de descolonização. Estas últimas, de cariz reacçãoário, desenvolvem a sua actividade no sentido de boicotar o processo». Paralelamente, refere-se no Boletim do M.F.A., «e a nível internacional também se põem em jogo todos os interesses dos imperialismos estrangeiros sob a forma de manobras neocolonialistas».

É em resultado de todo este jogo de forças que têm surgido ao longo do desenrolar do pro-

cesso todos os incidentes violentos que são do conhecimento público e do qual tem saído como vítima o povo angolano. Neste contexto torna-se evidente quão difícil é o papel das Forças Armadas Portuguesas em Angola. Compete-lhes, dentro da posição de neutralidade activa seguida por Portugal, contribuir para o avanço correcto do processo de descolonização. Como se deve afirmar essa contribuição? Através do suporte de uma política de firmeza a manter por Portugal expressa pela denúncia de todas as violências aos acordos estabelecidos; actuação firme, no âmbito da F.M.M. (Forças Militares Mistas) no sentido de contribuir para o desenvolvimento do processo em paz, quer contra os marginais e forças reacçãoárias, quer contra os provocadores dos acordos. Verifica-se assim, «que às F.A.P. cabe a importante missão de contribuir para o desenrolar do processo de descolonização num clima de paz e segurança, garantindo o cumprimento do Acordo do Alvor. Em missão de tão grande envergadura, a muitas das forças postas em jogo interessa que as F.A.P. não estejam à altura de a cumprir. Por isso desenvolvem toda uma asêrie de manobras divisionistas a que as F.A.P. terão que opor a sua coesão e disciplina e o seu elevado espírito de missão». E, no artigo em referência, salienta-se a terminar: «Esta tomada de consciência colectiva passa obrigatoriamente por uma opção individual. É indispensável que cada um acredite que ao contribuir para a descolonização de Angola está a tomar parte activa na revolução portuguesa e que todo o seu esforço, abnegadamente dado, se insere na luta de todos os povos oprimidos do Mundo».

UNIDADE PARA A INDEPENDÊNCIA

É neste contexto, pois, que no Boletim se analisa a situação geral e as nossas tarefas. Após relembrar a influência real e as divergências ideológicas dos três movimentos de libertação (M.P.L.A., F.N.L.A. e UNITA), referindo que a unidade está a ser mais difícil de conseguir ao nível das bases do que das cúpulas, até porque, nas bases se misturam elementos reacçãoários que oerá atacar o M.P.L.A. ora o F.N.L.A., para provocar conflitos armados entre eles com o objectivo de agudizarem as crises, afirma-se ser «necessário realizar um salto qualitativo entre os interesses imediatos dos movimentos para o interesse nacional, que deve pre-

TIROS SOBRE A PARÓQUIA

Desconhecidos alvejaram com três tiros de Zagalote a residência paroquial de Montalegre, o que deu para uma concentração popular e comentários em barda. A G.N.R. investiga. Sabe-se, por junto, que os disparos foram feitos (ontem à noite) da torre do castelo, e que alguém terá visto ali perto uma carrinha desconhecida no burgo. A pista é ténue, como se depreende.

À FORQUILHADA

Cego de fúria, um homem chamado Joaquim de Figueiredo pegou numa forquilha e

avançou para um militar, ferindo-o num braço. Na origem da agressão (e posterior detenção do «forquilha») terá estado uma tentativa de desalojar um desempregado e sua família que ocupam na aldeia viseense de Junqueira uma casa do sr. Figueiredo. Este queria à viva força que lhe libertasse os cômodos; a família do desempregado deu por paus e por pedras e fechou a cara numa negativa obstinada; o povo da aldeia tomou partido, já se sabe por quem, e o sr. Figueiredo, despeitado, não viu melhor arma de dissuasão do que a mencionada forquilha. O pior é que o militar pertence a uma equipa de Dinamização, de onde a 5.ª Divisão do E.M.G.F.A. ter tomado conta do caso.

valer sobre as ideologias e os atritos políticos entre os movimentos de libertação. O povo angolano está unido firmemente em torno da luta pela independência nacional, realizou uma verdadeira unidade nacional, que tem de se alicerçar e desenvolver a todo o custo, como a base mais justa e sólida contra as ingerências externas e as manobras divisionistas internas».

Finalmente, recorda-se que «o futuro das nossas relações com Angola está a ser jogado ao longo do processo de descolonização e é um elemento de grande importância para o futuro do País. A conquista de uma autêntica independência nacional em Portugal está intimamente ligada à existência de laços sólidos e profundos com os países do Terceiro Mundo e com África, e, muito especialmente com os novos

países de língua portuguesa, Angola, Moçambique, Guiné. A importância política, económica e cultural destes laços está presente e bem viva em todos os que contactaram efectivamente com as ex-colónias e que conhecem as pressões das grandes potências sobre o nosso País, no sentido de aumentar a sua dependência a todos os níveis em relação aos blocos imperialistas. O empenhamento de meios de toda a espécie, particularmente a nível económico, dos quadros, da tecnologia, um esforço de maior envergadura da parte de Portugal é importante para poder cumprir de uma forma correcta a tarefa da descolonização. É indispensável a consciência — termina o artigo — de que uma tragédia em Angola comprometeria o processo de democratização em Portugal e também a conquista da sua independência nacional».

AMEAÇA DE INTERVENÇÃO

Continuação da pág. 1

Os incidentes começaram no Cachito na madrugada do dia 28 com forte tiroteio e rebentamento de granadas nas proximidades da delegação local da F.N.L.A. e na fazenda «Tentativa», onde existem grandes plantações de cana-de-açúcar. Estas acções, muito violentas, prolongaram-se durante toda a madrugada até às 9 da manhã, só terminando com a expulsão de militares do E.L.N.A. por forças do M.P.L.A. No mesmo dia, a queda accidental de uma granada de mão de um elemento das F.A.P.L.A. causou a morte de várias pessoas, entre os quais um comerciante branco e o comandante «Triunfaremos».

A população civil refugiou-se no quartel da tropa portuguesa, que tratou alguns feridos, procedendo-se mais

tarde à escolta desses feridos para Luanda, bem como da população civil que abandonou a área quase na totalidade. Os desalojados destes incidentes concentraram-se em frente do Palácio do Governo em Luanda, manifestação que se prolongou durante todo o dia de ontem, culminando com palavras de ordem contra o M.P.L.A. e com a agressão ao ministro da Informação Manuel Rui Monteiro, quando saía do seu Ministério.

Em face destes acontecimentos, a situação na capital é tensa, com os desalojados a pretenderem a todo o custo regressar a Portugal. O movimento no aeroporto continua a ser intenso, verificando-se que muitos dos portugueses que estão a sair de Angola partem para o Brasil e África do Sul.

DELEGAÇÃO PORTUGUESA PARTIU PARA KINSHASA

Partiu esta manhã para Kinshasa, via Madrid, uma delegação portuguesa chefiada pelo major Vítor Alves, embaixador itinerante, e da qual fazem parte também o inspector consular dr. Grainho do M.F.A. em Angola, e a dra. Maria do Rosário Belém, do gabinete do ministro Melo Antunes. A chegada à capital do Zaire está prevista para meio da tarde. Já ali juntar-se-á a delegação do tenente-coronel Gonçalves Ribeiro, secretário-geral de Angola, ido expressamente de Luanda.

A missão de Vítor Alves

prende-se com o recente agravamento do contencioso entre os dois países, tendo como «pivotal» Angola. Recordam-se que, ainda no tempo de Caetano, o Zaire praticou, sobre membros da colónia portuguesa, naquele país, vários actos de discriminação, especialmente na forma de confisco de bens (empresas incluídas). Agora, porém, é a situação que interessa sobretudo às duas partes, razão por que Melo Antunes, cuja ida a Bruxelas chegou a ser anunciada, ficou finalmente em Lisboa para coordenar as negociações.

DOZE CONSTITUIÇÕES EM VOLUME

Constituições de doze países europeus, americanos e africanos estendem-se pelas 380 páginas de um útil volume agora editado pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, coordenação, tradução e prefácio do prof. Jorge Miranda. No caso peruano, aliás, um facto singular acontece: o país, desde que o movimento militar anti-imperialista ali tomou o poder em 1968, não tem propriamente uma Constituição, mas um Manifesto e um Estatuto que fazem as suas vezes.

Intitulado, um pouco a secas, **Constituições Políticas de Diversos Países**, a obra procura interessar um vasto público a poucos dias da sessão inaugural da Assembleia Constituinte, mas não esgota aí o interesse, já que tem lugar em qualquer biblioteca ao lado de outros volumes de referência. Quanto à actualização, socorreu-se a organizador dos bons ofícios das embaixadas.

Na introdução Jorge Miranda debruça-se sobre a nossa próxima Constituição Portuguesa, escrevendo a propósito: «Não será esta a primeira Constituição Portuguesa. Outras a precederam, como se sabe: a de 1822 e a de 1911, de inspiração democrática e liberal; a Carta Constitucional de 1826 e a Constituição de 1838, de conciliação entre monarquia e liberalismo; e a de 1933, que, embora sem romper formalmente com o princípio da soberania nacional, foi instrumento ao serviço da ditadura derrubada pela revolução de 25 de Abril.

E naturalmente os portugueses de 1975 deverão ter conhecimento delas para evitar repetir os vícios que porventura tiveram e, acima de tudo, para avançar para uma ordem democrática mais perfeita na linha progressista e pluralista do Movimento das Forças Armadas. Portugal, não vive, porém, isolado do mundo, nem a sua experiência político-social pode ignorar as experiências de outros povos. Portugal está aberto ao mundo e é irmão de todos os povos, o que se afigura ser também um dos sentidos do presente processo revolucionário».

Eis, em última análise, o que levou a Imprensa Nacional Casa da Moeda a apresentar, na totalidade ou em extractos substanciais, as Constituições dos E.U.A., França, Itália, Alemanha Federal, Alemanha Democrática, Suíça, Jugoslávia,

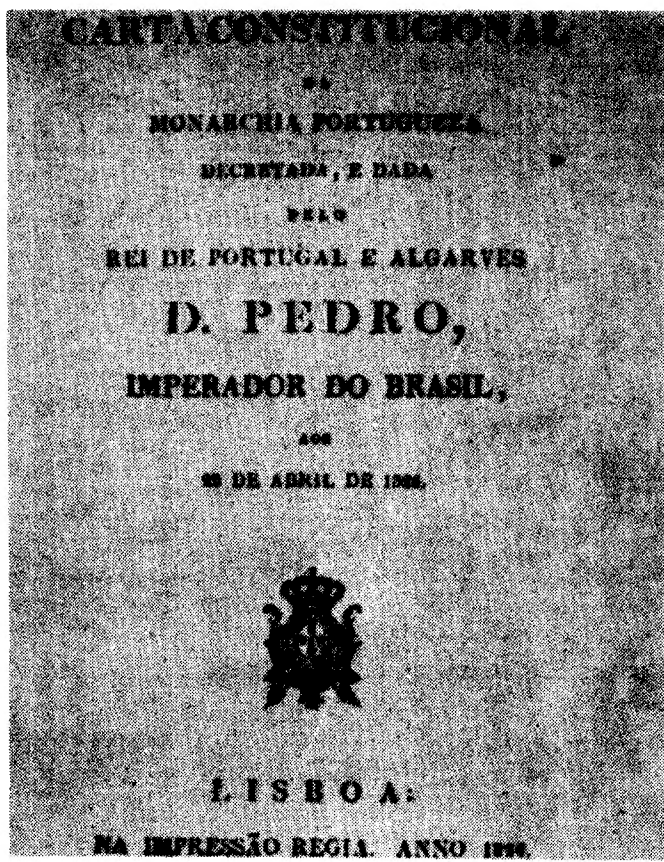
U.R.S.S., México, Venezuela e Argélia, além dos já citados textos constitucionais do Peru. A Constituição da China Popular não foi incluída — diz Jorge Miranda — apenas porque está ali a ser elaborada uma nova lei fundamental.

PORQUÊ OS DOZE

O coordenador acrescenta, para cada um dos casos considerados, a razão da sua opção: assim, a Constituição dos E.U.A. é uma das mais antigas e simultaneamente «mais vivas do mundo»; a da França foi escolhida por haver este país feito irradiar o constitucionalismo liberal; as da Itália e da R.F.A. porque ambos os países sofreram longos anos de domínio fascista, que afinal explica a sua busca pertinaz de um Estado de Direito; a da Suíça porque estamos aqui em presença da mais velha democracia mundial; a da U.R.S.S. por se tratar da primeira nação socialista e por conter as características mais relevantes da democracia marxista, com a sua unidade do poder do Estado e a consagração da função específica do Partido Comunista; a da Jugoslávia pelo papel que Belgrado tem tido na cena internacional face ao Terceiro Mundo e ainda pelas experiências de autogestão e de garantia da legalidade socialista que estatui; a da R.D.A. porque apresenta inovações em relação às Constituições mais aperfeiçoadas da Europa de Leste; a do México porque surgiu na sequência de «uma das primeiras e mais empolgantes revoluções sociais e políticas da América Latina»; a da Venezuela porque é um exemplo de Constituição democrática pluralista aplicada a um país do Terceiro Mundo, tentando a conjugação do Estado de Direito com um elevado elenco de direitos sociais; e a da Argélia porque se nota ali uma posição militante com crescente penetração nos países afro-asiáticos e outros não alinhados.

SALÃO COLECTIVO DE ARTE PLÁSTICA

O Grupo de Amigos da Costa da Caparica, retomando uma tradição anual, vai promover o 5.º Salão Colectivo de Arte Plástica, que se realiza no próximo dia 1 de Junho às 17 horas, na sua sede.



I Encontro das Autarquias do Algarve

O I Encontro das Autarquias do Algarve vai realizar-se no próximo dia 8 de Junho em Loulé, estando presentes as comissões administrativas das Juntas de Freguesia, comissões de moradores e comissões de trabalhadores das câmaras municipais desta província.

O encontro terá lugar no Cine-Teatro Louletano e terá início às 10 horas, prolongando-se até às 17 horas da data acima indicada e tem por finalidade a discussão das teses a apresentar no I Congresso Nacional das Autarquias, a realizar em Coimbra, nos próximos dias 27, 28 e 29 de Junho.

TINTAS ATLANTIC

OS TRABALHADORES PEDEM A INTERVENÇÃO DO ESTADO

Os trabalhadores da Fábrica de Tintas Atlantic têm uma única reivindicação: o direito ao trabalho. Dir-se-ia que, neste momento, em que estamos empenhados na duríssima e reivindicativa este direito básico, mas a verdade é que os 120 trabalhadores da Atlantic se encontram numa situação especial porque a gerência abandonou a empresa há mais de um mês, deixando-a sem ma-

térias-primas, sem salários, com contas a descoberto nos bancos e com cheques sem cobertura emitidos a fornecedores e trabalhadores. Nestas circunstâncias, os trabalhadores, desejosos de participar na grande batalha do País, tanto mais que têm encomendas, pediram a intervenção do Governo na empresa ao abrigo do Decreto-Lei 660/74.

Associação dos Pupilos do Exército

A Associação dos Pupilos do Exército vai comemorar o seu 43.º aniversário. Dia 1 de Junho será deposta uma palma de flores no túmulo do fundador da APE, general António

Xavier Correia Barreto, no cemitério dos Prazeres; às 13 horas, almoço de confraternização nas instalações da 1.ª Secção do Instituto Militar dos Pupilos do Exército.

SÓ SABEMOS PROPORCIONAR BOAS FÉRIAS

Temos vãos especiais directos com partida de Lisboa e Porto, para lhe proporcionar férias inesquecíveis a baixo custo.

CLUBE DE **Vacaciones**

O.T.A. SOMOS OPERADORES TURÍSTICOS ASSOCIADOS EM PORTUGAL

MAIORCA 8 DIAS	PARTIDAS AOS SÁBADOS DESDE 3.480\$
CANÁRIAS 8 DIAS	PARTIDAS AOS SÁBADOS DESDE 3.980\$
TENERIFE 8 DIAS	PARTIDAS AOS SÁBADOS DESDE 4.980\$
TORREMOLINOS E OUTRAS PRAIAS DA COSTA DO SOL 8 DIAS	PARTIDAS AOS DOMINGOS DESDE 1.990\$ *
LONDRES 8 DIAS	PARTIDAS AOS DOMINGOS DESDE 3.400\$
ROMA 8 DIAS	PARTIDAS ÀS 5as FEIRAS DESDE 5.200\$
MADEIRA 8 DIAS	PARTIDAS ÀS QUINTAS E SÁBADOS DESDE 2.650\$
APARTAMENTOS	EM PORTUGAL E ESPANHA

PEÇA A NOSSA PUBLICAÇÃO "FÉRIAS 75" INDISPENSÁVEL PARA PODER ESCOLHER AS MELHORES FÉRIAS DESTE ANO.

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS
* em autopullman

Viver no Parque Oceano é reencontrar a tranquilidade...

Por isso nós continuamos a vender

Visite-nos e verifique três factos:

Qualidade Espaço

Novas e excepcionais condições de pagamento.

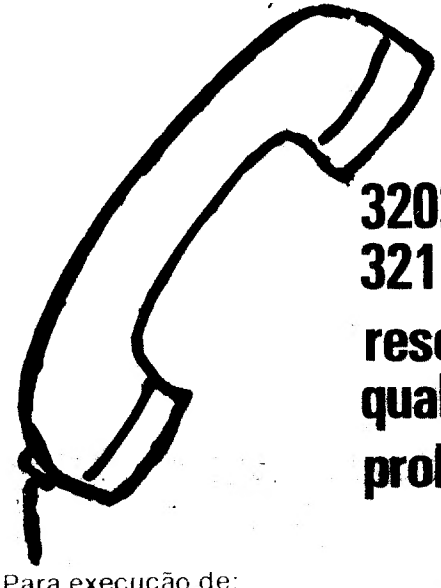
Esperamos por si no PARQUE OCEANO.

Sto. Amaro de Oeiras, junto à Marginal.
Diariamente entre as 10 e as 20 horas,
incluindo sábados e domingos.

Em Lisboa, sede
Av. da República, 21 - 21 A
com informação e
exposição de maquetes
funcionando ininterruptamente
entre as 10 e as 20 horas.
Telefones 571351 e 48307



SPOC



**320271/2/3
321154/5**
**resolve
qualquer
problema**

Para execução de:

**CARTAZES
"POSTERS"
PUBLICAÇÕES
JORNAIS
REVISTAS**

A preto e branco ou com cores **OFFSET**

**SOMOS:
RENASCENÇA GRÁFICA**

Rua Luz Soriano, 44 Tel. 320271/2/3 e 321154/5



Uma Rússia especial espera por você

Esta é a sua grande oportunidade. Conheça a verdadeira história de um povo. Os seus monumentos. As suas grandes cidades. As suas realizações.

E aproveite, ainda, para visitar Estocolmo e Copenhaga. A SAS oferece-lhe programas a preços extraordinários.

PARTIDAS
Maio: 16 e 30
Junho: 13, 20 e 27
Julho: 4, 11, 18 e 25
Agosto: 1, 8, 15 e 22

Yours all ways
SAS
SCANDINAVIAN AIRLINES

Consulte o seu Agente de Viagens habitual ou
SAS - Avenida da Liberdade n.º 236 A
Tel. 557116 - Lisboa

Domine a insónia

— Dormir é fundamental para o completo reabastecimento das energias de que o corpo humano necessita.

A agitação do dia tem de ser compensado por um repouso bem merecido durante a noite. Somente os problemas que nos escravizam durante o dia, continuam projectados na nossa mente roubando-nos o sono.

DOMINE A INSÓNIA, da autoria do eminente cientista Dr. Luiz Lomba, ensina a qualquer pessoa logo a partir do primeiro dia a libertar-se deste tormento, que só as drogas nocivas à saúde podiam aliviar por algumas horas.

DOMINE A INSÓNIA é composto de um luxuoso álbum didáctico acompanhado de um disco gigante de 33 rotações.

Durante a campanha de lançamento é vendido ao preço especial de Esc. 275\$00 e pode ser enviado à cobrança (somente para Portugal Continental e ilhas), com todas as despesas incluídas. Pode fazer o seu pedido com pagamento antecipado, por cheque ou vale de correio, que lhe dará prioridade na expedição.

INTERDISTRIBUIDORA - R. do Triângulo Vermelho, 28-A - LISBOA-1.

BATAS PROFISSIONAIS
ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infância 16, 55-C — LISBOA

Nacional MEDIDAS DE HIGIENE NO CONSUMO DE PRODUTOS ALIMENTARES

Uma portaria emanada das Secretarias de Estado do Abastecimento e Preços e da Saúde estabelece medidas de higiene relativas ao consumo de produtos alimentares, ficando assim revogada a Portaria 24 082 de 17 de Maio de 1969.

Assim, e de acordo com o novo diploma, todos os estabelecimentos e locais de venda de produtos alimentares em natureza, em preparação, preparados ou definitivamente confeccionados, deverão dispor de vitrinas, montras ou expositores onde se encontrem devidamente resguardados de factores poluentes do ambiente, do sol, de insectos e de qualquer acção do público consumidor, não sendo permitida a sua exposição a descoberto, salvo se estiverem individual e convenientemente embalados. Os referidos produtos só poderão ser colocados nas mesas depois de encomendados pelos consumidores, não sendo permitidas a partir desse momento trocas ou devoluções.

Exceptuam-se todos os produtos alimentares hortifrutícolas, avícolas, carnes e peixes crus que, pela sua natureza, tenham de ser previamente lavados, descascados ou cozinhados. No entanto, estes deverão ser expostos em recipientes limpos.

Os produtos alimentares confeccionados, quando não individualmente embalados, só poderão ser manuseados por meio de pinças, colheres, gargos, facas, pás ou corredouros inoxidáveis e rigorosamente limpos.

Além de outras medidas de higiene, que visam a defesa da saúde do consumidor, este diploma diz ainda que não poderão ser usados insecticidas, nem detergentes nas montras, vitrinas móveis, expositores, tabuleiros, travessas e outros utensílios quando contêm produtos alimentares em natureza, preparação, preparados, confeccionados ou embalados. Nas embalagens de produtos alimentares não poderá ser utilizado papel de jornal, revistas ou outras publicações e no interior dos estabelecimentos de venda não deverão permane-

cer animais vivos nem aí será permitido o seu abate.

As infracções a estas normas de higiene serão puníveis nos termos do artigo 16.º do Decreto-Lei 24 204, de 24 de Julho de 1957, sem prejuízo de outras penas mais graves que lhes sejam aplicáveis.

Também constituem faltas de azeite e higiene puníveis a existência de poeiras, detritos de qualquer natureza, insectos, teias, excrementos e em geral todo o lixo nos pavimentos, tectos, paredes, montras, vitrinas, prateleiras, móveis, gavetas, frigoríficos, sanitários e

bem assim sujidade ou oxidação nas louças, copos, talheres, recipientes, suas coberturas e em todos os utensílios para fabrico, preparação, confeccção, depósito, armazenagem e serviço nos estabelecimentos industriais e comerciais de produtos alimentares. Neste sentido, não será permitido varrer a seco os pavimentos destes estabelecimentos, que deverão ser lavados diariamente com água e higienizados.

Este diploma entra em vigor no prazo de 30 dias.



SINDICATO DOS CONTÍNUOS, PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES

AOS TRABALHADORES DA 3.ª E 4.ª ZONA
DA VALURA

CAMARADA

Está a pagamento no próximo sábado, dia 31 de Maio de 1975, das 14 às 17 horas, na Travessa da Boa-Hora, 46-1.º o dia e meio da greve da VALURA, de Janeiro.

PELA DIRECÇÃO

Carlos Andrade

A revolução na lapela por 25\$00 o molho

«Vendem-se muito, é verdade!», disse-nos um vendedor de flores, que «abanca» normalmente na Praça Luís de Camões. Esta, aliás, a opinião dos vários vendedores e vendedeiras de flores com quem contactámos. É um facto que, das flores que se apregoam nas ruas de Lisboa, o cravo leva a palma. Se for vermelho, melhor.

«Cravos da revolução» ou «cravos do 25 de Abril», apre-

goam-se nas ruas de Lisboa. Cravos de uma revolução que foi mais de rosas que de cravos, pelos espinhos que muitos se empenham em ver-lhe.

«O molho é a 25\$00, fre- guês!»

Um molho quantos tem?, perguntámos.

«Tem vinte, senhor».

O que quer dizer, portanto, que cada cravo fica por treze tostões. Por treze tostões se usa a revolução à lapela, leitor.

Lembramo-nos, a propósito, da canção do José Barata Moura:

«Cravo vermelho ao peito
«A muitos fica bem
«Sobretudo faz jeito
«A certos filhos da mãe.»

**ÀS CABELEIREIRAS
E MASSAGISTAS**
JÁ TEMOS MODELOS ESPECIAIS DE BATAS PARA
ESSAS PROFISSÕES

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infância 16, 55-C — LISBOA

**Lintex a 20\$00
Reps a 30\$00
Chapéus de esplanada
a 40\$00
Cadeiras a 80\$00
Viesas madeira
a 180\$00**
Rua Leite de Vasconcelos,
16-B — Telef. 849689

MÉDICOS
Para grande empresa no Nordeste de Angola

ADMITEM-SE :

- Para o Quadro Permanente.
- Para contratos de curta duração.

Remuneração a combinar, conforme currículo profissional.
Resposta a este jornal ao n.º 1569.



De uma passagem aérea?
De reserva de um hotel?
De organizar viagens colectivas de avião? A nossa experiência e a qualidade internacional dos nossos serviços são a certeza de uma viagem agradável. Consulte-nos.

CLARAS
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
Tels. 563451 - 560015 / Lisboa 1

LIVROS PORTUGUESES NA FEIRA DE MADRID

É inaugurada esta tarde, às 19 e 30, a Feira do Livro de Madrid, no Parque do Retiro da capital espanhola. Quem visite a feira, com 191 «stands», terá oportunidade de comprar qualquer dos 824 títulos portugueses que nela estarão expostos. Basta, para tanto, que se detenha no «stand» 167, no qual estão representadas 26 editoras portuguesas.

Acerca da importância que tem para os livreiros portugueses esta presença no certame de Madrid, disse-nos Manuel Ferreira da Costa, presidente do sector Livros da Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola e gerente da Livraria Sá da Costa:

«Temos feito um esforço muito grande para difundir o livro português em Espanha. Esta é a segunda vez que parti-

cipamos na Feira de Madrid e, em Setembro próximo, participaremos, também pela segunda vez, na da Galiza. Evidentemente que a representação deste ano é muito mais importante que a do ano passado, tendo os espanhóis mostrado muito mais interesse pela nossa presença, desta vez».

Das 26 editoras portuguesas, soubemos que, para além da já referida Sá da Costa, vão estar representadas nesta feira a Bertrand, a Plátano, os Livros Horizonte, a Arcádia, a Ática, a Figueirinhas, a Porto Editora, etc.

Ao todo, 824 títulos e mais de cinco mil livros portugueses à disposição de quem visite a Feira do Livro de Madrid, que se manterá aberta até ao dia 15 de Junho.

"A SEGUNDA VINDA DE CRISTO"

Decorreu ontem, no Pavilhão dos Desportos de Lisboa, a primeira jornada do XI Congresso Juvenil Pentecostal, da Igreja da Assembleia de Deus. Cerca de cinco mil pessoas de menos de 35 anos participaram nos trabalhos e assistiram ao espectáculo religioso que se realizou à noite. O tema central do Congresso é «a segunda vinda de Cristo com o Seu caminho, verdade e vida».

A Igreja Pentecostal, embora

seja anti-ecumenista, aponta, neste Congresso, para um triplice objectivo: «uma maior aproximação de Deus, uma maior aproximação uns dos outros e uma maior aproximação das necessidades do Mundo».

Entretanto, a morte de um dos pastores, ocorrida anteontem, alterou o programa de hoje do Congresso, tendo os congressistas, a meio da manhã, marchado, em manifestação de pesar, do Campo Grande ao cemitério do Lumiar.

REESTRUTURAÇÃO DA SAÚDE

Os problemas mais importantes e as medidas em curso

Ao definir as linhas gerais do plano de reestruturação do sector da Saúde, durante uma reunião que decorreu no salão nobre do hospital de Aveiro, o dr. Carlos Macedo, relativamente ao sector privado da Medicina, afirmou que este «tem de continuar a ser mantido, embora tenha de ser controlado». E acrescentou que «irá, no entanto, desaparecendo, mais depressa ou mais devagar, consoante a capacidade de resposta de sector público».

O secretário de Estado da Saúde, que falou perante numeroso auditório, constituído por trabalhadores de todos os sectores do serviço de Saúde, representantes sindicais, elementos da Intersindical e, ainda, o governador civil do distrito, dr. Neto Brandão, sublinhou em seguida a necessidade de, entretanto, se «dimensionar bem a relação entre clínica estatal e clínica privada».

Na sua exposição, o dr. Carlos de Macedo começou por referir a grave situação económica que atravessamos apontando em seguida como caminho imediato para um Serviço Nacional de Saúde, a distribuição dos médicos por todo o País. Chamou a atenção para a importância dos hospitais distritais, que considerou «a

coluna vertebral da Saúde no País». Seis horas de trabalho diário, no mínimo, para 36 horas semanais, fora o Serviço de Urgência, será o novo horário dos médicos dos hospitais, segundo afirmou. Disse depois que existem em Portugal 11 200 médicos, «número suficiente para a cobertura de todo o País». Relativamente a este assunto, afirmou ainda ser necessário modificar o ensino médico, a fim de normalizar a entrada de estudantes para as Faculdades de Medicina, de maneira a que só entrem tantos quantos forem necessários.

Ao falar sobre o problema da enfermagem, anunciou a criação, a nível de distrito, da Administração Distrital da Saúde, frisando logo a seguir a necessidade de enriquecer as estruturas do ensino de enfermagem, visto que há poucos enfermeiros e mal distribuídos.

A reestruturação dos serviços de urgência, a oficialização dos hospitais concelhios pertencentes às Misericórdias, dos quais alguns passarão a distritais e outros serão transformados em centros de enfermagem, e o sector da indústria farmacêutica, foram os pontos abordados seguidamente pelo secretário da Saúde.

Sobre este assunto, depois

de afirmar que assistimos a uma poluição da indústria farmacêutica, o dr. Carlos Macedo afirmou não achar, no entanto, viável a nacionalização deste sector. «Isso seria um erro — disse — pura demagogia, pois em oitenta por cento trata-se de pequenas e médias empresas que importam a maior parte da matéria-prima e nós não temos resposta tecnológica ou financeira». Apon- tou, prioritariamente, a necessidade de se criar uma unidade estatal distribuidora, reduzindo a comercialização especulativa dos medicamentos, «até porque — sublinhou — o sistema de saúde tem neste momento um défice de um milhão de contos».

NACIONALIZAÇÃO DOS HOSPITAIS CONCELHOS

Num hotel de Espinho, está a decorrer o II Encontro Nacional dos Hospitais, cujos trabalhos se iniciaram hoje e terminam no domingo, com a leitura das conclusões. Na abertura do Encontro, a que assistiram cerca de 300 pessoas, representando os diversos sectores hospitalares e a União dos Sindicatos do Porto esteve presente o secretário de Estado da

Saúde, dr. Carlos Macedo que, ao usar da palavra e após ter referido que a razão fundamental das sessões é o estabelecimento da rede hospitalar, anunciou para breve a nacionalização dos hospitais concelhios.

MÉDICOS PARA A PROVÍNCIA

No âmbito da reestruturação do sector da Saúde, e como oportunamente noticiámos, a partir de 1 de Julho próximo, data normal do início do internato de cada especialidade, os médicos que terminam o seu internato de policlínica vão passar 12 meses nos concelhios onde não existem hospitais distritais ou centrais. Deste modo, o trabalho dos médicos será efectuado nos vários serviços de Saúde locais, e portanto em contacto directo com as populações mais desfavorecidas, relativamente aos cuidados médicos básicos.

Importa salientar que esta medida, que foi tomada pelas Direcções Gerais de Saúde e dos Hospitais, pode vir a constituir um ponto de partida para a concretização da política nacional de Saúde de que o País necessita.

Levantada a suspensão da Direcção-Geral da Educação Permanente

O M.E.C. decidiu levantar a suspensão das actividades da Direcção-Geral da Educação Permanente, sendo readmitidos os trabalhadores em regime de prestação individual de serviços.

Recorde-se que a suspensão das actividades daquela Direcção-Geral tinha vindo na sequência dos incidentes registados em Março e Abril.

Instaurado um inquérito e tendo sido já apresentado o relatório final, os factos são historiados desde o início da crise e do mal-estar existente entre os trabalhadores da Direcção-Geral criada em 1972, e estreitamente ligada ao regime fascista, por continuar como director-geral até 27 de Maio de 1974, o dr. Carlos da Silva Gonçalves.

Diz o relatório: «As justas razões de queixa dos trabalhadores sempre foram despoticamente abafadas pela rígida disciplina imposta. Com o afastamento do antigo director-geral, só em Novembro de 1974, a D.G.E.P. voltou a ter, à sua frente, um novo director-geral, na pessoa da dr.ª Justina Sepúlveda».

A partir daqui o processo agudiza-se. A nova directora-geral, que de início fora bem aceite, é vivamente contestada pelos trabalhadores.

Por outro lado, ainda «se não apurou com segurança no inquérito, que o condicionalismo da D.G.E.P. tenha sido, deliberadamente, aproveitado para a instauração do clima de indisciplina então vivido».

E a nota do M.E.C. adianta: «Mesmo o não acatamento da ordem do ministro para vir à sua presença a mesa da assembleia, quando os trabalhadores se encontravam em reunião permanente, se deveu ao clima psicológico dessa mesma assembleia e à questão que se encontrava em debate».

Entretanto, a dr.ª Justina Sepúlveda apresentou o seu pedido de demissão que foi aceite.

A nota informa ainda que foram igualmente «levantadas as suspensões decretadas por conveniência de processo de inquérito».

E a terminar o texto, esclarece o M.E.C.:

«Todavia, o problema de reestruturação da D.G.E.P.

continua de pé. Nesse sentido se trabalha activamente, tendo sido solicitada aos trabalhadores uma comparticipação activa no processo. Obedecendo a sua estrutura à lógica do regime anterior, urge proceder à sua remodelação para adequá-la às novas directivas da política do ensino. De qualquer forma, é intenção deste Ministério salvaguardar os legítimos interesses dos trabalhadores.

"O POVO DA GALIZA NÃO QUER SER COLONIZADO NEM EXPLORADO"

—afirmaram representantes da Assembleia Popular Galega

PORTO, 30 — «O regime vigente no Estado espanhol encontra-se num período de crise, competindo às camadas populares da Galiza intensificar os seus esforços e a sua unidade de modo a que o desenlace desta situação não se resolva num novo, ainda que diferente, domínio colonial» — afirmaram representantes da Assembleia Nacional Popular Galega em conferência de Imprensa com jornalistas portugueses.

Em texto distribuído na altura, sobre a epígrafe «Chamamento e declaração política» aquela organização afirma ainda: «Dia a dia a Galiza vai erguendo a sua personalidade nacional, proclamada constantemente pelo povo trabalhador que não quer ser colonizado nem explorado. É necessário que o povo galego tenha o seu próprio e específico órgão representativo, que lute para manifestar livremente a sua vontade». O documento define igualmente os pontos programáticos imediatos da luta do povo galego e daquela organização política, entre os quais: implantação das liberdades de expressão, reunião, partidos políticos, sin-

dicalização, greve, amnistia total para os exilados e presos políticos, separação da Igreja do Estado e dissolução imediata das organizações repressivas. Aponta ainda uma série de problemas prementes, relacionados com o desenvolvimento económico, político, social e cultural da população galega.

Em resposta a perguntas feitas pelos jornalistas portugueses foi salientado que a Assembleia Popular Galega é um organismo de recente criação, sendo aquela conferência de Imprensa, dada em Portugal, o seu primeiro acto de divulgação a nível mais largo. Em seguida foram abordadas as relações entre aquela organização e outras existentes em Espanha tendo sido afirmado:

«A Assembleia Popular Galega tem um pensamento diferente das outras que existem nos diferentes países do Estado espanhol, mas é possível que contacte com elas, dado que existe uma relativa homogeneidade no princípio de conjugação de forças.

A situação «colonial» da Galiza foi traçada a pedido dos jornalistas, em termos de dependência cultural e linguística, exploração das riquezas da Galiza, imposição de metas de desenvolvimento unicamente ao serviço do grande capital espanhol.

Assim, o problema que se põe é idêntico ao de outras regiões de Espanha onde se desenvolvem lutas pela libertação dos respectivos povos.

NERY NA GALERIA MODERNA

Encerra na próxima quarta-feira, a exposição do pintor Eduardo Nery, patente na Galeria de Arte Moderna, da Sociedade

de Nacional de Belas-Artes.

A exposição pode ser visitada das 14 às 20 horas de todos os dias úteis.

MINISTÉRIO DO EQUIPAMENTO SOCIAL E DO AMBIENTE SECRETARIA DE ESTADO DA HABITAÇÃO E URBANISMO

FUNDO DE FOMENTO DA HABITAÇÃO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA CONSTRUÇÃO DAS INFRA-ESTRUTURAS DO PLANO INTEGRADO DE ALMADA-MONTE DE CAPARICA — ZONA 1

1 — Faz-se público que se encontra aberto concurso para a realização das seguintes empreitadas.

11A/75 «Execução das Infra-Estruturas do Plano Integrado de Almada — Monte de Caparica — Zona 1 Norte»
Preço base 18 894 500\$50
Caução provisória 472 362\$50

11B/75 «Execução das Infra-Estruturas do Plano Integrado de Almada — Monte de Caparica — Zona 1 Sul»
Preço base 9 865 311\$00
Caução provisória 246 632\$80

Os prazos de execução serão os propostos pelos concorrentes para cada uma das empreitadas.

Será condição para admissão ao concurso o ser possuidor dos alvarás:

Emp. 11A/75 — IV e V categorias ou 1.ª subcategoria da IV categoria e 3.ª e 4.ª subcategorias da V categoria.

Emp. 11B/75 — IV e V categorias ou 1.ª subcategoria da IV categoria e 3.ª subcategoria da V categoria.

2 — O processo de concurso pode ser consultado, todos os dias úteis, às horas normais de expediente, na Divisão de Construção — Av. Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 5-1.º, Lisboa.

3 — O acto público do concurso realiza-se pelas 15 horas e 30 minutos do dia 3 de Julho de 1975 no mesmo local, 8.º andar.

4 — As propostas deverão dar entrada na Secção de Expediente Técnico, no mesmo local, 1.º andar, até às 17 horas do dia 2 do mesmo mês e ano, ou até uma hora antes do acto público do concurso, se enviadas pelo correio sob registo, podendo os interessados obter cópias de todos os processos, de concurso, através do Sector de Heliografia no r/c do mesmo edifício e sendo da inteira responsabilidade dos interessados, a verificação e comparação das cópias com os elementos dos processos patenteados.

Fundo de Fomento da Habitação, em 24 de Maio de 1975

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS DE PRODUÇÃO

Serafim de Oliveira
Engenheiro

Nacional

CADAVAL

EM FORMAÇÃO A LIGA CAMPONESA

A Liga dos pequenos e médios agricultores do Cadaval (à semelhança do que está a acontecer noutros pontos progressistas do País), começa a ser uma realidade. No passado domingo assistimos à reunião levada a efeito no salão do Clube Desportivo do Vilar (freguesia daquele concelho), na qual, com a presença de mais de uma centena de pequenos e médios agricultores e rendeiros, se discutiram as bases em que deve assentar a estrutura daquela Liga — mais uma, a provar que os homens e mulheres do campo compreenderam que só unidos em verdadeiros organismos de defesa da classe poderão fazer avançar os seus interesses, que são, naturalmente, os autênticos interesses do estabelecimento agrário e da revolução nacional. A esta reunião estiveram presentes os eng. Carlos Amaro, que representava o Ministério da Agricultura e Carlos Poiteau, da Cooperativa do Vale do Sorraia (Coruche); Duarte de Sousa, José Santos e José Rafael Ribeiro da Liga dos pequenos e médios agricultores de Torres Vedras; e José Luis Pereira Rodrigues e Francisco Azevedo, dinamizadores da ideia da Liga do Cadaval.

A abrir a sessão, falou José Pereira Rodrigues que fez o

historial da luta pela Liga do Cadaval, referindo as imensas dificuldades dessa luta, sobretudo no que respeita à barragem oposta pelos grandes agrários da região, que gostariam de continuar a manter a sua predominância — que era a predominância do capital — em detrimento dos interesses dos agricultores menos favorecidos.

O DESTINO NAS PRÓPRIAS MÃOS

Em seguida, o eng.º Carlos Amaro exporia claramente a posição do Ministério da Agricultura, «que é uma posição toda ela convergente para uma reconversão agrícola em moldes autenticamente socialistas ou socializantes e que, portanto, não deixará de apoiar e de determinar uma política de reconversão que permita ao médio e pequeno lavrador e rendeiro contar com os auxílios que nunca teve no tempo do fascismo. Acrescentará ainda: «É porém, chegada a hora de serem os pequenos e médios agricultores a tomarem o destino dos seus interesses nas suas próprias mãos e procurarem a melhor saída para os seus problemas em lugar de ficarem à espera que de cima lhes resolvam tudo. Organizada a classe, a sua voz chegará para fazer as exigências que as circunstâncias determinarem, sem ter que tirar o chapéu a ninguém e duma maneira que venha de vez acabar com as discriminações que os grandes senhores da terra cultivam e que originaram o profundo e tão decepcionante atraso da nossa agricultura. E, mais adiante, o eng. Carlos Amaro referiria que «as Ligas nada têm a ver com partidos políticos, sendo apenas organismo de defesa de classe» o que, aliás, foi muito acentuado durante a sessão. Entrou-se depois numa exposição clara do que realmente é, e como funciona uma Liga, dando-se a conhecer as suas incidências na vida social da classe, incluindo a assistência na terceira idade,



A mesa que conduziu os trabalhos

saúde, qualidade de vida, escola, etc.

Dirigiram em seguida a palavra à assembleia os representantes das Ligas de Torres Vedras, tendo José Duarte adiantado: «Sem as organizações das Ligas, subsistirão imensas dificuldades para a distribuição justa do crédito que o Governo agora concedeu aos pequenos e médios agricultores, pois as comissões liquidatárias dos Grêmios, a quem em princípio coube essa missão, são organismos demasiado limitados. Repare-se como continuam a surgir os oportunistas e os homens de má-fé. Um dos primeiros petiçãoários do crédito concedido ao concelho de Torres Vedras foi, em lugar de um agricultor, um vendedor de automóveis daquela vila. Quer isto dizer que sem a fiscalização da Liga, amanhã os dinheiros do crédito agrícola estariam nas mãos de quem nada tem a ver com a agricultura, como acontecia, aliás, no tempo do fascismo. Só a Liga, portanto, em cooperação com os restantes organismos, com o Estado e com os agricultores, poderá encaminhar o crédito para o fim que o criou: uma agricultura sã e capaz de responder às necessidades do País».

da dos adubos. Foi o 25 de Abril que teve a culpa de que a gente queira vender o nosso vinho e não o consiga. Foi o 25 de Abril que levou a esta confusão toda e que, pelos vistos, nos vai pôr ainda pior para o futuro. Só vejo conversa, con-

versa. Mas o 25 de Abril não nos trouxe nada de bom. Pelo menos a mim...» (Sic).

Quando o referido assistente decidiu calar-se (porque arengou, arengou e não havia jeitos de se lhe travar a arenga), José

Duarte, de Torres Vedras, homem metido até aos gorgomilos nos problemas do vinho, explicou ao exaltado (e não só isso) assistente, que as coisas não eram exactamente assim. E lembrou-lhe as leis que o Governo de Salazar implantou em cinquenta e tal e com as quais só beneficiava os grandes senhores da terra, deixando na corda bamba os pequenos médios agricultores. E recordou-lhe a manobra da antiga Junta Nacional dos Vinhos (então um organismo feito apenas para detender os latifundiários e altos comerciantes) que em 1965 arrastou para a falência muitos pequenos agricultores. E por aí fora. O que pôs de nariz à banda o exaltado e deixou esclarecidos todos os que ali foram com o profundo desejo de se esclarecerem.

No final acordou-se que dada a representatividade do concelho estar somente concretizada na presença de cinco freguesias (faltando metade das freguesias), iria procurar-se, em primeiro lugar, trazer aos projectos da Liga, as freguesias em falta e, em segundo lugar, promover em referendo popular a eleição de dois representantes de cada freguesia para a Comissão Provisória da Liga do Cadaval, a qual, uma vez constituída, iniciará imediatamente a redacção dos respectivos estatutos.



Um aspecto da assistência à reunião para a formação da Liga de Pequenos e Médios Agricultores do Cadaval. Todos interessados, porque só dessa maneira é possível levar a ideia por diante



Um rosto atento e sereno que não ocultou a tentativa de «boicote» à reunião da Liga do Cadaval, na manhã de domingo, em Vilar. Um «ponta-de-lança» que os argumentos de Duarte esmagaram



INFORMAÇÃO COMPLETA

NÃO
DEIXE
DE
LER
AMANHÃ

MANTENHA-SE ACTUALIZADO !

A VOZ DA REACÇÃO

Mais tarde, já em fase de diálogo e por imposição de um dos assistentes, foi posto em causa o problema do vinho e dos vinhateiros, que é, sem dúvida, um problema grave. Mas para vermos como a reacção se intromete nestes assuntos e não se esquece de enviar os seus «pontas de lança», olçamos as palavras do tal assistente, que, de resto, fazia parte de um muito reduzido grupo que nos pareceu (embora sem coragem para levar até ao fim os seus designios) disposto a boicotar a reunião. Disse o referido assistente, a determinada altura do debate. «Realmente as coisas já estavam mal no tempo do Marcelo. Mas depois do 25 de Abril ficaram muito piores. Foi o 25 de Abril que teve a culpa da sub-

POLÍTICA DE AMBIENTE EM REVOLUÇÃO

Projecto revolucionário para a política de ambiente - propõe o Movimento Ecológico Português numa sessão ao público (Casa do Minho) a efectuar no próximo dia 5 de Junho.

Conta-se com a presença de pessoas interessadas em propor ou encontrar soluções para os problemas do ambiente português, em especial os representantes qualificados dos partidos políticos, a quem compete também estudar soluções convergentes da acção desenvolvida por grupos, movimentos e serviços que há mais tempo se preocupam com estes problemas, tais como: Movimento Ecológico Português, Secretaria de Estado de Ambiente, Comissão Nacional do Ambiente, Liga de Protecção à

Natureza, Cooperativa Unimave, Sociedade Portuguesa de Naturalogia, revista «Conteste», etc.

Desse encontro nascerá, certamente, um projecto revolucionário para resolução da nossa política de ambiente.

“MANHÃ DE LIMPEZA EM BENFICA”

Em referência à local que publicámos no passado dia 17, sob o título «Manhã de limpeza em Benfica», e em que se referia que uma escassa dezena de pessoas participara na jornada, a Comissão de Moradores da Rua República Peruana remeteu-nos um esclarecimento em que se escreve:

«De facto, não foi uma, mas largas dezenas de moradores que, sem desânimos, durante 12 horas consecutivas, deram o melhor do seu esforço, num

verdadeiro exemplo de colectivismo.

Como é evidente não houve uma participação maciça. Espera-se, aliás, seria uma utopia para quem tivesse um mínimo de consciência política. Admiti-lo, sequer, seria esquecer a pesada herança de um passado ainda recente.

Mas, apesar de tudo, a contribuição foi entusiástica e demonstrativa de que uma mentalidade nova está a florescer.»

Nacional

RIO MEÃO

VALE DO VOUGA: UM COMBOIO A TRACÇÃO POPULAR

RIO MEÃO: UM CASO NA LINHA

A reabertura da linha férrea do Vale do Vouga, marcada para amanhã, não marcará o termo da movimentação popular iniciada com o seu encerramento — que teve como pretexto o fogo ateado em 1972 pelas fagulhas do «Vouguinha», como é chamado o comboio. Pelo contrário, existem bastantes razões para crer que em algumas localidades da linha que liga Viseu a Espinho, haja manifestações de protesto (que alguns ameaçam tornar violentas), pelo facto de a C.P.

do houve aqui na estação uma grande manifestação de gente da terra para protestar contra o encerramento da estação, com todo o povo e os operários — diz, junto ao balcão, o filho de um patrão da terra, que no decorrer da conversa nos revela pertencer ao C.D.S. (ali com uma sede). «Há nisto um certo bairrismo e, se tivesse havido um melhor esclarecimento da C.P., continua, talvez a reacção das pessoas não fosse tão grande e se o serviço de camionagens fosse bem orga-

estudantes, os soldados que têm a sua vida fora daqui.

Além da agitação popular contra um encerramento anti-popular, há a diplomacia da Junta de Freguesia — «tem 1000 malta do P.P.D.», disseram-nos — que no dia 28 veio a Aveiro entregar à Câmara e ao Governo Civil uma exposição de protesto.

A FREGUESIA PEDE UM INQUÉRITO

Diz o documento, que nos foi mostrado pelo responsável da Junta, que «o movimento que a estação tem tido justifica de forma absoluta a sua manutenção. Repugna a Rio Meão — continua a transcrição — jogos de compadrio que levam a manter estações com muito menos movimento quer de passageiros quer de mercadorias e a eliminar aquelas cuja existência mais se justifica. Rio Meão, numa altura de redução de actividade da sua indústria, tem tido nos últimos meses a seguinte média mensal de movimento na sua estação: 1) Saídas de mercadorias, 2.372 despachos a que correspondem 157.000 quilos; 2) entradas de mercadorias: 250 despachos a que correspondem 16.500 quilos; 3) passageiros, 1.060; 4) na linha do Vale do Vouga, Rio Meão ocupa em movimento de passageiros e mercadorias o terceiro lugar, imediatamente após S. João da Madeira e Viseu; 5) isto quer dizer que sedes de concelho como Espinho, Vila da Feira, Oliveira de Azeméis, Albergaria-a-Velha, Sever do Vouga, Oliveira de Frades, Vouzela e S. Pedro do Sul têm menos movimento do que Rio Meão». Terminando, afirma-se que «o povo pede rigoroso inquérito e confia no critério de justiça e no bom senso daqueles que têm de decidir este momentoso problema».

João Ribeiro, com a furgoneta do armazém onde trabalha, um gravador e alguns altifalantes, é uma das pessoas da terra que mais tem tentado «juntar o pessoal» para as manifestações. Começa-nos por falar da terra, falando das eleições: A maior parte da malta aqui é o que se chama conservadora. Eu estive na mesa das eleições. O P.S. ficou em primeiro, depois ficou o P.P.D. e em terceiro o C.D.S. Já bastante menos votos teve o P.C. e os partidos que estão mais à esquerda. Mas o significado destas considerações políticas não é unívoco e não diz tudo (talvez até muito pouco) sobre a luta de classes numa zona como esta. E o que tem um determinado significado em Lisboa, por exemplo, não terá o mesmo aqui, onde (para espanto dos muros urbanos) é possível ver inscrições como: «Viva o P.C.P., o M.E.S. e o M.R.P.P.». Frases como estas, entre a inundação de «slogans» de partidos antioptimistas (C.D.S. e P.P.D. particularmente), poderão ser mais do que «ignorância política». E que em nome dela há quem pretenda esquecer que, se em Rio Meão há patrões que juntamente com trabalhadores fazem a mesma reivindicação, os interesses de cada um são de natureza diferente e não há que confundir os.

Os patrões defendem os interesses da mercadoria que os operários produzem. Estes os seus interesses como passageiros de uma linha que ameaçam roubar-lhes, e pela qual lutaram. A estação de Tio Meão não foi feita pelo Governo fascista — comenta João Ribeiro — mas por toda a gente que, quando não tinha dinheiro, deu horas de trabalho para a sua construção. É essa gente quem mais precisa do comboio, os trabalhadores, os



Por imposição popular os comboios em Rio Meão têm paragem obrigatória.

ter entendido encerrar 17 estações e apeadeiros contra a vontade das populações, no intuito de atingir tempos de viagem mais curtos. Como muitos leitores se lembrarão, o encerramento da linha, ditado por meros interesses de lucro (estes serviços eram deficitários) fez surgir um movimento de massas que, dentro das formas possibilitadas pelo fascismo e outras depois dele, reivindicou constantemente a reabertura dos serviços ferroviários que servem milhares dos assalariados de uma região beirã altamente industrializada. A reportagem que segue, refere-se, pois, aos «senhores da parcial vitória popular que representa o retorno das «diesels» aos trilhos do Vouga.

O vale que, de Aveiro, se estende para o interior e as freguesias mais para o Norte, até às proximidades de Espinho, beneficiando de uma certa litoralidade, apesar de deficientes redes rodoviárias e maus transportes, são zonas que assistiram à sucessiva implantação industrial e onde surgiu um proletariado ligado a um recente passado agrícola, que ainda hoje lhe pertence física e ideologicamente. Foram as indústrias da cordoaria, e a sua decadência, a tanoaria e as madeiras, o calçado (num curto raio à volta de S. João da Madeira há cerca de três mil unidades de produção artesanal sobretudo), e depois a metalúrgica, as ferragens, muitas vezes ligadas à produção de ferramentas para outras indústrias locais. Por aqui vivem os operários que nelas trabalham e muitos dos seus patrões.

Rio Meão no concelho de Vila da Feira, é uma dessas terras. Relativamente pequena, concentracionária no modo de vida, tem à sua volta muitas unidades fabris e uma larga população operária (1500 metalúrgicos), que até agora tem utilizado a curvilínea linha do Vouga. A C.P. pretende fechar a estação a partir de domingo, substituindo comboios por camionagem. Mas o povo não quer.

Num café da terra, à hora da digestão e do domínio, vamos interromper uma partida ao presidente da Junta de Freguesia, e conversamos com alguns dos presentes:

— No fim-de-semana passa-

MÁRIO RUIVO

Em visita de trabalho, o secretário de Estado das Pescas desloca-se amanhã a Matosinhos, onde, às 16 horas, terá uma reunião na loja com os trabalhadores do arrasto. Este encontro visa encontrar uma plataforma para a solução dos problemas que afectam a classe.

nizado, até poderia vir a ser melhor».

Numa mesa estão alguns delegados sindicais de fábricas de Rio Meão e é com um deles que, agora falamos: A Revolução Socialista é para favorecer as classes menos favorecidas — é a primeira das suas frases. Os trabalhadores querem o comboio a parar em Rio Meão. Muitos camaradas aqui trabalham noutros sítios, em S. João da Madeira, por exemplo, e não têm transporte próprio nem podem depender de camionetas que andam muitas vezes superlotadas. Isto, não tenha dúvidas, prejudica a classe operária que com o comboio sempre tinha a facilidade do passe, coisa que nas camionetas não há. E os que não têm motorizadas, nem nada, como é que é? Por isso, nós, os delegados, pensamos que era de nos juntar e apoiar as manifestações na estação e as ocupações dos comboios.

João Ribeiro, com a furgoneta do armazém onde trabalha, um gravador e alguns altifalantes, é uma das pessoas da terra que mais tem tentado «juntar o pessoal» para as manifestações. Começa-nos por falar da terra, falando das eleições: A maior parte da malta aqui é o que se chama conservadora. Eu estive na mesa das eleições. O P.S. ficou em primeiro, depois ficou o P.P.D. e em terceiro o C.D.S. Já bastante menos votos teve o P.C. e os partidos que estão mais à esquerda. Mas o significado destas considerações políticas não é unívoco e não diz tudo (talvez até muito pouco) sobre a luta de classes numa zona como esta. E o que tem um determinado significado em Lisboa, por exemplo, não terá o mesmo aqui, onde (para espanto dos muros urbanos) é possível ver inscrições como: «Viva o P.C.P., o M.E.S. e o M.R.P.P.». Frases como estas, entre a inundação de «slogans» de partidos antioptimistas (C.D.S. e P.P.D. particularmente), poderão ser mais do que «ignorância política». E que em nome dela há quem pretenda esquecer que, se em Rio Meão há patrões que juntamente com trabalhadores fazem a mesma reivindicação, os interesses de cada um são de natureza diferente e não há que confundir os.

Os patrões defendem os interesses da mercadoria que os operários produzem. Estes os seus interesses como passageiros de uma linha que ameaçam roubar-lhes, e pela qual lutaram. A estação de Tio Meão não foi feita pelo Governo fascista — comenta João Ribeiro — mas por toda a gente que, quando não tinha dinheiro, deu horas de trabalho para a sua construção. É essa gente quem mais precisa do comboio, os trabalhadores, os

pessoal dos caminhos-de-ferro, por muitos trabalhadores de empresas de transportes de carga, carregadores e descarregadores, com quem falamos. Dizem por exemplo, que terão muito mais trabalho quando os dois vagões de mercadoria, diariamente carregados em Rio Meão, tiverem de ser transportados para outras estações ali próximas (Esmoriz, Paços de Brandão, Vila da Feira ou S. João de Ver) e que dizem sem condições: ou que, a serem despachados por rodovias, o transporte sairá mais caro que o preço de certos produtos transportados. «O vouguinha há-de parar aqui, dê lá por onde der: — grita-se da multidão aos comboios parados. «Se não for a bem vai a mal e quando cá chegarem têm os carris

arrancados ou um pinheiro na via. Digam lá isso aos vossos chefes! Se é a altura de estarmos em igualdade, o comboio pára aqui. Olhem que, do dia um em diante, o primeiro a passar passa mas o segundo se não quiser parar já não passa! Até ao dia aguardamos, mas se passar o dia...» Palavras destas são constantes e estão por todo o lado. E facilmente se responsabiliza, nos dizeres que se dizem, instâncias maiores que os dirigentes da C.P. E os reaccionários da terra jogam nisso.

Não apoiar uma justa reivindicação popular como a que é feita pelos trabalhadores e operários de Rio Meão deixando que fascistas e reaccionários continuem a fingir-se amigos do povo é tão grave como a

atitude dos fascistas e caciques que, para não serem desmascarados, fingem pôr-se ao lado do povo para o continuar a atraí-lo.

Se a pressão popular levar à manutenção da pequena paragem de Rio Meão, se o «vouguinha» realmente estacar por ali, pontual e sem ser obrigado, então o povo da terra fará a sua festa popular que já conta com uma colecta de dois mil litros de vinho. Virão umas sardinhas e umas brasas e gente, muita gente, como a que lá estará amanhã e domingo. Que então os operários bebam com os operários e trabalhadores com trabalhadores, todos entre si e mais ninguém que o vinho do patrão tem outro sabor: entontece mas não dá para festas.

COSMONAUTA DA U.R.S.S. EM PORTUGAL

Valentina almoça com camponeses de Grândola

Valentina Terechkova, a cosmonauta soviética, aterrará amanhã em Lisboa. Não desce de uma nave espacial, mas sim de um avião. A quem a for receber certamente não dirá aquelas palavras tão belas proferidas a bordo do «Vostok 6» em 16 de Junho de 1963: «Sou uma gaiivota. Sou uma gaiivota. Um traço azul. Um traço azul. É a Terra. É tão bela! Tudo vai bem...» Não dirá essas palavras, mas dirá outras de saudação a um Portugal novo, onde os preconceitos políticos vão sendo destruídos e onde se caminha passo a passo para o socialismo.

A presença em Portugal de Valentina fica a dever-se à iniciativa do Movimento Democrático das Mulheres Portuguesas, fazendo parte do seu programa das comemorações do Ano Internacional das Mulheres em que aquele movimento político se integrou.

Eis o programa estabelecido para amanhã e domingo:

Amanhã — Chegada às 16 e 45; e jantar de recepção oferecido pelo M.D.M.

Domingo — Partida para uma região agrícola, às 8 e 30; paragem em Coina, às 9 e 30; paragem em Setúbal, às 10 e 45; com visita à Câmara Municipal; chegada a Grândola, às 12 e 45; almoço com camponeses em Grândola; encontro com o povo do Sul, às 16; visita à Câmara Municipal de Grândola, às 18 e 15 e partida para Lisboa às 19.



BREVE PERFIL DE VALENTINA

Filha de camponeses, Valentina perdeu o pai muito nova ainda, na II Guerra Mundial, e iniciou a sua vida de operária aos 17 anos, trabalhando numa fábrica de pneus.

Transitou depois para a indústria têxtil prosseguindo simultaneamente os seus estudos e praticando a modalidade desportiva de pára-queda. A sua competência profissional, os seus múltiplos interesses culturais, aliados a grande modestia e simplicidade, a sua cordialidade, granjearam-lhe a maior simpatia entre as companheiras de trabalho, pelo que foi eleita secretária do Co-

mité da União da Juventude Comunista da U.R.S.S., vindo a dirigir na fábrica acima mencionada um círculo de pára-quedistas.

Os primeiros voos no espaço dos cosmonautas Gagarine e Titov encheram Valentina de admiração e despertaram-lhe o desejo de realizar o mesmo. Com entusiasmo e perseverança dedica-se ao estudo de matérias complexas e faz intensa preparação física. Em 1962 ingressou no destacamento dos oficiais cosmonautas — e eu-la, após o treino adequado, se eleva no espaço em voo geminado com o cosmonauta Bikovski, perfazendo à volta da Terra um total de dois milhões de quilómetros.

BOM APETITE

AMANHÃ
Caldeirada à Muchaxo
e
Carne de porco à Guincho
NO RESTAURANTE
DA ESTALAGEM
MUCHAXO

RESTAURANTE

Av. Praia da Vitória, 50-E
Telef. 536080 — LISBOA
Encerrado às 2.ª-feiras

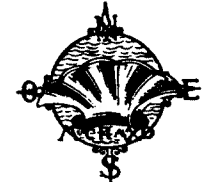
 **Restaurante CASTANHEIRA**
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA
ESTRADA DA TORRE TELEF. 79 01 68 LUMBAR
SALAS PRIVATIVAS PARA CONFRATERNIZAÇÕES
E LANCHES DE CASAMENTO
AOS DOMINGOS ALMOÇOS DANÇANTES
Parque automóvel (Encerrado às 2.ª-feiras)

 **RESTAURANTE . BAR O FAZ FIGURA**
VARANDA SOBRE O TEJO
Rua do Paraíso, 15-B — LISBOA
(Junto à Feira da Ladra)

RESTAURANTE
 **QUINTA DE S. VICENTE**
TELHEIRAS DE CIMA, 144 (Campo Grande)
CHURRASQUEIRA ADEGA TÍPICA
PARQUE AUTOMÓVEL PRIVATIVO
Encerrado às 3.ª-feiras

 **RESTAURANTE SANCHO**
Trav. da Glória, 8 a 16 — LISBOA
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Ar condicionado

Restaurante antónio
COZINHA TÍPICA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 63 — telef. 538780
(Junto ao metro) Lisboa

 **RESTAURANTE DA ESTALAGEM MUCHAXO**
ESPECIALIDADE DIÁRIA
CALDEIRADA À MUCHAXO
Tlef. 2850444 — PRAIA DO GUINCHO

 **ANTES E DEPOIS DO CINEMA RESTAURANTE SNACK • CAFÉ**
AMADORA - TELEF. 937593

RESTAURANTE ZÉ POVINHO
R. Marquês Sá da Bandeira, 86-B
(Junto à Av. Berna)
COZINHA PORTUGUESA

 **RESTAURANTE • TÍPICO ARRE MACHO**
ESPECIALIDADES REGIONAIS
RIO DE MOURO — Telef. 2961268 (Encerrado às 4.ª-feiras)

CAFÉ PURO CHAVE D'OURO O MELHOR CAFÉ

Nacional

DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO E POPULAR

CRIADOS OS PRIMEIROS NÚCLEOS DA A.P.D.E.P.

Continuam a verificar-se numerosas adesões à Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico Popular (A. P. D. E. P.), entidade que se propõe a «transformação da sociedade» bem como a «reconstrução nacional», como imperativos que urge resolver, e cujo objectivo principal é impulsionar o desenvolvimento da economia portuguesa, actuando nos sectores da agricultura, indústria e serviços, em sistema integrado, enquadrado no actual processo revolucionário, e recorrendo às técnicas, forças de trabalho e meios de produção potencialmente existentes e subaproveitados. Utilizando processos de austeridade, visa-se aumentar a produção, dentro de um planeamento provisório e, visando aumentar a produção, a A. P. D. E. P. entende que a produção será gerida pelas pessoas que a produzem.

CARACTERÍSTICAS

Os criadores da A. P. D. E. P. definem a organização como uma escola prática de acção revolucionária, porque todas as pessoas que nela participam (militantes e instruídos) estão permanentemente em estudo, investigação e adaptação das circunstâncias em relação ao terreno percorrido. É prática porque visa uma aplicação prática dos estudos teóricos existentes ou vindouros; de acção porque a A. P. D. E. P. só interessam os resultados através do trabalho, «não interessam palavras, promessas, discursos, relatórios burocráticos etc»; e revolucionária porque se insere no actual processo revolucionário, «procurando acelerá-lo, defini-lo, vivê-lo, ultrapassando todas as medidas restritivas ao avanço até alcançar o seu objectivo final».

A A. P. D. E. P. é política porque visa alcançar um «socialismo de base popular» o mais rapidamente possível, mas não partidária porque nela podem participar todas as pessoas, quaisquer que sejam as suas preferências ideológicas, desde que respeitem os objectivos e padrões de actuação preconizados pela A. P. D. E. P. É independente porque a sua actuação «não pode depender nem dos partidos políticos nem dos órgãos do Governo, embora aceite a necessidade da colaboração de todos». Por outro lado a A. P. D. E. P. afirma a sua qualidade selectiva, porque só lhe interessam militantes perfeitamente identificados com o processo revolucionário em curso e que lhe proporcionem um mínimo de participação.

IR AOS LOCAIS DE TRABALHO

A sua acção será efectuada nos campos, nas fábricas, nas escolas, nos escritórios e outros lugares onde os seus serviços sejam necessários, pelo que a A. P. D. E. P. se deslocará aos locais de trabalho.

Como escola de reconversão e reciclagem só lhe interessam actividades que satisfaçam as necessidades internas do País, em primeiro lugar, ou criem excedentes possíveis de exportar.

Nos planos da A. P. D. E. P. inclui-se a coordenação da sua actividade a nível geral com o auxílio de técnicas evoluídas, tais como a Informática,

que pela primeira vez passará a desempenhar serviços de interesse colectivo no sector da agricultura. Esta técnica deixa, assim, de constituir actividade privilegiada e isolada, como instrumento de luxo e publicidade ao serviço dos grandes capitais. Sempre em situação de grande subaproveitamento das suas potencialidades em meios humanos e equipamentos, estão investidos na Informática vultuosas quantias que agora podem prestar valiosos serviços à Economia Popular.

As acções da A. P. D. E. P. decorrerão nas aldeias e nas fábricas e todas as profissões, desde o médico ao cavador, verdadeiramente interessadas, são necessárias à organização. As pessoas qualificadas (quadros) são fundamentais para o bom sucesso da A. P. D. E. P., desde que verdadeiramente participantes nos objectivos por ela indicados. As massas trabalhadoras a quem não foi permitida qualificação suficiente precisam de todos quantos com ela queiram trabalhar na construção do verdadeiro «Socialismo de Base Popular». Tudo isto faz com que a A. P. D. E. P. seja, ao mesmo tempo, uma escola de unidade.

PADRÕES DE ACTUAÇÃO

A estrutura da A. P. D. E. P. apoia-se em núcleos. Para que a operacionalidade seja tão rápida quanto precisa e sempre adaptável às circunstâncias, foi definida uma estrutura modular por núcleos. Assim, aparecem dois tipos de núcleos: os Núcleos de Estrutura A. P. D. E. P. e os Núcleos de Produção.

Foram já criados os seguintes: Planeamento Geral e Programação de Tarefas, Normalização de Documentos, Normalização de Planos de Contas das Contabilidades, Formação e Gestão de Cooperativas, Implementação da Exploração Agrícola por Critérios de Racionalidade Económica, Estudo de Integração de Actividades, Inventários dos Recursos e Meios Existentes, Programação das Necessidades Humanas Fundamentais, Distribuição de Tarefas, Coordenação, Informação (Publicidade e Outros), Actividades Acessórias e Informática.

A racionalização da produção implica métodos de tra-

balho lógicos e elementares, metodologia que é compatível com o sistema descentralizado da A. P. D. E. P. Assim, para cada produto considerado essencial a todas as pessoas é criado o respectivo núcleo, o qual estuda com a profundidade exigível esse produto, sempre em sistema integrado.

Para estudo dos artigos ou serviços essenciais, e aos quais a A. P. D. E. P. dá prioridade, estão já criados os seguintes núcleos de produção: azeite/óleo, arroz, açúcar, manteiga, leite, pão, batata, milho feijão, carne, peixe, fruta, vinho, outras bebidas, legumes, calçado, vestuário, habitação, transportes, assistência sanitária, medicamentos, medicina, ensino e monetário.

O comodismo de hoje, salienta a A. P. D. E. P., em muitos casos não é compatível com o «Socialismo de Base Popular» de amanhã. «Em consequência os militantes da A. P. D. E. P. exigem a si próprios um comportamento de actuação exigente».

Igualmente para cada produto a exportar/importar serão criados oportunamente núcleos de estudo.

Trabalhadores da R.R. consolidam a ocupação

Na ausência de qualquer atitude da entidade patronal perante a sua luta, os trabalhadores da Rádio Renascença dedicam-se, neste momento, a consolidar a ocupação dos estúdios e emissores de Lisboa, efectuada há três dias. Com esta posição solidarizaram-se os trabalhadores do emissor da Lousã, que passou a ser controlado pelo Copcon, certamente para impedir actos de sabotagem como os que se verificaram em Monsanto. O pessoal do Emissor Regional do Norte, como dissemos ontem, não aderiu à luta e tem-se prestado à divulgação de acusações por parte dos que estão do lado do patronato contra os trabalhadores.

Os trabalhadores em luta atravessam neste momento grandes dificuldades financeiras. Suspensos os programas comerciais, a publicidade que neles estava inserida e que constituía uma importante fonte de receita, desapareceu. Apenas os produtores de «Página Um», «Zona Azul», «Zona Verde» e Valentim de Carvalho deram o seu aval a uma emissora gerida pelos trabalhadores. Algumas ofertas de publicidade surgidas entre tanto dizem, porém, que as pessoas encaram com certa credibilidade a posição dos trabalhadores. No entanto, elas são até agora insuficientes, não só para garantir o pagamento dos ordenados, mas, até, para manter a estação «no ar».

Para a organização da luta, objectivo a que os profissionais dedicam neste momento o melhor do seu esforço, contam com a cooperação de trabalhadores de outros sectores. Segundo um dos elementos da comissão coordenadora, a solidariedade activa da classe operária tem sido sem limites.

Depois de resolvidos os problemas de organização, passar-se-á aos de programação. Ainda não foi decidido se a antena continuará a ser alugada ou se os trabalhadores vão passar a inserir a publicidade na programação da estação.

Admite-se também a hipótese de começarem, nos primeiros dias de Junho, a transmitir em directo da Feira Internacional de Lisboa. Esta iniciativa — cuja concretização poderia ser um importante contributo para aliviar as dificuldades financeiras — conta com a colaboração da Intervoz, a concessionária de publicidade da F. I. L.

CONSELHOS REVOLUCIONÁRIOS APOIAM A LUTA

Enquanto os partidos políticos mantêm o mais completo silêncio sobre a luta dos trabalhadores da Rádio Renascença por uma informação ao serviço do povo trabalhador, o Secretariado Nacional Provisório dos Conselhos Revolucionários de Trabalhadores, Soldados e Marinheiros emitiu um comunicado em que exprime a sua «solidariedade militante aos camaradas da R. R.». Nesse comunicado, tecem-se as seguintes considerações: «Todos os

órgãos de Informação devem estar ao serviço do processo revolucionário para a instauração do socialismo e ditadura do proletariado, como única forma de restabelecer a justiça e a igualdade. Os meios de Informação são uma forma de poder, pois conduzem e controlam a ideologia e a consciência das pessoas a que se destinam. O proletariado e os explorados em geral terão de organizar-se em C. R. T. S. M. para exercer o controlo e a vigilância revolucionária sob os meios de Informação e colocá-los ao serviço da Revolução socialista.»

E a concluir: «Denunciamos o assalto ao aparelho da Informação, de interesses e património nacionais e o controlo sectorial de partidos e combateremos o seu domínio por organizações capitalistas. Todas as correntes ideológicas do proletariado têm igual direito de utilização dos meios de Informação. Sem o exercício desse direito não há democracia proletária, mas sim ditadura dos partidos sobre a classe.»

Motoristas do Porto aprovaram proposta contra os jornais

PORTO, 30 — Aprovando uma proposta da direcção do respectivo Sindicato, os motoristas do Porto abriram caminho a um boicote aos jornais da cidade, com o argumento de que estes não noticiaram um importante cortejo motorizado.

A assembleia do Sindicato dos Motoristas do Distrito do Porto reuniu-se, ontem, no Pavilhão das Antas, para apreciar o contrato colectivo de trabalho e fazer uma «análise ao silêncio da Imprensa (Rádio e TV incluídas) sobre o nosso grandioso cortejo de viaturas no dia 1 de Maio», além de

tratar de assuntos de interesse para a classe.

No que respeita ao aludido silêncio, a assembleia aprovou uma proposta da direcção do Sindicato, segundo a qual nenhum motorista «poderia (disso ficava impedido pelo Sindicato) transportar bobinas de papel para os jornais da cidade, dado que não noticiaram tão importante cortejo motorizado».

Foi também decidido enviar hoje a Lisboa um autocarro de 73 lugares com motoristas que se avistaram com o ministro dos Transportes e Comunicações para debater assuntos de interesse para a classe.

TRABALHADORES DA OLIVA (ITT) QUEREM A INTERVENÇÃO DO ESTADO

S. JOÃO DA MADEIRA (Do nosso enviado especial Francisco Neves) — Mais de dois mil trabalhadores da fábrica Oliva deliberaram, em reunião plenária, «solicitar ao Governo o seu apoio e a sua intervenção imediata na empresa», elaborando para tanto um abaixo assinado entregue ao Conselho da Revolução ao Primeiro-Ministro e aos responsáveis pelas pastas do Trabalho, da Indústria e Energia, Finanças e Coordenação Económica.

A Oliva, desde 1969 dependente da ITT, enfrenta hoje uma grave crise financeira que tende a agravar-se, como resultado de uma gestão económica que, obedecendo aos interesses imperialistas da multinacional, promoveu, através da prática de subfaturação de certos artigos, a exportação de capitais.

«Há três meses foi dado a conhecer ao Governo que havia razões que justificavam a abertura de uma sindicância à gestão da empresa. A resposta foi que, logo que o Governo encontrasse o pessoal técnico para a fazer, enviaria cá alguém para esse efeito. Até agora, isso ainda está por fazer», declara-nos a Comissão de Trabalhadores da Oliva. «Em função dos resultados dessa sindicância é que o Estado poderá fazer as suas opções relativamente ao modo de intervenção que lhe é pedido» — afirmaram-nos.

A ITT (International Telegraph and Telephone) acabou com a produção nacional das máquinas de costura e fez na fábrica largas obras, destinadas ao fabrico de torneiras que exporta para uma associada alemã, a Grhoe que as comercializa a preços muito superiores ao seu custo real. As previsões saíram erradas: dos 300 mil contos anuais que se pretendia produzir, apenas se realizaram 26 mil, este ano. E aqui surgiram ameaças de despedimento de 500 operários. Os trabalhadores opuseram-se.

«Esta ameaça real fez acabar com os divisionismos entre os trabalhadores, fomentados pelo patronato, e o último plenário realizado (dia 21), a pedido das bases, é a expressão de posições unitárias» — assinala um elemento da comissão.

Uma das tentativas divisionistas da ITT foi a de aumentar inesperadamente os trabalhadores, pouco depois do 25 de Abril, em 1 500\$00. Mas o aumento não foi aceite pela grande maioria dos operários, uma vez que, na altura, estava em negociação um contrato colectivo para os metalúrgicos. Mas outras tentativas houve.

DUAS PROPOSTAS

A Comissão dos Trabalhadores que, por decisão plenária, passou a ter poderes executivos relativamente ao controle da produção e a actos administrativos, entende haverem duas possíveis soluções para o impasse económico que ameaça afectar a classe: «Procura-se, com a colaboração do Fundo de Fomento de Exportação, colocar produtos nossos no mercado internacional, acabando, quanto às torneiras, com o monopólio da Grhoe, e a preços estipulados em Portugal e, por outro lado, exigindo ao Governo a expropriação dos solos urbanos, para que se arranque com a construção de habitações sociais, a qual poderia dar vazão a muitos produtos aqui fabricados e em stock (tubos, banheiras, etc.)».

A Comissão é da opinião que «nada se pode fazer com balões de oxigénio» (investimentos), sem que não haja a reconversão que as soluções

atrás apontadas subentendem. Para esta, foi lançada uma campanha junto dos trabalhadores para que estes deem ideias sobre novas aplicações dos artigos fabricados em S. João da Madeira ou sobre a fabricação de produtos vendáveis.

Outra decisão dos trabalhadores da Oliva foi a de não permitir que seja pago a qualquer funcionário ou colaborador mais do que o salário máximo nacional. Entretanto, está elaborado um estudo das revisões salariais que será apresentado em plenário, caso o contrato colectivo de trabalho dos metalúrgicos não entrem em vigor até 30 de Junho, como parece que irá acontecer.

Outra questão importante — vital, aliás, para o desenvolvimento de qualquer luta operária — refere-se à situação do saneamento na empresa.

PARA REPARAR ARBITRARIEDADES NA FUNÇÃO PÚBLICA

De acordo com uma informação da Secretaria de Estado da Administração Pública, encontra-se para análise num próximo Conselho de Ministros um projecto de lei que tornará possível a reparação de algumas situações criadas por ilegalidades e irregularidades cometidas antes do 25 de Abril.

Esta informação, prestada a propósito de uma comunicação emitida por uma comissão de trabalhadores da Direcção-Geral de Assistência Social e do Instituto da Família e Acção Social, esclarece que o projecto em estudo visa todos os trabalhadores da Função Pública e não apenas os dos serviços dependentes do Ministério dos Assuntos Sociais.

Os signatários da comunicação que provocou este esclarecimento dizem sentir-se defraudados por lhe terem sido feitas promessas que não foram cumpridas, nomeadamente no que se refere ao secretário de Estado da Administração Pública, dr. Rui Barra-

até agora, e certamente parecerá estranho (de mais a mais numa empresa da ITT) não foi ainda descoberto — diz a Comissão — nenhum elemento comprometido com as corporações repressivas do regime fascista. Os elementos da Comissão de Trabalhadores com quem falamos (Manuel Henrique de Pinho, Manuel Luís Ribeiro, António Pereira Moreira e Pedro Martins Palmares) declararam estar convencidos de que os «bufos» dentro da empresa — a existirem — virão a ser conhecidos com o desenvolvimento dos trabalhos da Comissão de Extinção da PIDE-DGS que agora se encontra em situação de crise.

Oxalá a preocupação com o que é económico não venha a prejudicar a importância do político. A acontecer tal erro, serão os trabalhadores a pagá-lo.

das Amaral, que teria informado, em 15 de Maio, que o projecto já fora enviado a Conselho de Ministros. De acordo com os signatários do comunicado, o dr. Rui Amaral leu, em 15 de Abril, a um grupo de trabalhadores um projecto desse mesmo decreto-lei, prometendo que o mesmo seria enviado no dia seguinte a Conselho.

Segundo a informação agora prestada pela Secretaria de Estado da Administração Pública, ainda que se reconheça como legítima e até necessária uma atitude crítica relativamente aos actos administrativos do Governo, não pode ela ser aceite pelo mesmo Governo e quaisquer que sejam as formas que revista, desde que assente em mobilização manifestamente incorrecta de sectores específicos dos trabalhadores, por partir de pressupostos não confirmados ou deformados que são sempre potencialmente prejudiciais ao processo revolucionário.

O CENTRO DE EDUCAÇÃO EM RISCO DE DESAPARECER

COVILHÃ (do nosso correspondente) — O Centro de Educação Especial A.C.M. (Associação Cristã da Mocidade) para Deficientes Mentais da Covilhã, que tem as suas instalações na Quinta do Ribeiro Negro, no Refúgio, subúrbios desta cidade, encontra-se em crítica situação financeira, pois não dispõe de verbas suficientes. Quem vai salvar esta escola, tão necessária numa região em que há muitos deficientes?

Todos dizem não aos nossos pedidos, revelou-nos o director da Escola, dr. Francisco Ramo, de nacionalidade espanhola, numa conferência de Imprensa que a direcção do Centro de Educação Especial A.C.M. promoveu para expor os problemas graves com que se debate à nascença, este novo estabelecimento de ensino da Covilhã. Encontravam-se presentes a Direcção do Centro da Educação, a equipa dos professores e os pais dos alunos. O dr. Francisco Ramo acrescentou que se formou uma Associação de pais de deficientes mentais e se contactou depois com Centros em Espanha, onde existem em grande número, para se conhecer experiências. A seguir, disse elaboramos o projecto pedagógico. Conseguiram-se a cada período de psicólogos, mas é na prática

do dia-a-dia e no contacto com os alunos que se escolhe o tipo de aulas a dar, numa criatividade permanente.

Mais adiante indicou que o número de alunos já existentes é de 22, podendo a escola somente receber mais 12, o máximo, pois cada professor dirige um grupo de sete. Para além deste número, o ensino pode falhar.

Neste momento o aspecto mais preocupante da Escola é a falta de verbas. Recebem várias promessas — sublinhou o director de Ministérios, Caixas de Previdência, Sindicatos, Fundação Gulbenkian. Até agora, nem um centavo. Se, em dois ou três meses, não resolvermos estas dificuldades, teremos de fechar o Centro.

O último problema posto foi o da excessiva quantia da renda da casa: oito mil escudos mensais. Citou-se o caso do anterior inquilino pagar apenas quatro contos e meio.

Como é possível isto? Perguntava-se. Ninguém quer ajudar? Nem entidades públicas nem particulares?

Quem salva este Centro de Educação de Deficientes Mentais? Na região há centenas e centenas de deficientes. Vamos todos ficar indiferentes? E as autoridades distritais? Esperemos que não. O 25 de Abril não o vai permitir.

GRÁFICOS DO PORTO RECOMEÇO DAS NEGOCIAÇÕES

PORTO, 30 — Através de um comunicado, o Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Distrito do Porto dá a conhecer que as negociações do caderno reivindicativo para os trabalhadores de litografia, rotogravura e casas de obras foram suspensas. Só prosseguirão quando for apresentada a proposta de tabela salarial que está a ser elaborada por uma Comissão Interministerial. Prevê-se que as negociações recomecem na próxima semana.

DESEMPREGADOS AMEAÇAM GREVE

Em virtude da recusa do pa-

tronato em aceitar o cumprimento integral do contrato colectivo, os desenhistas, retocadores e maquetistas do sector gráfico reunidos em plenário aprovaram a seguinte proposta: «que, a partir de 2 de Junho próximo, seja reduzido o tempo de trabalho diário em duas horas no primeiro dia, quatro horas no segundo, seis horas no terceiro, oito no quarto e o total das horas diárias nos dias seguintes. A manter-se a recusa do patronato, prolongar-se-á a greve total até à satisfação do contrato colectivo de trabalho, em causa. Não serão aceites cumprimentos contratuais de firmas isoladas. Neste contexto, a greve será confirmada a todas as firmas e dependências gráficas que à data de 13 de Maio de 1975 não cumprem o contrato, que sejam nomeados de entre os trabalhadores por firma, piquetes de greve nos locais de trabalho para garantia do processo reivindicativo.

graça de Nossa Senhora? Ou serão as «graças de Nossa Senhora» fomentadas por quem recebe a paga das mesmas?

Na página 3 do mesmo número da «Voz do Santuário»: «A Exm.ª Sr.ª D. (...) de Aldeia do Vilar, enviou 500\$00 para o altar da Senhora das Preces, em cumprimento de uma promessa e de uma graça que obteve de Nossa Senhora».

«Amor à verdade» ou amor à paga das «graças» de Nossa Senhora?

IV

A extraordinária manifestação de apoio ao M.F.A. que se realizou em Lisboa no passado dia 28, teve, como se sabe, uma grande participação de comunistas.

O E.L.P., segundo se crê, não esteve representado. Nem a redacção e direcção da «Voz do Santuário».

N.G.S.

“VOZ DO SANTUÁRIO” OU VOZ DA REACÇÃO?

I

1. O E.L.P. (Exército de Libertação de Portugal) é, como se sabe uma coisa tenebrosa: queria «pinochetizar-nos» rapidamente, porque há comunistas em Portugal e no Governo do País.

2. A «Voz do Santuário» é um jornal regional. Publica-se na Aldeia das Dez, Oliveira de Azemeis, e é propriedade da Irmandade de Nossa Senhora das Preces.

3. O E.L.P. detestou o 25 de Abril. Nasceu por causa dele para o destruir.

4. A «Voz do Santuário» diz: «Afinal, nem o 25 de Abril arrancou ainda cá para os nossos lados».

5. Portanto, a Aldeia das Dez está como o E.L.P. gosta: sem 25 de Abril.

II

No seu número de Março, a «Voz do Santuário» incluiu um artigo intitulado «Amor à Verdade» que, às tantas,

reza assim: «Os meios de comunicação, tão partidários, não ajudam nada a descobrir a verdade».

Do partidarismo dos «meios de comunicação» (ou do anti-partidarismo que, em certos casos, vem a dar no mesmo) julgará o leitor se analisar o texto que, sob o título «Boa Pádua...», vem publicado na «Voz do Santuário» e que passamos a transcrever:

«Um jornal de Lisboa contava há tempos que um certo protestante preocupado com o destino que daria a um filho de três anos, resolveu ir consultar uma bruxa.

«Esta deu-lhe o conselho seguinte:

« — Meta a criança num quarto e junto dela uma bíblia, uma maçã e uma moeda. Volte dentro de cinco minutos. Se o peiz se entretem com a bíblia já sabe: deve fazer dele um pastor; se deitou mão à maçã deve ser lavrador; se brin-

car com a moeda tem de ser banqueiro.

«O pai supersticioso assim fez. Mas... ó céus o que ele viu!... O pequeno estava muito bem sentadinho em cima da bíblia, com uma das mãos segurava a maçã que ia papando e a outra apertava a moeda. O pai, indeciso, foi outra vez consultar a bruxa depois de lhe narrar o sucedido. Resposta imediata desta:

«Faça do seu pequeno um deputado comunista. Tem todas as qualidades para triunfar: desprezo pela religião, amigo do dinheiro e habilidade para se aproveitar do trabalho dos outros...»

III

Ao padre Mário Oliveira de Brito, director da «Voz do Santuário», perguntamos: quem é partidário? Quem «não ajuda nada a descobrir a verdade»?

Será verdade, por exemplo, que «a Exm.ª Sr.ª D. (...)» tenha obtido «uma

ROUPÕES DE PRAIA

Acabamos de receber um lindíssimo sortido de roupões turcos, lisos e estampados, em malha e veludo.

Também chegou já a nova colecção de toalhas de praia em moderníssimos padrões.

l'art des fémininos

AV. GUERRA JUNQUEIRO, 3-D
RUA ÁUREA, 179



Aos preços oficiais. Com a vantagem da nossa experiência. E da mais completa selecção de viagens. Faça férias em todo o mundo. Claras aconselha-o.

Claras

Av. Fontes Pereira de Melo, 33
Tels. 563451 - 560015 / Lr boa 1

Estrangeiro

Uma frente socialista-comunista está a revolucionar Bolonha

«Conservação significa a reapropriação social da cidade. Conservação e revolução» — eis o lema da frente comunista-socialista que preside aos destinos da cidade italiana de Bolonha. Quando outras cidades daquele país defrontam problemas aparentemente insuperáveis, que parecem condenáveis a um inexorável colapso, Bolonha é objecto da curiosidade dos estrangeiros que ali vão observar como certos problemas urbanos encontram soluções originais, tendentes a conservar a fisionomia da cidade.

Em Bolonha conversa-se pouco e faz-se muito. Neste momento estão a ser restauradas habitações modestas no centro da cidade. Numa delas, na Via San Leonardo, está quase concluída, e albergará 21 famílias no próximo ano. A nova estrutura substitui uma outra que foi bombardeada durante a guerra. Alguns dos apartamentos têm apenas um quarto e destinam-se a hóspedes ou estudantes. Outros têm dois ou três quartos. Todos

eles têm aquecimento central e instalações sanitárias, comodidades modernas que não existiam nos velhos edifícios do centro da cidade. As famílias que vão habitar este complexo vivem agora num prédio vizinho, que vai sofrer as mesmas remodelações, e têm o direito de regressar às suas habitações actuais, depois de restauradas. Dentro de dois anos, haverá 450 pessoas a viver no centro de Bolonha, em edifícios velhos que deste modo foram recuperados. As autoridades de Bolonha demonstram com os factos que é muito menos dispendioso — e muito menos destrutivo para a cidade — restaurar prédios de renda baixa no centro dum cidade do que construir novos prédios em zonas suburbanas. (A diferença oscila entre 70 a 75 mil escudos por habitante). A maior economia regista-se, porém, nos serviços públicos da cidade.

Tanto os prédios renovados como os antigos mantêm em muitos casos os seus pequenos jardins e quintais. No pla-

no das autoridades, prevê-se que cada cidadão bolonhês disponha de oito metros quadrados de espaços verdes. A longo prazo, esta área será aumentada para 40 metros quadrados.

Bolonha está neste momento a tentar restaurar parte da área que se encontra no interior dos muros da cidade. Estão em fase bastante avançada os projectos de restauração de 120 andares e 40 lojas.

Os senhorios interessados em restaurar os seus andares arrendados podem obter empréstimos bancários, cujos juros são pagos pela cidade, que cobre até 80 por cento dos gastos da restauração. O antigo inquilino regressará para o andar, ou, no caso de não querer, o senhorio é obrigado a arrendá-lo pelo mesmo preço a um novo inquilino. Nesta matéria, nada pode decidir-se sem consulta à assembleia das 18 comissões de moradores.

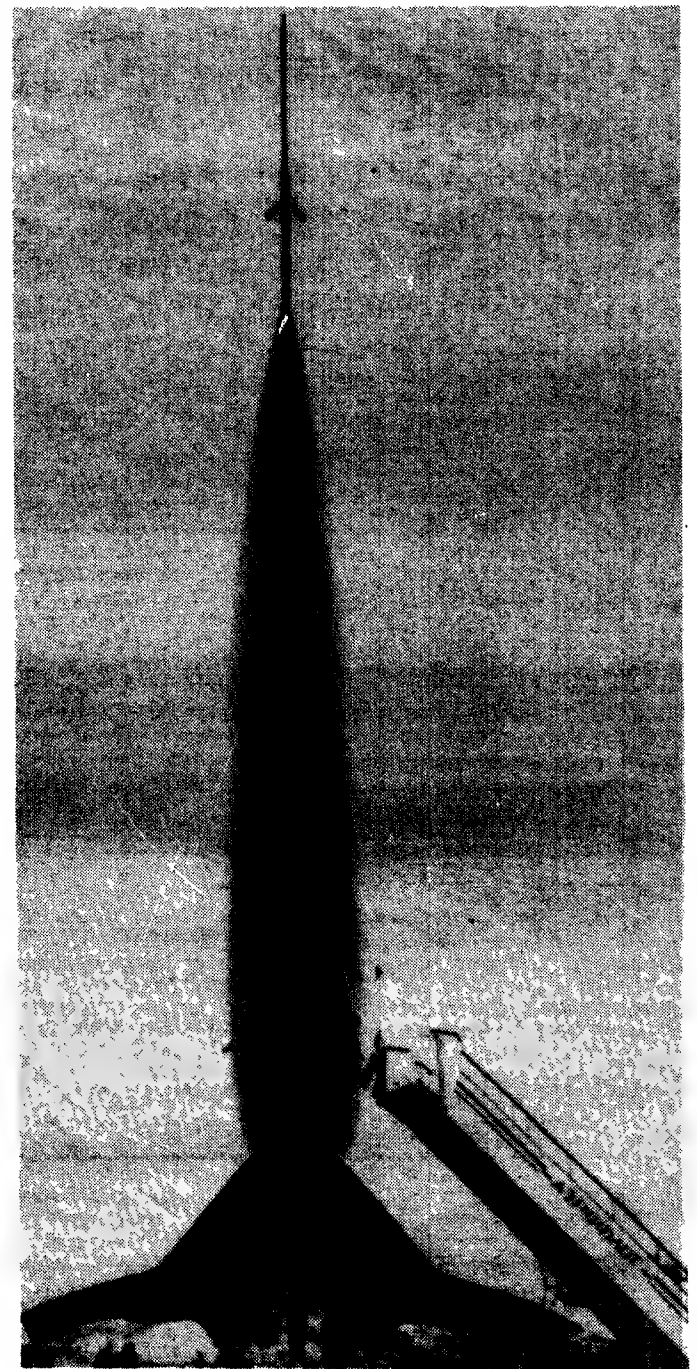
Bolonha detém o recorde nacional do número de crianças

em idade pré-escolar a que presta assistência em creches. Bolonha dispõe ainda dum «hospital diurno» para os mais velhos. Num país, onde parte da ineficácia dos hospitais se deve à superlotação causada pelos velhos, cujas famílias os internam sempre que podem, estes «hospitais diurnos» (onde as pessoas idosas recebem assistência durante o dia, regressando à noite a casa) são uma grande inovação. Mas as pessoas idosas que ficam em casa também não são esquecidas: cada bairro tem um médico, uma ou duas enfermeiras e uma equipa de pessoal de limpeza que vão visitar os idosos às suas casas.

Enquanto Roma e nas outras cidades italianas aumentam para o dobro as tarifas dos transportes públicos, Bolonha continua a ser a única cidade do país a oferecer transporte gratuito a toda a gente das 5 às 9 da manhã e das 5 às 8 da noite. Os reformados têm transporte gratuito a todas as horas e os estudantes podem viajar também a toda a hora, mediante um passe mensal de 30 escudos.

A principal praça de Bolonha e a praça adjacente constituem o único passeio desta vastidão (salvo a praça de São Marcos de Veneza) onde os italianos podem andar sem receio de ser atropelados, facto que se deve à rigorosa proibição de todo o trânsito automóvel naquela zona.

Esta total recuperação de uma tão vasta zona da cidade para o convívio da população seria o bastante para garantir a reeleição da frente comunista-socialista que gere Bolonha. Revolucionar neste caso, é realmente conservar. Conservar a ligação do Homem à cidade, inteiramente destruída pelo capitalismo.



O avião supersónico de passageiros soviético TU-144, apresentado no Festival Aeronáutico Internacional do Bourget, em França, onde o aparelho é conhecido pela designação de «Concordov», devido à sua semelhança com o Concorde franco-britânico. Um modelo menos aperfeiçoado do TU-144 despenhou-se há dois anos em França (Telefoto UPI/Telimprensa)

24 horas no Mundo

O embargo de petróleo revelou-se a arma mais eficaz de boicote aos países industrializados. Não surpreende, pois, que seja essa uma das medidas em estudo para fazer vergar a África do Sul na questão da Namíbia. A questão está a ser analisada por um grupo de Estados africanos, que tencionam propor o embargo ao Conselho de Segurança das Nações Unidas. A questão da Namíbia (Sudoeste Africano) arrasta-se desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Possessão alemã, até ao fim da Guerra de 1914-18, o Sudoeste Africano — território de 318 mil quilómetros quadrados de superfície, com uma população de 610 mil pessoas e grande riqueza mineral — foi entregue à administração da África do Sul pela Liga das Nações. Depois da Segunda Guerra Mun-

dial, a O.N.U. (organização que substituiu a Liga das Nações) não concluiu qualquer acordo com a África do Sul, pelo que se considerou que o território estava sujeito a mandato internacional e que o Governo de Pretória era obrigado a transferir os seus poderes sobre a Namíbia para as Nações Unidas. Sucessivas decisões internacionais reafirmaram este princípio. Em vão. A África do Sul tem continuado impunemente a gerir a Namíbia como coisa sua, não se detendo sequer ante a aplicação do seu regime racista de «apartheid» àquele território. É evidente que isto tem sido feito com a clara complicitade de muitos países que, por acordo com Pretória, exploram as riquezas da Namíbia, embora nas instâncias internacionais se mostrem verbalmente favoráveis à aplicação das normas jurídicas internacionais. Novas condições surgem agora, porém. A comunidade africana e a sua organização supranacional — a O.U.A. — estão cada vez mais fortes. O «25 de Abril» e o consequente processo de descolonização alteraram radicalmente os dados políticos não só da África Meridional como de todo o continente e até do Mundo inteiro, na medida em que o bloco dos países progressistas sai reforçado com a constituição dos novos Estados de língua portuguesa. Aquilo que nenhuma lei internacional conseguiu da África do Sul, conseguiu-lo-ão, mais tarde ou mais cedo, os países progressistas da África. O fac-

to de encarem para tal a hipótese do embargo de petróleo revela já a sua força. Força contra a qual não se quebrar-se todas as resistências dos regimes que, esquecidos do tempo histórico, tentam perpetuar na Terra formas escravagistas de opressão.

A. N.

■ Acentua-se a repressão em Espanha, enquanto nas esferas oficiais se fazem os preparativos para a visita do presidente Gerald Ford dos E.U.A.

■ O presidente egípcio, Anwar Sadat, conferencia na Jugoslávia com o presidente Tito, antes de seguir para Salzburgo onde se avistará com o chefe de Estado norte-americano.

■ Gustav Husak assumiu a presidência da República da Checoslováquia.

■ Os delegados ocidentais anunciaram que se registaram progressos nas conversações preparatórias da Conferência para a Paz, Cooperação e Segurança Europeias, cuja cimeira poderá realizar-se em Julho na capital finlandesa.

O presidente soviético visitará a Dinamarca

MOSCOVO, 30 — (R.) — Nikolai Podgorny, presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, aceitou um convite para visitar a Dinamarca que lhe foi feito pela rainha Margarida da Dinamarca, durante um almoço dado em honra da soberania — anunciou a agência noticiosa Tass.

Podgorny, que é o anfitrião da rainha durante a visita que esta está a fazer à União Soviética — aliás a primeira realizada por qualquer monarca da Europa Ocidental desde a gloriosa revolução bolchevista de

O caso do avião-espião caído na Alemanha

ARNESBERGA (RENA-NIA-VESTFÁLIA), 30 — (F.P.) — «Caiu» na quinta-feira, perto de Arnesberga, um avião norte-americano, do tipo U-2. O aparelho, cujo piloto incógnito, esvaziou os depósitos de combustível antes de saltar de para-quedas, só está levemente danificado.

O local da queda foi imediatamente rodeado por soldados alemães e norte-americanos, assim como por helicópteros, que impedem o acesso por via aérea.

Este tipo de avião-espião pode voar a mais de dez mil metros de altitude. Nenhum tem base oficialmente na RFA. Em 1 de Maio de 1960 um destes aparelhos foi abatido quando atravessava o espaço aéreo da União Soviética. Verificou-se que estava em missão de espionagem, e o seu piloto Francis Power, capturado vivo, foi condenado por um tribunal soviético.

Os soldados norte-americanos que, com o auxílio do Exército alemão, cercam o local onde caiu o U-2 norte-americano, num raio de quatro quilómetros, pediram a todos os fotógrafos que lhes entregassem as suas películas.

Estes afirmaram que o avião, seguido por uma esteira de fumo negro, voava muito baixo e vinha de Leste. Conseguiram, do alto duma colina, avistar o aparelho que, segundo eles, tem as asas partidas. Brigadas de técnicos iniciaram já a sua desmontagem.

Embora nitidamente ultra-

passado pelo SR-71, o super-espião, que voa a 36 mil metros e a 2.200 quilómetros por hora, o U-2, que não ultrapassa 21.350 metros e 795 quilómetros por hora, continua em serviço.

O comando das forças norte-americanas na Europa, instalado em Estugarda, confirmou que um avião de reconhecimento a grande altitude U-2 se despenhou na quinta-feira de manhã a oito quilómetros de Winterberga, na República Federal da Alemanha. O piloto, que saltou de para-quedas deu entrada no hospital das Forças Aéreas norte-americanas de Wiesbaden. Encontra-se bem.

Nos meios oficiais norte-americanos esclarece-se que cinco aviões U-2 têm base temporária em Weathersfield, na Grã-Bretanha. Recordam as mesmas fontes que estes aviões estão na Europa — conforme declarou o Governo britânico — para participar em ensaios de três meses por cima de vários outros países aliados. Trata-se de ensaio um sistema de navegação de precisão a grande altitude. Estes U-2 não estão armados, não tiram fotografias e é com autorização dos países aliados que voam sobre os seus territórios.

agora em **PORTUGAL**

depois de **7 ANOS NO CARTAZ**

no **TEATRO**

em **LONDRES**

UMA COMÉDIA MAIS QUE **SEXY**

MOSTREME

PIRATA

TOPS

ATA

PISCINA!

Direcção de
Alexandre Doré

HORÁRIO

Às 2.ªs e 3.ªs feiras
À NOITE ÀS 21.15 h.
5.ª, 6.ª e SÁBADOS

2 SESSÕES

às 20.45 e 23 h.

Domingos e Feriados

Matinées às 16 h.

à noite, às 21.15 h.

4.ª-feira descanso da Companhia

Estrangeiro

Alargamento da conferência sobre o Médio Oriente discutido por Sadat e Tito

KBLED, (Jugoslávia), 30 (R) — O presidente Anwar Sadat do Egipto conclui hoje as suas conversações com o presidente Tito da Jugoslávia, a fim de se assumir uma atitude comum quanto ao Médio Oriente.

Os dois chefes de Estado tiveram uma primeira série de discussões ontem, à noite, e fontes afectas à comitiva de Sadat disseram que elas se basearam em acordo sobre três pontos principais:

1 — Que Israel deveria retirar de territórios árabes ocupados.

2 — Que deveria ser reconhecido o direito do povo palestino a um território, como uma Nação.

3 — Que todos os povos do Médio Oriente deveriam poder viver com segurança, dentro de fronteiras reconhecidas.

O dirigente egípcio partirá ainda hoje para Viena, seguindo depois, para Salzburgo, onde terá, na próxima semana, uma cimeira com o presidente Ford.

A agência noticiosa jugoslava Tanjug informou que os dois presidentes discutiram o possível alargamento do número de participantes na projectada conferência de paz no Médio Oriente, a realizar em Genebra, notando que havia a necessidade dessa reunião se efectuar o mais depressa possível.

O jornal de Belgrado «Politi-

ka» afirma hoje que o Egipto deseja que a Grã-Bretanha, França e dois países não alinhados — Jugoslávia e Índia ou Peru — participem na conferência.

Segundo a Tanjug, os dois presidentes discutiram ainda a ideia da criação de um grupo especial de países não alinhados, que desencadearia uma ofensiva diplomática para se procurar uma solução para o conflito do Médio Oriente.

Entretanto, o ministro jugoslavo dos Negócios Estrangeiros, Milos Minic, deve, segundo se espera, ter hoje um encontro separado com o seu homólogo egípcio, Ismail Fahmi, antes do séquito do presidente Sadat partir para a Áustria.

ENCONTRO CEAUSCESCU-ALLON

BUCARESTE, 30 (R) — O ministro israelita dos Negócios Estrangeiros Yigal Allon, conferenciou a noite passada durante quatro horas com o presidente Nicolae Ceausescu e disse que as posições israelita e romena sobre o papel dos palestinos no Médio Oriente estão bastante afastadas.

Allon descreveu as conversações como abertas, francas, amistosas e úteis, mas recusou-se a revelar pormenores aos jornalistas.

QUATRO MORTOS EM BEIRUTE

BEIRUTE, 30 (R) — Perderam a vida mais quatro pessoas ontem, à noite, em consequência de recontros entre falangistas direitistas e partidários libaneses dos guerrilheiros palestinos, revelou hoje a Polícia.

Essas vítimas elevaram o balanço de dez dias de luta para, pelo menos, cem mortos e agravaram os problemas do primeiro-ministro designado Rashid Karami, quando procura formar um gabinete de coligação capaz de acabar com a crise política que afecta o Líbano.

As autoridades disseram que as vítimas da violência de ontem à noite, caíram todas perto do centro da cidade. Um homem foi encontrado com as goelas cortadas, enquanto que os restantes foram abatidos a tiro.

Alguns franco-atiradores estão ainda activos, escolhendo

ocasionalmente para alvo transeuntes que passam debaixo das miras das suas armas, mas a intensidade da luta diminuiu acentuadamente.

A capital achava-se calma, às primeiras horas de hoje, quando Karami foi recebido em audiência pelo presidente Suleiman Franjeh para o informar dos contactos que tiveram ontem com dirigentes de todas as facções políticas do país.

Karami, nomeado há dois dias, primeiro-ministro designado, após a demissão do Governo militar de curta duração, recusou-se a fixar uma data para a formação do seu gabinete.

A noite passada declarou que restaurar a estabilidade e a segurança em Beirute era muito mais importante do que constituir um novo Governo.



A uma semana do referendo que vai decidir da permanência ou não da Grã-Bretanha no Mercado Comum Europeu, partidários e adversários da integração europeia digladiam-se numa campanha por todo o país. A telefoto mostra-nos uma dona de casa, Vicki Crankshaw, defensora do Mercado Comum, que apresenta como argumento favorável à sua opinião o facto de os preços na Noruega (país que não faz parte da CEE) serem quase o dobro dos preços ingleses. Para melhor convencer os seus concidadãos, deslocou-se propositadamente à Noruega, onde fez exactamente as mesmas compras que em Londres. Roy Jenkins, ministro do Interior, partidário da CEE, escuta atentamente as palavras da sr.ª Crankshaw. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Manifestações antifrancistas em duas cidades catalãs

BARCELONA, 30 (ANI)

Milhares de pessoas manifestaram-se ontem nas cidades catalãs de Berga e Sitges, num «dia de luta» contra o regime de Franco, tendo-se revificado muitas detenções — anunciaram círculos da oposição espanhola.

Muitos dos manifestantes, com o simbólico cravo vermelho do 25 de Abril português na lapela, lançaram palavras de ordem como «liberdade, liberdade», e «amnistia para os presos políticos».

A manifestação foi convocada pela «Assembleia Catalã», que integra grupos políticos regionais que se opõem ao regime de Franco.

APELO A FAVOR DE OFICIAIS CASTIGADOS

MADRID, 30 (FP) — Num mensagem ao presidente do Governo, um importante grupo de professores e alunos da Universidade de Madrid pediu-lhe indulgências para os dois oficiais de Barcelona, «ambos diplomados universitários», castigados no princípio do ano por «faltas disciplinares».

Trata-se do major Busquets e do capitão Julve, presos um no Norte e outro no Sul de Espanha. Os universitários invocam o «Espírito de reconciliação do Ano Santo».

São signatários do apelo 42 professores catedráticos das faculdades de Madrid, 108 professores e 161 delegados estudantes.

Os referidos oficiais quiseram apoiar um camarada da mesma academia militar que fora transferido por recusar-se a dar os nomes de ferroviários grevistas da Catalunha sem uma ordem escrita.

Por outro lado, o representante de Madrid junto do Governo geral do Saará Espanhol anunciou ontem perante a Assembleia dos Notáveis do território, reunida urgentemente, «que o povo do Saará deve preparar-se para uma transmissão dos poderes no mais curto prazo possível».

Nesta Assembleia, as autoridades espanholas protestaram contra a maneira como o Governo marroquino apresentou o problema do Saará Espanhol à missão da O.N.U., encarregada de redigir um relatório sobre o problema da descolonização.

Criticaram sobretudo a visita organizada, para esta missão da O.N.U., a «um pretensão campo de refugiados que albergaria umas 30 mil pessoas. Entretanto a Imprensa espanhola, nos seus telegramas de Madrid e das Nações Unidas, continua a considerar o Polisário como o movimento pela independência mais influente no Saará, beneficiando da «ajuda política e militar da Argélia».

Assim, o correspondente do

«Ya» nas Ilhas Canárias citando um dirigente do movimento, afirma que o Polisario já é de facto reconhecido pela Liga Árabe e pela Organização da Unidade Africana (O.U.A.).

O correspondente acrescenta que os militantes do Polisario consideram a Argélia como o seu melhor amigo e o dirigente indiscutível dos países africanos do Terceiro Mundo. A Tanzânia disse também ofereceu bolsas de estudo a jovens militantes do Polisario e membros deste movimento encontram-se actualmente na Mauritânia, Argélia «e também em Marrocos». O movimento recusa-se todavia a qualquer «anexação por parte de Marrocos».

Inquérito às multinacionais no Brasil

BRASÍLIA, 30 (ANI) — O presidente de uma comissão do Congresso brasileiro, que está a investigar as companhias multinacionais, afirmou ontem que ele e a sua família foram ameaçados com «acidentes sérios» se as investigações continuarem.

Alencar Furtado, afirmou aos jornalistas ter recebido ameaças anónimas pelo telefone e pelo correio nos últimos 20 dias.

A sua comissão da Câmara dos Deputados tem estado a actuar desde há um mês e já ouviu testemunhos favoráveis e desfavoráveis acerca das companhias multinacionais no Brasil.



O primeiro-ministro sueco, Olof Palme trava um diálogo com o seu colega australiano, Gough Whitlam, utilizando para o efeito o primeiro «video» telefone a entrar ao serviço entre a Europa e a Austrália. (Telefoto UPI-Telimprensa)

a festa que transformou o nosso tempo



woodstock

3 dias de paz, música... e amor

com joan baez • joe cocker • country joe & the fish crosby, stills & nash • arlo guthrie • richie havens jimmi hendrix • santana • john sebastian • sha-na-na sly & the family stone • ten years after • the who • E MAIS 400.000 DE "MALTA FIXE"

UM FILME DE michael wadleigh • PROD DE bob maurice a wadleigh • maurice, ltd. production • technicolor

4.ª SEMANA DE LOJAÇÕES ESGOTADAS CALEIDOSCÓPIO

FIM de SEMANA Troia Algarve

Saída todas as 6^{as} feiras às 19.30 h Visitando Troia, Lagos, Alvor, Portimão e Praia da Rocha

PREÇO: ESC. 850\$00

INCLUINDO

Transporte em Autocarro com ar condicionado Alojamento de 1^a classe Todas as refeições Viagem acompanhada por um delegado

FERIADOS DE JUNHO

NORDESTE TRANSMONTANO VALE DO VOUGA E MINHO SERRA DA ESTRELA ALGARVE CONSULTE NOS PEÇA PROGRAMAS

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES. AGÊNCIA DE VIAGENS HOTELCAR Av. da Liberdade, 107 Telex 369045/6 369178/9 328891/2



Espectáculos

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES - SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAJORES DE 21 ANOS

TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS

YVONNE MARSH

VEGETA INGLESA DA CANÇÃO



PALERMO AND PHILLIPS

ORIGINALS MALABARISTAS

ELSA COIMBRA

com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

THE GRIEG'S FOLIES

Produção de LEON GRIEG



FERRER TRINDADE e sua Orquestra

"NUEVOS AMIGOS" and his group

AMBRE ET TANAGRA

SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE AS 23.30 H.

Grupo C. Maiores de 12 anos. Proibido a menores de 12 anos.

Quando engravidou, casámo-nos...

As duas faces duma história de Amor

COLINE SERREAU - FRANCIS PERRIN - NICOLE DUBOIS

Realização de **JEAN-LOUIS BERTUCCELLI**

Não aconselhável a menores de 18 anos. EASTMANCOLOR

HOJE ESTREIA

AS 21.15 HORAS

SATURN

FILME SOBRE A VIDA DE CRISTO GERA POLÊMICA NA DINAMARCA

O Instituto Dinamarquês de Cinema votou para a concessão de um subsídio de 900 000 coroas destinadas à produção de uma película sobre a vida de Cristo, projectada para mostrar Jesus em cenas de nu e até a fazer amor.

Depois de tomar a noite passada essa decisão por uma margem de três votos contra dois, a junta administrativa do Instituto, constituída por cinco directores, resignou na totalidade. Quanto aos dois directores que votaram contra, o facto do subsídio ser aprovado esteve na origem da resignação. Os três directores que votaram pelo subsídio demitiram-se co-

mo protesto contra pressões políticas sobre a junta para não conceder o apoio à produção.

A película que tem o título provisório de «As várias faces de Jesus», foi objecto de vários projectos à escala mundial por parte de facções religiosas, bem como de uma severa denúncia por parte do Papa Paulo VI no ano passado quando o realizador Jens Joergen Thorsen contactou o Vaticano a anunciar o seu projecto e a dizer que seria uma das maneiras de o Evangelho se tornar mais conhecido através da realidade humana do verdadeiro Jesus.

A França recusou a Thorsen permissão para rodar o filme em território francês, mas o realizador - com grande reputação internacional principalmente depois dos «Dias Calmos de Clichy», de Henry Miller - diz que encontrou outro local para as rodagens, recu-

sando-se a dizer onde e por receio de gerar novas controvérsias.

Thorsen louvou a bravura e isenção da junta administrativa do Instituto Dinamarquês do Cinema pela decisão tomada, que não será afectada pelas demissões.

TEATRO EM SINES

No desenvolvimento da sua campanha de dinamização cultural a Junta Distrital de Setúbal, em colaboração com o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, apresenta às 21 horas do próximo sábado, no Instituto de Obras Sociais, em Sines, a peça «No País dos Cárcois», pelo grupo de teatro

da Associação Recreativa de Atalaia-Alenquer.

Está, entretanto, patente ao público em Grândola e até domingo, dia 1 de Junho, na sede da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense a exposição «O Poder Popular em Cuba».

O Grupo de Campolide em S. João da Madeira

Integrado no 1.º ciclo de teatro de S. João da Madeira, o Núcleo Amador de Teatro de colaboração com a Câmara Municipal da vila, assegurou a ida do grupo de Teatro de Campolide que apresentará a peça «Fulgor e Morte de Joaquim Murieta» do poeta e dramaturgo Pablo Neruda. A tradução da peça é da autoria do dramaturgo Virgílio Martinho. A encenação esteve a cargo de Joaquim Benite.

Um dos mais importantes espectáculos feitos depois de 25 de Abril, por um agrupamento que já antes disso era conside-

rado uma alavanca do progresso dramático entre nós. Atendendo à qualidade do espectáculo e aos elevados encargos para fazer deslocar de Lisboa uma companhia com cerca de 40 componentes, espera-se que a afluência do público seja condizente com a importância do acontecimento.

Os sócios do NAT terão entrada livre mediante a quota de Junho. O espectáculo é o terceiro do ciclo e terá lugar no Ginásio da Escola Comercial no dia 31 de Maio, sábado, pelas 21 horas.

A SECÇÃO DE SANTARÉM DO P.S. CONTRA O CAVALEIRO J. J. ZOIO

A propósito da participação do cavaleiro Zoio numa corrida de touros integrada na Feira do Ribatejo, a secção de Santarém do Partido Socialista enviou aos membros da Mesa da Misericórdia de Santarém a circular cujo texto se transcreve:

«É nosso dever chamar a vossa atenção para a inclusão do Senhor D. José João Zoio no programa da corrida de Toiros do dia 15 de Junho, integrada na Feira do Ribatejo, facto que nos merece os seguintes comentários:

1 — D. Zoio é um conhecido reaccionário que ficou muito definido nos acontecimentos que antecederam a intenciona do 28 de Setembro, ao apoiar descarada e publicamente a «Maioria Silenciosa» na corrida do Campo Pequeno.

2 — É conhecido o repúdio da população por esta figura, sabido que nunca mais D. Zoio toureou em praças portuguesas mas sim (por coincidência?) em Espanha, conforme consta no próprio programa.

3 — O Secretariado do Partido Socialista de Santarém entende que a Feira do Ribatejo deverá ser do Povo e que, naquilo que pretende ser uma festa popular, não devem participar inimigos do Povo.

4 — Consideramos que é uma ofensa à população progressista desta cidade que o regresso de D. Zoio a Portugal seja feito em Santarém.

5 — Responsabilizamos desde já essa Comissão por quaisquer incidentes que se venham a verificar em consequência da vinda desse Senhor à n/cidade.»



O espectáculo pelo Mundo

CONGELAMENTO

A congelação voluntária de salários foi decidida por causa

GODARD

Os principais directores, cantores e regentes da Europa Ocidental e da América do Norte decidiram congelar os seus salários, durante três anos, segundo revelou a Ópera Nacional da Bélgica.

A decisão, tomada numa reunião em Florença, abrange os teatros de ópera de Berlim-Oeste, Bruxelas, Florença, Hamburgo, Londres (Ópera Nacional Inglesa e Teatro Real de Ópera), Milão, Munique, Paris, Estocolmo, Viena e Zurique, assim como Chicago, Nova Iorque e San Francisco.

Nos meios cinematográficos e jornalísticos do Peru aventase a hipótese de o cineasta francês Jean-Luc Godard realizar um filme neste país.

Tal possibilidade tomou vulto na sequência das recentes declarações do realizador francês, segundo as quais ele desejava «procurar novos incentivos noutros cenários do Mundo».

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESPECTÁCULOS SECTOR DE TEATRO

Vimos chamar a atenção de todos os sócios do Sector de Teatro para o ofício da Direcção-Geral da Cultura Popular e Espectáculos recebido neste Sindicato e que abaixo se transcreve:

«Tendo os representantes desse Sindicato na Comissão Consultiva Para as Actividades Teatrais indagado sobre o prazo de entrega, nesta Direcção-Geral, das propostas de trabalho e respectivos pedidos de apoio de grupos e companhias de teatro, referentes à próxima época teatral, informamos que as referidas propostas devem ser entregues até ao próximo dia 30 de Junho.

Todas as informações serão prestadas pela referida Direcção-Geral no Ministério da Comunicação Social.

A DIRECÇÃO DO SECTOR DE TEATRO

O agradável da guerra é que a pessoa que te mata não tem, pessoalmente, nada contra ti.

ARTIGO-22

CATCH-22

UM FILME EXTRAORDINÁRIO DE **MIKE NICHOLS**

com **ALAN ARKIN**
ORSON WELLES
JON VOIGHT
ANTHONY PERKINS
JACK GILFORD
RICHARD BENJAMIN
MARTIN BALSAM
PAULA PRENTISS
ARTHUR GARFUNKEL
BOB NEWHART
BUCK HENRY

TECHNICOLOR - PANAVISION

3.ª SEMANA

estudio Apolo 70

Não aconselhável a menores de 18 anos

Crítica de Teatro

CARLOS PORTO

«O MENDIGO E O CÃO MORTO» / «A EXCEÇÃO E A REGRA», de Bertold Brecht. Tradução: José Mário Brandão. Encenação: Roberto Merino. Cenários: José Vidal. Figurinos: Aurora Nazareth. Lumino-técnica: Fernando Teixeira. Música: Grupo de Poesia e Canto Popular do T. E. P. Sonoplastia: Fernando Rangel. Teatro Experimental do Porto. Maio 1975.

O T. E. P. está a passar por um período eufórico. A presença de um jovem encenador chileno (as conotações que esta expressão implica!) revitaliza quotidianamente as velhas paredes de uma casa na qual outrora respirou uma breve e ilusória revolução do teatro português. Dezenas de jovens divididos em três grupos — procuram avidamente vestir o figurino novo de um teatro que se renova. Sucedem-se as estreias que contribuem para a euforia a que nos referimos. Infelizmente, os problemas do T. E. P. permanecem porque as velhas estruturas mantêm-se na mesma.

Com encenações de Roberto Merino, o T. E. P. estreou nas semanas um espectáculo composto por dois textos de Brecht: «O Mendigo e o Cão Morto» e «A Exceção e a Regra». Se este segundo título é o de uma das peças mais conhecidas do teatro didáctico do autor, a primeira peça é praticamente ignorada e raramente tem sido apresentada mesmo em lugares onde se come Brecht ao pequeno-almoço. John Willett na edição de 1964 do seu bem documentado «O Teatro de Brecht» diz não ser conhecida nenhuma edição, tradução ou encenação inglesa desse texto.

«O Mendigo e o Cão Morto» é uma peça curta (seis páginas e meia na edição francesa), em um acto, que põe frente a frente um imperador chinês e um mendigo cego.

Escrita em 1923, portanto no início da carreira de Brecht, «O Mendigo e o Cão Morto» é constituída por um diálogo que tem um ponto de partida bem marcado pela ironia brechtiana: «No momento em que vou celebrar a minha vitória sobre o meu inimigo mais poderoso, enquanto todo o povo glorifica o meu nome, eis sentado em frente da porta do meu palácio um mendigo que rede a miséria. Entre dois grandes acontecimentos, apetece ao imperador conversar com o nada. «Bom homem, sabes porque tocam os sinos?» — O mendigo. — «Sei. Pelo meu cão morto».

Ao longo do diálogo, vamos verificar que as duas personagens se identificam: ambas são cegas. Com uma diferença: a cegueira do mendigo é exterior; a do imperador, é interior. Texto muito belo, no qual para, em certos passos, um tom surrealista («A História não existe»). «E Alexandre? E César? E Napoleão?». «Histórias! Quando dizes: Napoleão com quem sonhas?». «Com o homem que conquistou a metade do mundo e cujo orgulho perdeu!». «O que dizes, apenas dois seres podem crê-lo: o próprio Napoleão e o Mundo. Tudo é falso. Na verdade, Napoleão era um condeado que mourejava numa galera. Tinha uma cabeça tão grande que os outros escravos diziam: é impossível remar, não temos suficiente espaço

BRECHT E BRECHT

para os nossos cotovelos. Quando o barco se afundou porque tinham parado de remar, Napoleão respirou fundo e encheu a cabeça de ar: foi assim que sobreviveu, só, e como se estivesse algemado continuou a remar sem saber para onde ia. De baixo, nada se via e todos os seus companheiros se tinham afogado. Então abandonou a cabeça sobre o mundo e como era demasiado pesada ela separou-se e caiu...», a peça de Brecht nem se pode incluir no seu teatro épico nem no seu teatro didáctico. Constituiu uma experiência marginal que pode ligar-se a alguns dos seus melhores poemas.

Roberto Merino colocou entre os espectadores e os actores uma cortina de gaze que dá à cena aquela distância que tem mais a ver com o desconhecido, com o estranho, do que com o efeito de distanciamento; o belo fato do imperador está coberto de placas metálicas que reflectem a luz dos projectores e criam insólitos halos luminosos na cortina, contribuindo para esse efeito de estranheza. Trata-se de um efeito muito belo e que nada tem de gratuito. Esses reflexos funcionam como se aureolassem a personagem e ao mesmo tempo evocam as delicadas pinceladas da pintura oriental, umas vezes, da pintura gestual, outras. É, plasticamente, muito eficaz. Esse enquadramento luminoso contrasta com o que há de sombrio no segmento do mendigo. De sublinhar ainda o acerto da caracterização dos actores (José Pinto e Diamantino Silvestre) e o tempo certíssimo da encenação. Excelente ainda a iluminação: a abertura criando um belíssimo plano do arco.

«A Exceção e a Regra» é uma peça didáctica. Trata-se de uma peça sobre a descon-fiança burguesa, ou seja, sobre a regra do capitalismo que não

admite a excepção do humano. Um homem que, mais do que um criado, é um escravo, é posto perante uma determinada situação: num deserto sem água, ele tem ainda um resto dela. Pensa: «se o patrão morre de sede e eu sou apanhado, castigam-me por não lhe ter dado a água». O patrão não pode acreditar que um homem a quem ele constantemente maltratava, tenha com ele um gesto de bondade, oferecendo-lhe água. E, por isso, num gesto instintivo abate-o com vários tiros de revólver que tinha sempre à mão. O juiz absolve o assassino porque também ele não pode admitir a excepção. E a regra impõe o seu jogo. Repetimos o que nestas páginas escrevemos sobre esta peça: «Como em todo o teatro de Brecht, o que esta peça apresenta não é um caso sentimental entre personagens reduzidas a uma dimensão humanística. E, pelo contrário, a visão política das relações em conflito que se estabelecem entre as classes sociais. Enquanto o coolie é aqui o escravo alienado ao poder mas ainda capaz de discernir a necessidade de se defender: o guia representa a consciência de classe; é nele que Brecht coloca a tônica dessa consciência. O comerciante não é um vilão (vêmo-lo oferecer água ao criado e a arrepender-se por lhe ter batido): é o representante de uma classe a abater e com a qual não é possível manter relações de bondade ou de mero reflexo de defesa. A peça pede ao espectador que medite sobre a necessidade de entender a luta de classes e que lhe meios de conhecimento para tomar partido e optar pelos processos mais indicados para vencer essa luta». Merino procurou fazer com «A Exceção e a Regra» um espectáculo muito vivo que pudesse ser entendido não apenas nos

seus valores discursivos mas também nos seus valores especificamente teatrais. Vêem-se as paredes nuas do palco; apenas dois praticáveis circulares. Os músicos que constituem o pequeno conjunto têm também uma função «clownesca».

Lutando com actores cuja incapacidade de representar Brecht é evidente (a identificação de Diamantino Silvestre com as personagens é insuportável), Roberto Merino procurou levantar os sinais dialécticos da peça através de uma leitura muito marcada na qual não hesitou em utilizar efeitos aparentemente gratuitos, mas que são correctos em relação a Brecht (é o caso da rede que é movimentada para imitar o deslizar do rio, é o caso da luz que delimita as cenas). Não sendo um grande espectáculo, longe disso, este espectáculo duplamente brechtiano do T. E. P. representa um esforço a aplaudir e tem uma dignidade e um apuro formal (em alguns dos seus aspectos) que são de realçar. Nem sempre a música de Moreira das Neves nos pareceu certa: por exemplo a música da primeira canção é mais bonita do que Brechtiana; as outras, e particularmente a segunda, revelam as possibilidades do compositor em criar melodias adequadas no teatro do autor, e portanto próximas da música criada pelos compositores que com ele trabalharam (e em especial, salvo erro, Kurt Weill).

MARIA
VITÓRIA

TODOS
OS
DIAS
ÀS
20.45
E 23 H.

(Não aconselhável
a menores de 18 anos)
O MAIOR ÊXITO
DE SEMPRE!

a sensacional REVISTA

ATÉ PARECE
MENTIRA!...

com um
extraordinário elenco
e um
grande corpo de baile

AOS DOMINGOS:
«MATINÉE», ÀS 16 H.

Às 2.ª feiras: DESCANSO



MANUEL CORRÊA
DOS SANTOS

MISSA DO 7.º DIA

Maria de Lurdes da Conceição Silva Corrêa dos Santos e restante família, participam que será rezada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, sábado, pelas 16.30 horas, na Igreja de São Mamede. Desde já agradecem a quem se dignar assistir a tão piedoso acto.

Televisão

Hoje



«Comissário Maigret»

I PROGRAMA

- 19.00 TV Juvenil — ver e pensar — nascer e viver
19.25 Perspectiva — panorama das Artes Plásticas. Um programa realizado por José Elyseu.
19.55 Panorama — campanha de dinamização do M.F.A.: reforma agrária
20.30 Telegiornal 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 Afinal Como É?
21.30 «Os Inquéritos do Comissário Maigret» — série baseada em novelas de George Simenon com Jean Richard no protagonista.
23.00 Telegiornal 3.ª edição
23.20 Fecho

II PROGRAMA

- 20.00 Abertura e um episódio da série «Um Homem uma Cidade»
Júlia tenta convencer uma firma parisiense a instalar uma fábrica electrónica...
20.25 Desenhos Animados
20.45 Stoa — problemas de trânsito. Programa apresentado por Joaquim Filipe Nogueira.
21.55 «O Perigo e a Minha Profissão»
22.00 Auditório Musical
22.15 Telegiornal — um diferido a edição transmitida às 20 e 30 no I Programa.
23.00 Fecho

DESTAQUES

I PROGRAMA
Panorama (19.55)
«Os Inquéritos do Comissário Maigret» (21.30)

II PROGRAMA
Auditório Musical (21.20)

SIEMENS
ESTORIL Richard

Amanhã

I PROGRAMA

12.45: Abertura de desenhos animados; 13.10: Mãos à obra; 13.30: Telegiornal; 13.45: «Os Malucos do Circo»; 14.15: Hoje pode ver; 14.25: Eurovisão — Campeonatos Europeus de Ginástica (homens) Transmissão directa; 17.00: «O Jovem Fabre»; 17.30: TV Infantil — «As Aventuras do Rucas»; 17.45: Cinema de amadores; 18.05: Nome mulher; 18.50: Cartaz TV; 19.05: Cada dia uma esperança; 19.25: Memória do nosso tempo. 20.30: Telegiornal; 21.00: Noite de cinema; 23.00: Telegiornal; 23.15: Fecho.

II PROGRAMA

20.00: Abertura e a série «Os Malucos do Circo»; 20.30: Desenhos animados; 20.55: Mãos à obra; 21.00: «A Casa de Jalna»; 22.00: Programa do Movimento das Forças Armadas; 22.35: Telegiornal; 23.05: Fecho.

TV
PARA REPARAÇÃO DO SEU
CLÍNICA DE TELEVISÃO
E ASTRONAUTA
COM RÁDIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento grátis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus 13-B - Rua Macau, 8

HOJE
ÀS 21.15 H
TEATRO
VILLARET
BADARÓ
«COZINHEIRO CHEFE»
OFERECE
**UM PRATO DE APETITOSAS
GARGALHADAS**
NÃO ACONS. A MENORES 13 ANOS

com
LAURA SOVERAL • CARMEM MENDES
CRISTINA CASSOLA • RICARDO MORAIS

estudio
nucru
5.ª SEMANA
FILMES
OCIDENTE
Pela primeira vez em Portugal
um filme de:
ALAIN ROBBE-GUILLET
**INTENDITO
A MENORES
DE 18 ANOS**
AVISO AO PÚBLICO: ESTE FILME CONTEM CENAS EVENTUALMENTE CHOCAANTES (B) SEM TAGS

Desporto

FUTEBOL A QUINTA-FEIRA

ESTORIL: O REGRESSO TRIUNFAL

O Estoril Praia acabou de escrever ontem à tarde, no seu novo relvado, uma página na história do nosso futebol: pela primeira vez no nosso País, um clube consegue subir da 3.ª divisão nacional à primeira, em apenas duas épocas.

Não admira, por isso, que, ontem, os Estoril engalanassem em arco para festejar a subida do seu clube mais representativo (futebolisticamente falando) ao primeiro escalão nacional, num regresso que tem tanto de espectacular como de merecido: espectacular, porque representa o fruto de um esforço extraordinário desenvolvido em perfeita união de esforços; merecidos porque o triunfo ontem garantido não é mais do que a expressão real do valor patenteado ao longo de um vasto torneio em natural comparação com os demais agrupados no mesmo escalão.

Hagan, esse mistico que um dia veio ignorado da Grande Ilha para servir a um grande do nosso futebol, começou a arrancada; que, ontem, terminou com a assinatura de um técnico português (António Medeiros, de seu nome).

A incógnita nem sequer era complicada: em 180 minutos de futebol o Estoril necessitava (pelo menos) de um dos quatro pontos ainda em equação; o espectáculo de ontem era decisivo, já que quem o visitava era aquele que (ainda) lhe poderia roubar a realidade estendida à palma da mão.

Mas se a incógnita nem sequer era complicada, mais simples passou a ser quando ainda nem o primeiro quarto de hora de espectáculo era esgotado. Medeiros havia estruturado no tabuleiro o esquema do triunfo cedo alicerçado e os jogadores não esqueceram a lição: quando o primeiro golo surgiu, rebentou o entusiasmo

da «população amarela», quase certa de que o caminho para a glória final estava realmente encontrado. Não se enganaram os muitos que emolduravam as bancadas do velho (tornado novo) campo da Amoreira: logo o segundo golo chegou, como que a confirmar o

sonho que saia do desejo para se tornar realidade.

O Estoril estava na primeira divisão. Melhor: o Estoril regressava à primeira divisão.

Por isso a festa era de alegria, por isso a festa se prolongou pela noite fora, para só terminar no próximo domingo, em Peniche, que é quando («oficialmente») o clube regressa ao convívio dos maiores...

Mas, a jornada de ontem da segunda divisão nacional não era importante apenas por causa do Estoril-Barreirense; na zona Norte, havia igualmente interesse, maior ainda (talvez), porque duas equipas estavam em igualdade pontual no topo da classificação e as obrigações solicitadas pelo programa faziam prever a possibilidade de uma alteração de posições.

Efectivamente, Sporting de Braga e Beira-Mar disputavam

Sob a arbitragem de Cesar Correia, de Faro, as equipas alinharam: o Estoril com Rui Paulino; Vieira, João Carlos, Bira e Peixoto; Eurico (Fernando) e Nelson (Sergio); Raimundo, Norberto Clésio e Cepeda. O Barreirense apresentou-se com Abrantes na baliza, Romão, Carlos Mira, Cansado e Patricio; Bailão (Marinho), e João Carlos; José João, Serafim, Charouco (Pinto) e Piloto. O resultado foi feito na primeira parte: aos 10 minutos Clésio na transformação de uma grande penalidade e Cepeda aos 35 minutos.



Clésio: festejar o triunfo, depois de ter aberto o caminho para a vitória

ombro a ombro a entrada automática na divisão maior do nosso futebol; disputavam e continuavam a disputar, já que nada ainda está definitivo, não obstante a turma orientada por Hilário ter dado ontem significativo passo. Porque triunfou no seu estádio (depois de uma semana de dia sim, dia não, em actividade) e beneficiou da derrota imposta pelo Paços de Ferreira ao conjunto de Aveiro. Quer dizer: à entrada da última jornada, o Sporting de Braga soma mais dois pontos do que o Beira-Mar, necessitando portanto de um único ponto (mais) para regressar automaticamente ao convívio dos maiores. Porém, o Braga, no domingo tem de viajar, enquanto o Beira-Mar fica junto da ria da sua cidade, à espreita de uma possibilidade dos alcatruzes da noia modificarem novamente (e então, definitivamente) a posição de ambos.

Domingo, uma jornada impropria para cardíacos; não apenas por este facto, mas também porque a despromoção não está ainda definida: O Tirsense soma 27 pontos, a Oliveirense tem só mais um, o Vilanovense tem 29, enquanto Feirense e União de Coimbra somam 32 e 33 pontos, respectivamente. Quer isto dizer que deste grupo de cinco, nada se sabe (ainda) quem desce e quem vai à «liguilha».

Vejamos, entretanto, os resultados verificados na jornada penúltima deste sensacional torneio e na zona norte: Sanjoanense, 2 — Oliveirense, 3; Famalicão, 0 — Chaves, 1; Fafe, 2 — Gil Vicente, 0; Braga, 1 — Alba, 0; Varzim, 1 — Vilanovense, 1; Penafiel, 2 — Salgueiros, 2; Paços de Ferreira, 1 — Beira Mar, 0; União de Coimbra, 3 — Lourosa, 2; Tirsense, 1 — Feirense, 0 e Régua, 4 — Riopele, 2. Saliente-se (ain-

da nesta zona) o facto do Riopele ter só ontem perdido a esperança de entrar automaticamente na divisão dos maiores...

Na zona sul, os resultados foram os seguintes: Almada, 1 — C. Piedade, 1; Juventude, 1 — Torres Novas, 1; Torrensense, 1 — Marinhense, 1; Caldas, 1 — Marítimo, 1; Montijo, 2 — Sintrense, 1; Portimonense, 2 — U. Montemor, 0; Estoril, 2 — Barreirense, 0; Estrela de Portalegre, 2 — Peniche, 1; U. Leiria, 1 — Odivelas, 1 e Sesimbra, 2 — Lusitano, 1. O Cova da Piedade desce automaticamente à 3.ª Divisão o mesmo acontecendo ao Odivelas ou Torres Novas ou União Sport ou Sintrense. Na luta para fugir à «liguilha» estão ainda empenhados o Lusitano e o Almada: seis equipas interessadas em fugir a três incómodos lugares...

Orlando Dias Agudo



António Medeiros: noventa minutos que valeram renovação do contrato e um prémio de cento e cinquenta contos

Registo

HÓQUEI EM PATINS: No Pavilhão da Luz, o Benfica defronta amanhã a equipa do Voltegra (Barcelona) na 2.ª eliminatória da Taça dos Campeões Europeus.

XADREZ: Mario Fonseca Santos e campeão das competições organizadas pela INATEL.

CICLISMO: Terminou ontem a Volta Ciclística a Aragão, em que participaram as equipas do Benfica e da Coelima. O último dia da prova teve duas etapas, 135 quilómetros, entre Soria e Saragoça e um contra-relógio de 4 quilómetros nesta cidade. A corrida em estrada foi concluída em pelotão, com um «sprint» do espanhol Nistal, a quem foi atribuído o tempo de 5 h. 02. 27 s. Os melhores portugueses foram: Fernando Mendes, (5.º), Fernando Vieira (6.º), José Madeira (10.º) e José Martins (14.º). Após o contra-relógio, o espanhol Agustín Tamames, manteve o primeiro lugar da classificação geral. O melhor português foi José Martins (Coelima) a 2. s. do vencedor: Fernando Mendes (Benfica) em 5.º; Mario Silva (Coelima), em 9.º; Fernando Vieira (Benfica), em 10.º e Joaquim Andrade (Coelima) em 11.º.

MUDANÇA: A partir de domingo, os jogos oficiais de futebol iniciam-se pelas 17 horas.

MONTIJO: Esta noite, pelas 21 e 30, assembleia-geral do Clube Desportivo, para eleição dos novos corpos gerentes.

BASQUETEBOLE: Nas meias-finais da Taça de Portugal estão os jogos Académico de Coimbra-Benfica e Sporting-F.C. do Porto.

ACIDENTE: Em Barcelona, o saltador à vara Joaquim Serra (Sporting) caiu mal e fracturou uma vertebra.

VOLEIBOL: A final da Taça de Portugal e disputada pelo Sporting de Espinho e pelo vencedor do confronto Benfica-Tecmeo.

CHIPRE: Para o encontro de futebol que conta para o «europeu»

foram convocados Damas, Bento, Artur, Pietra, Humberto, Messias, Freitas, Octávio, Godinho, Quineto, Alves, Toni, Abreu, Fragueto, Francisco Mário, Romeu, Nenê, Marinho, Moínhos, Gomes e Manuel Fernandes.

FINAL: O Boavista pretende que o jogo final da Taça de Portugal se realize em Coimbra.

AMORTIZAÇÃO: No jogo particular Olhanense-Farense (2-0) com receita a favor dos jogadores de Olhanense (que não há meio de...) a receita não ultrapassou os 40 contos.

ANDEBOI: o Clube Desportivo de Paço de Arcos organiza, a 8 de Junho, um «Convívio» reservado a

menores de 11 anos, de ambos os sexos. No programa: exibição de um filme, concurso de desenho, colóquio e exemplificação do jogo.

RÁGUEBI: eleição dos novos corpos gerentes federativos a 26 de Junho. Este sábado, no Estádio Universitário de Lisboa, processa-se o último «Convívio nacional» da época, com equipas de Lisboa, Elvas, Algarve, Coimbra, Leiria e Almada

BADMINION: campeonatos abertos, promovidos pelo Liceu de Pedro Nunes (para infantis, juvenis, juniores e seniores) de 20 a 22 de Junho

Continua na pág. 17

CLASSIFICAÇÕES

ZONA NORTE

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
BRAGA	37	19	11	7	44-25	49
Beira-Mar	37	17	13	7	51-26	47
Riopele	37	19	7	11	64-40	45
Varzim	37	16	10	11	52-29	42
Sanjoanense	37	15	11	11	38-42	41
Famalicão	37	16	8	13	48-38	40
Salgueiros	37	16	8	13	60-53	40
Gil Vicente	37	15	8	14	44-37	38
Régua	37	15	7	15	42-57	37
Lourosa	37	12	12	13	48-38	36
P. Ferreira	37	13	10	14	49-46	36
Desp. Chaves	37	11	14	12	33-37	36
Penafiel	37	12	11	14	35-33	35
Fafe	37	12	11	14	32-33	35
Alba	37	15	4	18	38-55	34
União Coimbra	37	13	7	17	49-58	33
Feirense	37	12	8	17	36-54	32
Vilanovense	37	8	13	16	31-49	29
Oliveirense	37	10	8	19	40-63	28
Tirsense	37	10	7	20	36-57	27

ZONA SUL

	J.	V.	E.	D.	B.	P.
ESTORIL	37	26	8	3	89-25	60
Barreirense	37	22	10	5	63-29	54
Portimonense	37	20	8	9	68-38	48
Marítimo	37	19	9	9	69-39	47
Montijo	36	18	7	11	55-38	43
Torrensense	37	18	5	14	60-49	41
Sesimbra	37	15	10	12	36-45	40
Caldas	37	11	15	11	49-40	37
E. Portalegre	37	10	17	10	32-40	37
Marinhense	36	10	15	11	43-31	35
Peniche	37	10	15	12	34-31	35
Juventude	37	13	9	15	37-43	35
União Leiria	37	12	9	16	50-56	33
Almada	37	11	9	17	45-65	31
Lusitano	37	9	12	16	35-58	30
Sintrense	37	8	13	16	25-49	29
União Sport	37	11	7	19	35-53	29
Torres Novas	37	7	13	17	28-61	27
Odivelas	37	10	7	20	49-74	27
Cova Piedade	37	5	10	22	22-60	20

Proximajornada:últimainoproximo domingo: Chaves-Sanjoanense, Gil Vicente-Fafe, Alba-Fafe, Vilanovense-Braga, Salgueiros-Varzim, Beira-Mar-Penafiel, Lourosa-Paços Ferreira, Feirense-U. de Coimbra, Riopele-Tirsense, Oliveirense-Régua.

Proximajornada:últimainoproximo domingo: Torres Novas-Almada, Marinhense-Juventude, Marítimo-Torrensense, Sintrense-Caldas, Montijo-Portimonense, Peniche-Estoril, Odivelas-Estrela, Lusitano U. de Leiria, C. da Piedade-Sesimbra

"HAVEMOS DE VOLTAR" VOA HOJE PARA ANGOLA

À hora a que esta edição do «DL» começa a circular, já o primeiro grupo de jogadores da caravana «Havemos de voltar» deixou Lisboa a caminho de Luanda. Um outro grupo se lhe juntará dentro de dias.

Foi Dinis quem teve a ideia de convidar todos os jogadores angolanos, que actuam nos clubes portugueses, em participação num conjunto de jogos a favor das vítimas dos recentes acontecimentos que ensanguentaram a cidade de Luanda. Imediatamente comunicou a Rui Mingas, membro do Comité do M.P.L.A. que não só aceitou como também a apadrinhou. Depois, foram os contactos, fáceis nuns casos, difíceis noutros: o Benfica, por exemplo, começou por negar autorização para os seus jogadores viajarem até Luanda, concordando mais tarde com a obri-

gação de o M.P.L.A. garantir um seguro exagerado aos seus jogadores. Assim, no domingo, juntar-se-ão à caravana de jogadores angolanos, os atletas Jordão (seguro em 20 mil contos), Malta da Silva (seguro em 10.000 contos), José Pedro e Cavungi (cada um deles seguro em 5 mil contos).

Ao princípio da tarde de hoje iniciaram a viagem os seguintes jogadores: Raul Aguas, Pavão, Laurindo, Ceninho, Manecas, José Maria, Lito, Juvenal, Dinis, Norberto, Sabu e Franu. Seguem igualmente o jornalista Luis Alberto Ferreira, o fotógrafo Rui Ochoa e o treinador Santana.

Estão previstos os seguintes jogos: amanhã em Sá da Bandeira, 2.ª-feira em Catumbela, dia 5 (5.ª-feira) em Luanda e ainda um quarto encontro, no dia 8, em cidade ainda a designar.

Desporto

BELENENSES, 1 - BENFICA, 2

O "artista" vestiu de preto

Um de nós dois anda em azar: eu, porque cada vez que vou espereitar um jogo em que participa o árbitro Raul Nazaré só o vejo fazer asneiras; ele, porque (decididamente) desde o «dito por não dito» no Olhanense-Benfica, bem merecia umas largas férias e a escusa a «abrilhantar» as festas futebolísticas em que fez uma das mais tristes figuras que imaginar se pode. Ontem, no Restelo, o setubalense do apito proporcionou um «show» de asneiras de tal modo marcante que a invasão, a agressão, o achincalhamento só não sucedeu porque (providencialmente) das três ou quatro vezes em que o pulo decisivo para junto do director da partida estava a meio passo, sempre um braço, um empurrão, uma placagem evitou o pior. Mas, isso não invalida uma afirmação comprovada por quantos estiveram na quase enchente de Belém: juizes como Raul Nazaré, nem para encontro de solteiros e casados, porque não mereceria a bacalhazada da ordem depois da «barraca» assinada.

Ontem, a nosso lado, na bancada de Imprensa, o riso era geral. E, se nos permitem citações, temos colegas que afirmaram exactamente pelo mesmo diapasão da nossa crítica: desde Cruz dos Santos a Aurélio Márcio, passando por Alexandre Pais, Costa Pereira e Faria de Moraes, uma única frase ficou como «nota» do «trabalho» de Raul Nazaré. Escusamo-la por pudor.

Com as fracas forças de que dispõe, o Belenenses bateu-se como um herói: daí a sem-razão dos alucinados que, em três ocasiões, pretenderam «cumprimentar» o técnico Peres Bandeira, exactamente o mesmo homem que, no domingo passado, esteve prestes a ser passeado em ombros. Que queriam esses mais apaixonados «azuis» do seu treinador? Arranjar um bode expiatório para as azelhices de dois ou três elementos que pouco enriquecem o «plantel» resteliano ou firmar uma daquelas listas de nomes que, em certas assembleias clubistas, são prático forte para ofensas e imprecações?

A única coisa que deveria ter sido feita pelos «maluquinhos da boia», neste dealbar da época, era um sereno exa-

me ao comportamento (em matéria financeira) dos emblemas para onde parcamente contribuem. Esta semana, por sinal, haveria dois comportamentos para equacionar: o de um clube que gastou fortunas com «reforços» e ficou no meio de todas as escaladas a que se propôs, o de outro parceiro de copadários que (com a «prata da casa» e meia dúzia de bons rapazes) evitou que aumentasse a saudeira pelos Bulhosas (e companhias) que, Deus saberá, eram tão vitoriosos como o Tomás e o Tenreiro, pelos mesmos sujeitos que ontem queriam ir aos bigodes de Peres Bandeira. Agora pode falar-se de política e as pessoas têm inteira liberdade de expressão: só não consta que qualquer código de leis tenha lá autorização para diatribes de linguagem, agressões físicas, brincadeiras (muito sérias) com o dinheirinho que é o Pão Nosso de cada um de nós. Portanto, e para já, a palavra de apoio ao labor de um honesto trabalhador chamado Peres Bandeira.

Falemos, então, do jogo propriamente dito. Um espectáculo em que o Benfica (via Nenê) fez dois golos, falhos um «penaltie» (Humberto a deixar Portugal de bem com todos...) e, aos 91 minutos e 35 segundos, apanhou com uma grande penalidade que só existiu na delirante imaginação do apitador.

Praticamente, o encontro principiou com o 1-0. «Canto» da direita e, fulminante, a «cabeça» de Nenê, sem Melo esboçar (por impossível) qualquer esboço de defesa. Todavia, o Belenenses não ficou nas covas: Gonzales entrou a dar o tom à bandinha e, com o apoio de Sambinha e Godinho (extremos, em idade, que quase se tocam...) a fazer cabelos brancos em Messias e na média benfiquista, que não acertava com a produtividade normal. Aliás, isso teria a sua explicação: logo nos lances de abertura, Vítor Baptista ficou lesionado (substituição por Sheu, aos 9 minutos) e todo o xadrez abalado, com o recuo de Jordão, muito longe de forma a cheio de medo a um choque que avivasse a fractura recém-consolidada.

Pois, como iam dizendo, a primeira meia hora (tirando o fogacho do golo rubro) foi

pertença azul, Quinito e Godinho e Pincho a falharem a um metro de Bento, o mesmo Bento a travar um «tiraço» de Gonzales, o triunvirato de arbitragem a assinalar foras-de-jogo inexistentes, Jordão a soltar a bolinha quase a rasar a estirada de Melo.

Depois, nesse tempo de abertura, a coisa equilibrou-se, mas permanecendo o sinal caseiro no domínio das operações.

No resto da rodagem do ponteiro, foi uma quase continuidade deste espelho. Acrescentado com um inaudito cartão amarelo a Artur, após jogada limpíssima com Gonzales (só falta, agora, o árbitro dizer que foi enxovalhado nos seus ancestrais, para desculpar o erro clamoroso...), com o «bis» de Nenê (a concretizar soberbo endosso de Sheu), com espectadores em campo por tudo e por nada. E surgiu aquela sanduiche de Barros e Messias a Gonzales (60 minutos) que Nazaré mandou às ondas, embarcando no bote da sua sapiência e atirando às malvas a legislação. Zero palmar, em qualquer exame sobre futebol. Mas, apareceria (69 minutos) outra nitida grande penalidade: de Sambinha sobre Moinhos, quando mais um punhado de «devotados» belenenses se atirava a Peres Bandeira como gato a bofe. O castigo (esse, sim, dos poucos silvos arbitrais correctos) redundaria num brinde de Humberto, que atirou a bola de molde a fácil defesa de Melo.

Comentário

Por NEVES DE SOUSA

Vieram substituições (Isidro e Ernesto, rendendo Ramalho e Cardoso), Malta da Silva no posto de Sheu. Pouco (nada) se adiantaria: excepto aquela descomunal medida do tal «penalty» anti-Benfica, por Artur ter desarmado, sem lhe tocar no corpo, o contrário Quinito. Foi o fim: desde gargalhada ao insulto, de tudo caiu em casa nazarena. Enfim: 2-1, com o artista principal mascarado de árbitro, o palco a ser passeado por Humberto (carregado em ombros) e meia dúzia de pessoas colocadas defronte das cabinhas à espera do render dos heróis, com o Benfica na disputa da Taça com o Boavista. Um final de vários tons, que cada qual apreciará consoante a limpeza da sua consciência.

Uma palavra final (ainda) para Raul Nazaré: falando sinceramente (e sem qualquer acinte) aconselho-o a repouso imediato. Lá para Setembro, torradinho da praia e com as leis do jogo todas empinadas, cá o espero. «Sans racune».



A «estrela» do jogo aparece aqui: chamou-se Raúl Nazaré e equipou de negro. Ainda, na foto: Ramalho e Messias



Nos primeiros minutos: Humberto, Pincho, Alfredo e Baptista

Registo

Continuação da pág. 16

VILA FRANCA DE XIRA: jornada de demonstração e animação desportiva no dia 8 de Junho

VOLEIBOL: posse dos novos federativos marcada para hoje (21 e 30), na Casa do Desporto (Porto).

GINÁSTICA: presença de várias classes do Ginásio Clube, pelas 16 horas de amanhã, na Moita, integradas no festival do 47.º aniversário da Sociedade Filarmónica Capricho Moitense.

ATLETISMO: nacionais de juniores (feminino e masculino) a 7 e 8 de Junho, no Jamor.

CNID: assembleia geral do Clube Nacional de Imprensa Desportiva, na 2.ª feira, pelas 16 horas, na Casa da Imprensa

BOAVISTA, 1 - SPORTING, 0

"LEÕES" NÃO BEBEM DA "TAÇA"

Só ao 118.º minuto de jogo os «axadrezados» conseguiram obter o golo que lhes dá direito a estarem presentes nesta edição da final da Taça de Portugal, desta feita frente ao Benfica, que é o campeão nacional.

Foi preciso recorrer ao prolongamento para que o encontro se resolvesse, muito embora se possa adiantar que o vencedor podia ter sido encontrado nos primeiros 45 minutos, pois já neste período de tempo os pupillos de José Maria Pedrote se mostraram nitidamente superiores ao adversário, perdendo (até) soberanas ocasiões de fazerem funcionar o marcador e construir um resultado que lhe permitisse disputar a segunda metade do desafio com uma certa tranquilidade.

O maior pendor atacante dos «boavisteiros» e o modo fácil como quase sempre «entraram» por dentro daquela defe-

sa lisboeta (especialmente pela parte central) foram notas mais que salientes do domingo desenvolvido. Valeu, na circunstância, a excelente categoria (e, vamos lá, até um pouco de sorte) do guardião Damas, que esteve ontem em tarde verdadeiramente inspirada.

Como não aconteceu o golo inicialmente merecido, o Boavista voltou, na segunda metade do desafio, com a mesma força de vontade, igual determinação e, daí, o facto de voltarem a registar-se alguns lances de verdadeiro perigo para a baliza do Sporting: onde continuava a «encontrar-se» o valoroso e felino guarda-redes, que mais uma vez não permitiu, ao longo do tempo regulamentar, que as suas redes fossem violadas. Ele e Alinho, pois também este (já sobre o risco) evitou que uma bola cabeceada por Francisco Mário não acabasse a trajectória que o jogador do Bessa lhe pretendia dar, num momento em que

Damas estava batido e completamente fora do lance: porquanto havia sido ele quem segundo antes, defendera uma bola perigosíssima que, todavia, o impediu de «continuar» no lance.

Mas a sorte, durante estes 90 minutos, não esteve pelo lado do Boavista. Daí que tivesse sido necessário ir para o prolongamento, onde acabou por se fazer justiça, pois o triunfo dos «axadrezados» não sofre qualquer contestação.

Árbitro: Porém Luis (Leiria). As equipas:

Boavista: Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Tai; Celso, Alves (Zéinho) e Francisco Mário; Mane, Salvador e Acácio (Jorge).

Sporting: Damas; Manaca, Bastos, Alinho e Carlos Pereira (Tomé); Wagner, Nelson e Fragueto; Marinho (Paulo Rocha), Yazalde e Dinis.

Marcador: Francisco Mário.

FERNANDO PASSOS

Frescura
também para os pés!
É a opinião do
Sr. fuss frisch



fuss
frisch
pés frescos

Geral

INOVAÇÃO ROMÂNTICA/CONVENÇÃO DINÂMICA: PARADIGMA OU FATALIDADE

Continuação da pág. 3

Média, com a sua relação da dependência da cultura autoritária da Igreja com todo o seu simbolismo, passando pela Renascença, com a sua ficção unitária da perspectiva central, pelo espírito Barroco impondo convenções científicas e formais até ao Rococó com a sua regeição de tudo quanto representa a regra cortesã e acadêmica, se vive numa orgia de alternância de «convenções e inovações» de regras que se mantêm e que se superam enquanto o mundo social e político mantém as suas estruturas arcaicas e, em muitos casos, ainda feudais.

Tudo quanto pode em cada época representar «inovação» não tem uma correspondente contrapartida no mundo das «massas populares», no mundo da libertação dos trabalhadores, quer de um ponto de vista espiritual ou material.

Até que se atinge a Revolução Francesa, marco histórico na luta popular pela alteração dos privilégios da aristocracia e da burguesia feudal cuja contrapartida histórica no

mundo da arte em geral foi o mais estiolante teimoso e persistente academismo. De facto, verifica-se que ao longo da História, não há uma correspondência entre o que representa inovação em arte o que lhe corresponde historicamente em termos, não de inovação, não queríamos chegar tão longe, mas de alteração possível da sociedade pelo menos no seu sentido mais profundo que é o sentido revolucionário.

Efectivamente, poder-se-á também levantar a suspeita de que não terá havido uma verdadeira inovação na arte e que esta é apenas constituída pelo historicismo, isto é, pelo contínuo representar e evoluir do mundo (antigo), cuja apreciação se faz sempre com «novos olhos». Porém, a globalidade da sociedade é atingida mais superficial ou profundamente por todos os acontecimentos, isto é, pela matéria da História havendo uma penetração mais fácil nos meios ilustrados e cultos, onde quer se queira quer não, estão também os homens que por vida

e preocupação se encontram mais próximo dos problemas do povo. Efectivamente, é no meio do mais puro academismo artístico que se iniciam as grandes lutas pela libertação do proletariado urbano e rural europeu no século XIX, e é no auge desta luta que a reacção romântica na arte aparece para lançar o seu grande grito: originalidade a todo o custo.

E aqui poder-se-á fazer uma pausa para perguntar se a originalidade é algo que ultrapasse o puro plano da ideia, e possa tornar-se expressão, sem utilizar os materiais e experiências, que constituem o substrato histórico da vida e das formas, da luta de classes, do conhecimento da repressão e da liberdade? De tudo quanto possa representar as razões históricas e o conhecimento dos movimentos anteriores, que ao olhar romântico se podem confundir com convenções?

Efectivamente, são os românticos que levantam as suspeitas em relação a todo e qualquer tipo de regras, introduzindo para as classificar um

acento pejorativo que ainda hoje, e principalmente, se atribui a tudo quanto seja a «permanência» de um certo entendimento das coisas.

Quem terá tido pois a ideia de que uma revolução é sempre original? Terá sido Marx? Seria também ele um romântico ou pelo menos, profundamente afectado pelo Romantismo (mundo espiritual que nada tem a ver com a ideia divulgada de coração bondoso e lacrimante)?

Quem será o responsável pela manutenção da ideia de que a convencionalidade é própria dos regimes anclados e das aristocracias como o queria Madame de Staël? Tal como a arte, a política deve acima de tudo compreender e assumir a inevitabilidade das convenções as quais pertencem no fundo a todas as linguagens formais, isto é, a todas as linguagens para cuja expressão se exige uma «formulação real» contentando-se, ou de-

vendo-se contentar, em ser tão original quanto o seja possível, tentando não se deixar aprisionar no emaranhado das ideias de originalidade romântica, ou das ideias de convenção aristocrática, passadistas ou apenas burguesas.

A política tal como a arte atingirá também um estilo o qual, só será capaz de evoluir se conseguir que as convenções em que se apoia sejam suficientemente vivas e flexíveis de tal modo que assegurem uma dinâmica capaz de congrega e absover o novo o espontâneo e o não convencional.

Uma ideia artística ou uma ideia política pelos seus mecanismos de projecto e modelo, mecanismos mentais nitidamente do domínio da imaginação, só poderá formar-se e organizar-se se existir uma tradição e «malgré tout» uma «convenção» em que possa encaixar-se.

Tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco e chovia ou caíam chuviscos em várias regiões.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	13°
PENHAS DOUR.	6°
COIMBRA	12°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	16°
FARO	16°
FUNCHAL	18°

TEMPERATURAS EXTREMAS

MONTE ESTORIL

Máxima 24,3°

PENHAS DA SAUDE

Mínima 3,8°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 14,5°
Atmosfera 13,6°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.43 3,3 m	0.52 1,2 m
19.28 3,6 m	13.01 1,4 m

Dia 31

8.32 3,2 m	1.42 1,3 m
20.48 3,4 m	13.54 1,5 m

Dia 1

9.25 3,1 m	2.39 1,5 m
21.43 3,3 m	14.56 1,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 H. DE AMANHÃ

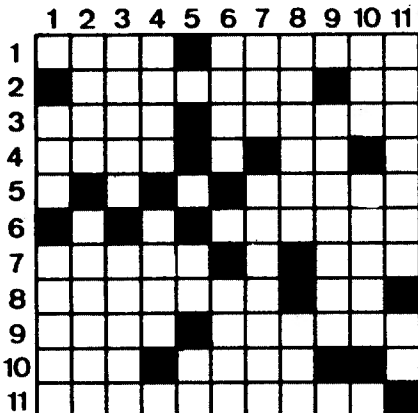
Céu geralmente muito nublado vento fraco; aguaceiros pouco frequentes.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11096

HORIZONTAIS

- 1 Quem. Refeição.
- 2 Furiosa Caminhar.
- 3 Falha. Vomitar.
- 4 Levantar. Basta.
- 5 Tempo do verbo ser. Absorvas.
- 6 Município.
- 7 Emblemas. Cabelos brancos.
- 8 Amolgar. Antes do meio dia.
- 9 Navio. Haveres.
- 10 Pronome pessoal. Apanha.
- 11 Disfarçadas.



VERTICAIS

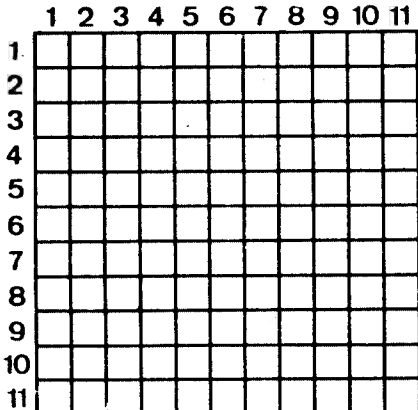
- 1 Pronome demonstrativo. Requem.
- 2 Rio da Rússia. Reima das sardinhas de salmoira (Prov.).
- 3 Irmão de Moisés. Prejuízos.
- 4 Ligar. Vivenda.
- 5 Abreviatura de Santíssimo. Aqui.
- 6 Grude. Mamífero desdentado espécie de tatu.
- 7 Sufixo que designa abundância. Escavação natural.
- 8 Sustenta. Ofereces (inv.).
- 9 O mesmo que abboras.
- 10 Cloridade. Fio metálico.
- 11 Aplanas. Catedral.

Resolva completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7254

HORIZONTAIS

- 1 Pândega (Bras.). Cidade de França.
- 2 Gostais muito de. Cai à cama.
- 3 Aldeia. Baía. Letra grega.
- 4 Nome de homem. Indivíduos estúpidos.
- 5 Compaixão. Ofereceis.
- 6 Cingiramos.
- 7 Desvairado. Preposição.
- 8 Uma das Novas Hébridas na Melanésia. Segundo.
- 9 Limpos.
- 10 Saiu frequentemente à rua. Suspiros.
- 11 Equipamos. Nome africano da noz da cola.



VERTICAIS

- 1 Ofensa grave (fig.). Produto.
- 2 Freguesia do concelho de Oeiras. Cidade da antiga Caldeia.
- 3 Uma das encarnações de Vix nú na mitologia hindu. Remavam para trás.
- 4 Separa a baganha de (o linho). Lançara o arpeú a.
- 5 Guarneço de asas. A traçoaram.
- 6 Idem.
- 7 Parede grande. Seguias.
- 8 Terminam. Acrescentei.
- 9 Radio (s.q.). Apelido. Sufixo que designa abundância.
- 10 Soluçasseis.
- 11 Vais para fora. Nota musical. Letra grega.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11095

HORIZONTAIS

- 1 A. VERDADE. É.
- 2 Vais. Amolar.
- 3 Eis. Siamos.
- 4 Lo. Já. At.
- 5 Assumiria.
- 6 Cal.
- 7 Gritaria.
- 8 Orara. Acai.
- 9 Rabiscarias.
- 10 Ia. Orão.
- 11 Acamados. Só.

VERTICAIS

- 1 Avelas. ORFÁ.
- 2 Aios. Grã.
- 3 Visas. Rabia.
- 4 Es. Uniriam.
- 5 Sam. Tas.
- 6 Daiji. Cod.
- 7 Ama. Ror. Aro.
- 8 Domai. Iaras.
- 9 Elo. Acácio.
- 10 Asa. Aa.
- 11 Er. Talais.

PROVÉRBO: A verdade é orfã

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7253

HORIZONTAIS

- 1 Gorro. Sofia.
- 2 Amais. Atuar.
- 3 Lao. Lar.
- 4 Amas. Napo.
- 5 Sôr. Avã. Sãs.
- 6 Avara.
- 7 Tri. Ira. Alo.
- 8 Ramas. Seear.
- 9 Amoras. Mada.
- 10 Calaram. Lai.
- 11 Ama. Enal.

VERTICAIS

- 1 Gabas. Traça.
- 2 Om. Moirama.
- 3 Ralar. Imola.
- 4 Oais. Aram.
- 5 Os. Avisara.
- 6 Ovar. Sa.
- 7 Sal. Aras. Me.
- 8 O. T. A. N. Em.
- 9 Furas. Acolá.
- 10 Ia. Paulada.
- 11 Arcos. Orais.

PROGRAMAS - RADIO MFA

EMISSORA NACIONAL

De 2.ª a 6.ª feira:

12.30 às 13.00

18.15 às 19.00

23.00 às 23.15

06.15 às 07.00

Aos Domingos:

10.00 às 12.00

RADIO CLUBE PORTUGUES

3.ª e 5.ª feiras:

21.00 às 21.25



Em LAGOS o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no QUIOSQUE de LAGOS

BARS BOITES

NINA — Dancing com atrações. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34959/365167. a actuar GRAZIELA DE SIRTANAS (Argentina).

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. T. 26461/264526/264596/264621/264946.

HIPOPOTAMO — Conjunto Hipopótamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinees» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Duque de Loulé, 69. T. 533117.



EMISSORA 1.ª Programa

- 17.00 Noticiário — rádio estudantil
- 18.15 Movimento das Forças Armadas
- 19.00 Informação de trânsito
- 19.05 Falar de educação — música variada
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Orquestras
- 21.45 Observação de cinema, por Damas Nunes
- 22.00 Sindicalismo, por Helena Neves e Madeira Claudino
- 22.30 Ritmos africanos
- 23.00 Movimento das Forças Armadas
- 23.15 Música variada
- 00.00 Último jornal
- 00.30 Retrospectiva
- 01.00 Saída e encerramento dos Regionais e dos MFF 1 — música na noite
- 02.00 Música na noite
- 2.ª Programa
- 16.45 Música sinfónica
- 17.30 O compositor da semana: Wagner
- 19.00 Música portuguesa
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Passagem do MF 2 a Estéreo — música ligeira variada
- 22.00 Intercâmbio musical — no intervalo: Sonata n.º 26, em mi bemol maior, op. 81-A, para piano «Sonata do Adeus», de Beethoven
- 23.30 Suite «Rodrigo» para orquestra, de Haendel
- 23.48 Quarteto n.º 2, em ré maior, de Borodine
- 00.20 Música sinfónica
- 01.00 Fecho

RADIO CLUBE

Onda Média

- 16.00 Noticiário
- 16.44 Programa C.D.C.
- 18.05 Movimento
- 21.17 Música para meditar
- 21.31 Quando o telefone toca
- 22.03 Momento político (M.D.P./C.D.E.)
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.06 Rubrica policial do inspector Varatojo
- 23.30 No Mundo aconteceu
- 00.05 Alavanca
- 02.05 A noite é nossa
- 06.03 Diário rural
- 07.03 Talismã

RADIO RENASCENÇA

- 16.05 Radiorama
- 18.00 Espaço musical
- 18.22 Música seleccionada
- 19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de Rádio Renascença

AMANHÃ

NAScer AS 6.14
OCASO AS 20.55



DIA 2 DIA 9 DIA 16 DIA 23

19.30 Espaço musical
21.08 Programa dos sócios
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Espaço musical
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

- Rádio Graça**
Das 06.00 às 10.00 e das 14.30 às 17.00
- Rádio Peninsular**
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00
- Clube Radiofónico de Portugal**
Das 12.00 às 14.30
- Rádio Voz de Lisboa**
Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO F-1
ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Neoterapia, Campo Grande, 138, (Telef. 774682); Estados Unidos, Avenida Estados Unidos da América, 16-B, (Telef. 725859).

AMOREIRAS
Pátia, Calçada dos Mes- tres, 30-A, (Telef. 680627).

AVENIDAS NOVAS
Fátima, Avenida 5 de Outu- bro, 147-A, (à Avenida Bar- bosa do Bocage), (Telef. 763107).

BAIRRO ALTO
Oliveira, Rua D. Pedro V, 123, (Telef. 327880).

BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220, (Telef. 321342-325553).

BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros, 28-A, (à Rua do Cas- quilho), (Telef. 708242).

CAMPO DE OURIQUE
Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, (Telef. 666206).

CARNIDE
Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33, (Telef. 780181).

CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54, (Te- lef. 862835).

LAPA
Pinheiro, Rua Presidente Ar- riaga, 16, (Telef. 691054).

LUMIAR
S. Tomé, estrada do Desvio, Lote 12-C, (Telef. 790704).

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10- A, (à encosta do Restelo), (Telef. 612248).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11, (Telef. 44324).

TURNO F-2
TODA A NOITE

ALCÁNTARA
Dilena, Rua Aliança Ope- rária, 49-A/B, (Telef. 636620).

ALTO DE S. JOÃO
Nova Luz, Rua D. Domingos Jardo, 28-A, (à Avenida D. Afonso III), (Telef. 843439).

ARCO DO CEGO
Palma, Avenida Duque de Ávila, 25-31, (Telef. 47088).

AREIRO
Vera Cruz, Praça Afrânio Peixoto, 2-B (à Avenida S. João de Deus), telef. 724941).

ARROIOS
Antolin, Av. Alm. Reis, 88-C (tel. 721773).

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Zira, Praça das Casas No- vas, Lote 66, (Telef. 310172).

BENFICA
Souza, Estrada de Benfica, 429, (Telef. 780027).

CAMPO DE OURIQUE
Ivone, Rua Silva Carvalho, 232-C, (Telef. 650760).

CONDE DE REDONDO

Contemporânea, Rua Conde Redondo, 26/30, (Telef. 45048).

ESTRELA

Aurelio Rego, Calçada da Estrela, 139, (Telef. 661758).

LUMIAR

Matos Viegas, Avenida Rai- nha D. Amélia, 34-B, (Quinta das Mouras), (Telef. 794174).

PENHA DE FRANÇA

Branquinho, Rua de Sapado- res, 87, (Telef. 842725).

PICHELEIRA

Marluz, Calçada da Pichelei- ra, 140-B, (Telef. 720703-728395).

S. PAULO

Ultramarina, Rua de S. Pau- lo, 99, (Telef. 321771).

XABREGAS

Romana, Rua Actor Augusto de Melo, 7-A, (Telef. 383800).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Branco, Av. C.G. Guerra, 29 (T.212081)

PAÇO DE ARCOS

Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T.2432039). Até às 22 ho- ras

OIRAS

Central, R. Conde Ferreira, 29 (T.2430058). Toda a noite

CARCAVELOS

Central. Toda a noite

PAREDE

Aisir, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (T.2472948). Até às 24 horas

S. PEDRO DO ESTORIL

S. Pedro, R. 9 de Abril, 24 (T.1263052). Toda a noite

MONTE ESTORIL

Godinho da Silveira, Av. Sa- boia, 29-B (T.260085). Até às 22 horas

CASCAIS

Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T.280141). Até às 22 horas; Cascais, R. Conde de Monte Real, B. das Caixas (T.282407). Toda a noite

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (T.935518); Carmelo, R. Elias Garcia, lote 28 (T.933303); Helena, R. Elias Garcia, 2 (T.933613); S. Jorge, R. Pe- dro del Negro, 5, Reboreira (T.938703)

DAMAIA

Lemos, R. de Goa, 21-A (T.971121)

QUELUZ

André, Av. Elias Garcia, 151 (T.950043); Queluz, Av. Mi- guel Bombarda, 123-A (T.951841)

CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (T.2940034)

MEM MARTINS

Rodrigues Rato

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (T.980456)

SINTRA

Marrazes, Vila (T.2930155)

COLARES

Abreja (T.299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE

Gameiro, L. António dos San- tos Jorge, 15 (T.234100)

ALHOS VEDROS

Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T.204350)

ALMADA

Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T.270504)

BAIXA DA BANHEIRA

Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T.2040141)

BARREIRO

Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (T.2073443)

COVA DA PIEDADE

Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (T.270254)

MOITA

União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T.239025)

MONTIJO

Diogo, R. Almirante Reis, 42 (T.230032)

SESIMBRA

Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T.229028)

SETÚBAL

Soromenho, P. Machado San- tos (T.22691); Alice, P. do Quebedo (R.23743)

SEIXAL

Godinho, L. da Igreja, 51 (T.2218580)

PORTO

TURNO 4

ATE ÀS 22 HORAS

Gondarém, Rua de Gondarém, 360, Foz; Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259; Nova Avenida, Avenida Fernão de Ma- galhães, 692; Pinheiro Manso, Rua São João de Brito, 25-29; Santa Teresa, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 100; Silva Pereira, Rua de Costa Cabral, 293; Alves, Praça do Exército Libertador, 62; Barros, Rua do Loureiro, 104; Boa Hora, Rua da Boa Hora, 80; Cameira, Rua do Heroísmo, 90 e Terreiro, Rua da Reboleira, 21

A PARTIR DAS 22 HORAS

Gondarém, Rua de Gondarém, 360, Foz; Alves, Praça do Exército Libertador, 62; Barros, Rua do Loureiro, 104 e Camei- ra, Rua do Heroísmo, 90

COIMBRA

Ssebastião, R. de António Jardim (T.28802; Paiva, P. do Comércio (T.23231)

ESTREIAS DE HOJE

SATÉLITE
AS DUAS FACES DUMA HISTÓRIA DE AMOR
CASTIL
ALGUNS
CHAMAM-LHE AMOR

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A obra mais provocante de Sidney Lumet

SERPICO

4.ª Semana

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

O filme excepção de Mike Nichols

ARTIGO 22

3.ª Semana

Hoje às 19.00 e 24.00
Grupo D (18 anos)
RAINHA CRISTINA

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A carne cobica o espírito e o espírito cobica a carne

O MONGE

c/Franco Nero e Nathalie Delon

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

com Sylvia Kristel

Aviso ao público: Este filme con- tem cenas eventualmente cho- cantes

5.ª Semana

ALVALADE

T. 717480 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O último filme do imortal Bruce Lee

A FÚRIA DO DRAGÃO

2.ª Semana

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 13 anos

JOE HILL

de Bo Widerberg

Às 24 h. M/18 anos

DIVÓRCIO

Elisabet Taylor e Richard Burton

CINEMA 2000

T. 2100055 15.30, 21.15

para todos

Cliff Richard é **O SONHO DE UMA ESTRELA**

LIDO

T. 937593 21.15

Interdito a menores de 18 anos

EMMANUELLE

com Sylvia Kristel

Grupo B-10 anos

MY FAIR LADY

c/ Audrey Hepburn

Grupo D-18 anos

A NOIVA DO PIRATA

T. 971794 21.00

Grupo D-18 anos

A NOIVA DO PIRATA

cinemas

UNIVERSAL

T. 774402 16.30, 22.30

Não acons. a menores de 13 anos

A CORAGEM DO POVO
de Jorge Sanjines

Não acons. a menores de 18 anos

14.30, 20.30

MORTE DE UM LENHADOR

em 7.ª Semana

Uma obra-prima de Billy Wilder

A PRIMEIRA PÁGINA

com Jack Lemmon

EDEN

T. 320768 14.00, 16.30, 19, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O último filme do imortal Bruce Lee

A FÚRIA DO DRAGÃO

2.ª Semana

TIVOLI

T. 570595 15.15, 18.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

A história de uma ambição

A história de um amor

Alain Delon em

A RAÇA DOS SENHORES

4.ª Semana

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

LIBERDADE À SOLTA

c/ Bernard Le Coq

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15

Não acons. a menores de 18 anos

JUNTOS SÃO DINAMITE

c/ Terence Hill, Bud Spencer

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00, 21.30

Não acons. a menores de 18 anos

PUNIÇÃO DIABÓLICA

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

com Robert Stevens

CALEIDOSCÓPIO

T. 794141 14.00, 17.30, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

3 dias de paz,
música ... e amor

WOODSTOCK

4.ª Semana

CONDES

T. 322523 15.00, 18.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

PAPILLON

com Steve McQueen Dustin Hoffman

Do livro ao cinema — o maior êxito mundial!

8.ª Semana

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15

Interd. a menor. 18 anos

A triunfal Comédia Brejeira

DECAMERON PROIBIDO

com Eva Maria Grubmuller e Pupo de Lucas

NA FALTA DO MARIDO... DES- TRAVA COM «OUTRO...»

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Ele tinha todos os vícios

FRITZ O GATO

Fritz é um gato sujo, boêmio revolucionário, preocupado com a política e o sexo...

4.ª Semana

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

ALTA TENSÃO EM NOVA IORQUE



REMANESÇA GRAFICA S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1.º 2.º E 4.º
TELEF. 654.31.2/3/4
REDAÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA 1.º DE SETEMBRO, 44
TELEF. 321.154.5 1202.71/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. OUBO. TELEF. 123.63
LISBOA PORTUGAL

Cimeira da N.A.T.O.

Continuação da pág. 1

J. Tais pontos seriam aliás abordados à tarde, depois do encontro com Gerald Ford, nas entrevistas que Vasco Gonçalves, sempre acompanhado de Rosa Coutinho, teve com Trudeau, primeiro-ministro do Canadá e com Harold Wilson, chefe do Governo inglês. Vasco Gonçalves acabaria por deitar-se a meio da madrugada.

O ENCONTRO COM FORD

Segundo Kissinger, o encontro Ford-Vasco Gonçalves decorreu numa atmosfera amistosa. «Foi muito franco e permitiu uma troca útil de pontos de vista.» Kissinger, que assistiu a todas as entrevistas do presidente, afirmou que este não pediu ao Chefe do Governo Português «garantias» quanto à evolução interna no seu país. Acrescentou que os Estados Unidos se regozijaram com as mudanças registadas em Portugal no sentido de um sistema mais democrático e exprimiu a sua boa vontade a este respeito.

O general Vasco Gonçalves procurou ser tranquilizador. O Chefe do Governo Português disse, em substância, ao presidente Gerald Ford, que a situação no seu país não é tão grave como se diz geralmente e que a democracia não está em perigo. Em suma, disse ter confiança num compromisso entre comunistas e socialistas que deixe subsistir o pluralismo dos partidos em Portugal.

Leo Tindemans, primeiro-ministro belga, que também se avistou com Vasco Gonçalves, foi mais concreto. «Vasco Gonçalves», disse ele à imprensa «pensa que nós não estamos bem informados do que se passa em Portugal, nem quanto à situação real, nem quanto à evolução dos partidos portugueses.»

O certo, porém, é que Ford e Kissinger receberam uma informação directa de dois dirigentes portugueses, dos mais responsáveis pela construção da nova realidade portuguesa.

«Assim, acredita-se que pelo menos os governantes norte-americanos não possam regressar aos Estados Unidos desinformados do que se passa em Portugal.»

Ou seja: que a realidade interna de Portugal diz respeito somente aos portugueses e que no campo das relações externas, como tem sido reafirmado pelo M. F. A., Portugal honrará os seus compromissos lealmente.

O Primeiro-Ministro português apresentou-se ao encontro com Ford, descontraído, com um fato cinza claro e tinha a seu lado o almirante Rosa Coutinho, sempre expansivo. Ford, com seu tom de pele avermelhado, estava sério e trajava um fato cinza pesado.

A seu lado e noutra poltrona, estava Henry Kissinger, também com um fato cinza claro e com uma gravata preta e branca.

A delegação portuguesa era ainda formada pelo comandante João Uva de Matos Proença, adjunto-civil do Primeiro-Ministro, comandante Francisco Duarte Lima, adjunto de Rosa Coutinho e o embaixador Fernando de Magalhães Cruz, director-geral dos Serviços Políticos do Ministério dos Negócios

Estrangeiros.

Como previa o protocolo, não houve declarações nem da parte portuguesa nem da americana, nem antes nem depois do encontro.

ESPAÑA É MOTIVO DE PREOCUPAÇÕES

Entretanto prevê-se que os dirigentes da N. A. T. O. reafirmarão hoje a sua solidariedade, a seguir à promessa do presidente Ford de que os Estados Unidos estão ainda totalmente empenhados em defender de qualquer ataque os seus aliados.

Um comunicado, no fim da cimeira de dois dias da N. A. T. O., em Bruxelas, advertirá qualquer provável inimigo que as nações aliadas consideram uma agressão armada contra um dos signatários do pacto como um ataque contra todos, disseram fontes afectas à conferência.

Ontem, num significativo discurso político, Ford dissipou receios de que os Estados Unidos poderiam vacilar quanto aos seus compromissos para com a N. A. T. O., a seguir à derrocada da sua política na Indochina.

O significado do seu discurso foi evidente: «Os Estados Unidos da América continuam incondicional e inequivocamente fiéis aos compromissos que assumiram, quando firmaram o Tratado do Atlântico Norte, incluindo a obrigação, contida no artigo 5, de virem em auxílio de qualquer nação sujeita a ataque armado.»

Embora os aliados europeus dos Estados Unidos acolhessem calorosamente essa promessa, alguns deles mostraram-se preocupados com o apelo do presidente Ford, numa declaração feita ontem à noite, para eles mais estreitos entre a N. A. T. O. e a Espanha.

Estas fotografias foram-nos entregues ontem pelo major Gomes Marques, do Copcon, e mostram, segundo o referido oficial, o estado em que ficaram dois dos recentes sequestrados pelo M.R.P.P. depois das sevícias praticadas durante os interrogatórios a que a organização maoísta os submeteu. Aliás, o mesmo oficial é formal acerca dos motivos da operação militar: não se tratou de desmantelar o M.R.P.P., sim de tentar identificar e deter, para posterior acção judicial, os autores de crimes de foro comum — sequestro e agressão, nomeadamente.

Entretanto houve ontem à tarde distúrbios envolvendo militantes do M.R.P.P. nas imediações do forte de Caxias (onde se encontram os detidos), em Alcântara, na Calçada do Combro, na Pontinha e em Benfica. Novas forças do Copcon, com especial incidência para a P. M., intervieram naqueles locais. Quanto aos presos, um comunicado do M.R.P.P. confirma estar o secretário-geral Arnaldo Matos nesse rol. Dois jornalistas, José António Freire Antunes, da Redacção do «Diário de Lisboa» e secretário de Imprensa do Comité Lenine, e Almeida Peruch, do «Expresso», encontraram-se também em Caxias.

No comunicado acima referido o Comité Executivo do Comité Lenine afirma que a organização não deve «renunciar ao trabalho legal», antes há-de «desenvolvê-lo e intensificá-lo, organizá-lo melhor, romper para novos quadrantes e pôr em jogo novas formas e uma nova imaginação», embora o trabalho clandestino seja «o centro da actividade» do M.R.P.P. Balanço da situação: «A situação é mais excelente do que nunca. O futuro é radioso, mas o caminho é sinuoso.»

Um incidente de perseguição registou-se com o advogado Roque Laia, que tentou ontem, em vão, avistar-se com o comando

AUTORIDADES PREVEEM ACÇÃO JUDICIAL CONTRA SEQUESTRADORES DO M.R.P.P.



do forte de Caxias e com detidos do M.R.P.P. O caudico protestou veementemente.

PRESOS QUATRO COLADORES DE CARTAZES

Quatro simpatizantes do M.R.P.P. foram detidos esta madrugada na estação do Rossio quando procediam à colagem de cartazes convocando a população para um comício amanhã em Paco de Arcos. A detenção, ocorrida cerca das 2 e 30, foi feita por um grupo de militares trajando, na sua maioria, à civil.

Depois de rasgarem os cartazes, os militares fizeram seguir os quatro detidos para a Amadora no furgão dum comboio, aparentemente com destino ao Batalhão de Comandos, de onde poderão já ter transitado para o forte de Caxias.



Durante o incidente os captores investiram o M.R.P.P. pelo que consideram ofensivo em várias atitudes da organização maoísta para com os Comandos.

OS INTERROGATÓRIOS DOS PRESOS

Segundo indicações de elementos afectos ao M.R.P.P., Arnaldo Matos, secretário-geral daquele partido maoísta, e Fernando Rosas do Comité Central, encontram-se neste momento em celas alagadas, com água à altura dos tornozelos, depois de terem sido separados dos outros camaradas.

Tentámos confirmar estas notícias junto do Copcon, mas

o oficial de dia recusou-se a confirmar ou a desmentir, declarando simplesmente que nem sequer podia confirmar ou negar aquelas prisões.

Alguns dos militantes do M.R.P.P. que saíram, após terem sido identificados, afirmaram à reportagem do «Diário de Lisboa» que dentro da prisão se travam lutas entre os presos e os guardas. A maioria dos presos recusa identificar-se. Ainda segundo a mesma fonte, os presos estariam a ser submetidos a interrogatórios contínuos.

Algumas das pessoas libertadas apresentam-se molhadas e com equimozes. Afirmam que os ameaçaram de afogamento e que lhes disseram que a prisão está roada de gente do P.C., do P.S. e da F.S.P., que os vai matar. Em contacto com o Copcon, este afirmou-nos ser natural que o M.R.P.P. diga estas e outras coisas.

Sobre o facto de os advogados não poderem visitar os presos, foi-nos dito que, durante as primeiras 48 horas, não poderia haver contactos com o exterior.

AS FAMÍLIAS AGUARDAM AS PORTAS DA PRISÃO

Muitas famílias aguardam na mata, junto ao reduto Norte, notícias dos seus. Mesmo durante a noite, houve gente que não saiu do local. Esta manhã, lá continuavam face a uma Companhia dos Comandos, de armas engatilhadas.

Ontem, pelas 18 e 30 houve tiros para o ar, quando chegaram, transferidos da cadeia de Peniche, 37 presos da zona do Bombarral e Peniche. Os familiares formaram uma barreira para não deixar entrar os camiões na prisão.

FINALMENTE... SERVIÇO CÍVICO

Um decreto-lei do Ministério da Educação e Investigação Científica, inserto na folha oficial de hoje, institui, a nível nacional, o Serviço Cívico Estudantil, destinado a estudantes de ambos os sexos, em regime de inscrição voluntária.

Segundo o diploma agora tornado público, visa esse Serviço os seguintes objectivos: a) Assegurar aos estudantes uma mais adequada integração na sociedade portuguesa e um mais amplo contacto com os seus problemas, a par de melhor compreensão das necessidades e carências da população; b) Garantir maior harmonização do conteúdo e prática do ensino com as situações concretas da vida nacional; c) Contribuir para a combinação da educação pelo trabalho intelectual com a educação pelo trabalho manual e quebrar o isolamento da escola em relação à vida, da cidade em relação ao campo; d) Possibilitar aos estudantes, em certa medida, uma avaliação das opções feitas e eventualmente despertar-lhes vocação e interesse por vias profissionais de mais imediato proveito para a colectividade; e) Contribuir para a reconversão do sistema de ensino, fomentar o espírito de trabalho colectivo, incentivar a

cooperação entre os estudantes e o povo trabalhador, preparar e assegurar a participação dos estudantes nas tarefas da construção da democracia e do progresso do País; f) Apoiar a criação de infra-estruturas sociais de que o País necessita; g) Contribuir, na medida do possível, para melhorar as condições de vida as populações mais necessitadas, mediante a realização de tarefas urgentes que não possam ser garantidas pelo recurso ao mercado de trabalho.

O Serviço Cívico Estudantil insere-se no programa global da reconstrução do País e será sempre orientado no sentido não só de evitar qualquer abastecimento na oferta de emprego, como ainda de incentivar, através de uma dinâmica reprodutiva, a criação de novos postos no mercado de trabalho.

Este Serviço, que em caso algum poderá ser utilizado contra os interesses dos trabalhadores, nomeadamente em situação de greve, não excederá a data limite de 30 de Setembro do ano escolar correspondente.

Na distribuição dos postos e tarefas, ter-se-ão em conta todos os factores que possam proporcionar fácil adaptação dos candidatos aos trabalhos

e ao meio social que os vai integrar. Aos estudantes admitidos será assegurada, em termos a definir, a satisfação das necessidades fundamentais de alimentação, alojamento e transportes, desde que, por virtude do afastamento em relação ao meio familiar, situação económica ou outro motivo atendível, não lhes seja possível ocorrer pessoalmente a tais despesas. Será também garantida a utilização dos serviços de saúde escolar e outros que irão integrar o Serviço Nacional de Saúde, bem como a aplicação, sem pagamento de qualquer prémio, de adequado esquema de seguro contra acidentes.

No ano escolar em curso, a faculdade de inscrição no Serviço Cívico Estudantil será limitada aos candidatos à frequência do 1.º ano das escolas oficiais do ensino superior, nos termos determinados pelas normas que regulam o acesso ao ensino superior.

Serão definidos em diploma especial os termos em que a prestação do Serviço Cívico Estudantil será tida em conta para efeitos de adiamento de obrigações militares e de redução do período de serviço militar obrigatório.

Constituinte abre segunda-feira à tarde

Foi definitivamente marcada para as 16 horas da próxima segunda-feira a sessão inaugural da Assembleia Constituinte. O presidente Costa Gomes, estará presente, devendo o prof. Henrique de Barros, indigitado pelo P.S. para primeiro sucessor do eng.º Amaral Neto em liberdade, proferir a alocução de boas-vindas.

Por enquanto o nome do catedrático de Agronomia é apenas uma forte possibilidade para ocupar a presidência da Constituinte, mas tudo indica que nenhum partido (pelo menos o P.P.D., P.C.P., C.D.S. e M.D.P.) se oporá à designação formal. Continua a especular-se sobre diversos pormenores

do funcionamento da Assembleia, inclusive quanto à aparentemente anódina questão da localização dos grupos de deputados. Uma hipótese seria sentá-los, da esquerda para a direita do hemiciclo, da seguinte forma: P.C.P., M.D.P., P.S., P.P.D. e C.D.S., com o deputado da U.D.P. em lugar de primeira fila na extrema-esquerda e o de Macau nos seus antipodas, digamos assim.

Se se efectivar a atribuição da presidência ao prof. Henrique de Barros, o P.P.D. e o P.C.P. teriam os dois lugares de vice-presidentes. Haveria ainda quatro secretários, dois dos quais representando o C.D.S. e o M.D.P.

Diário de Lisboa

Vende-se em toda a França

Transportado pela Air France (com a colaboração da escala de Lisboa da TAP) e distribuído pelas «Nouvelles Messageries de la Presse Parisienne»